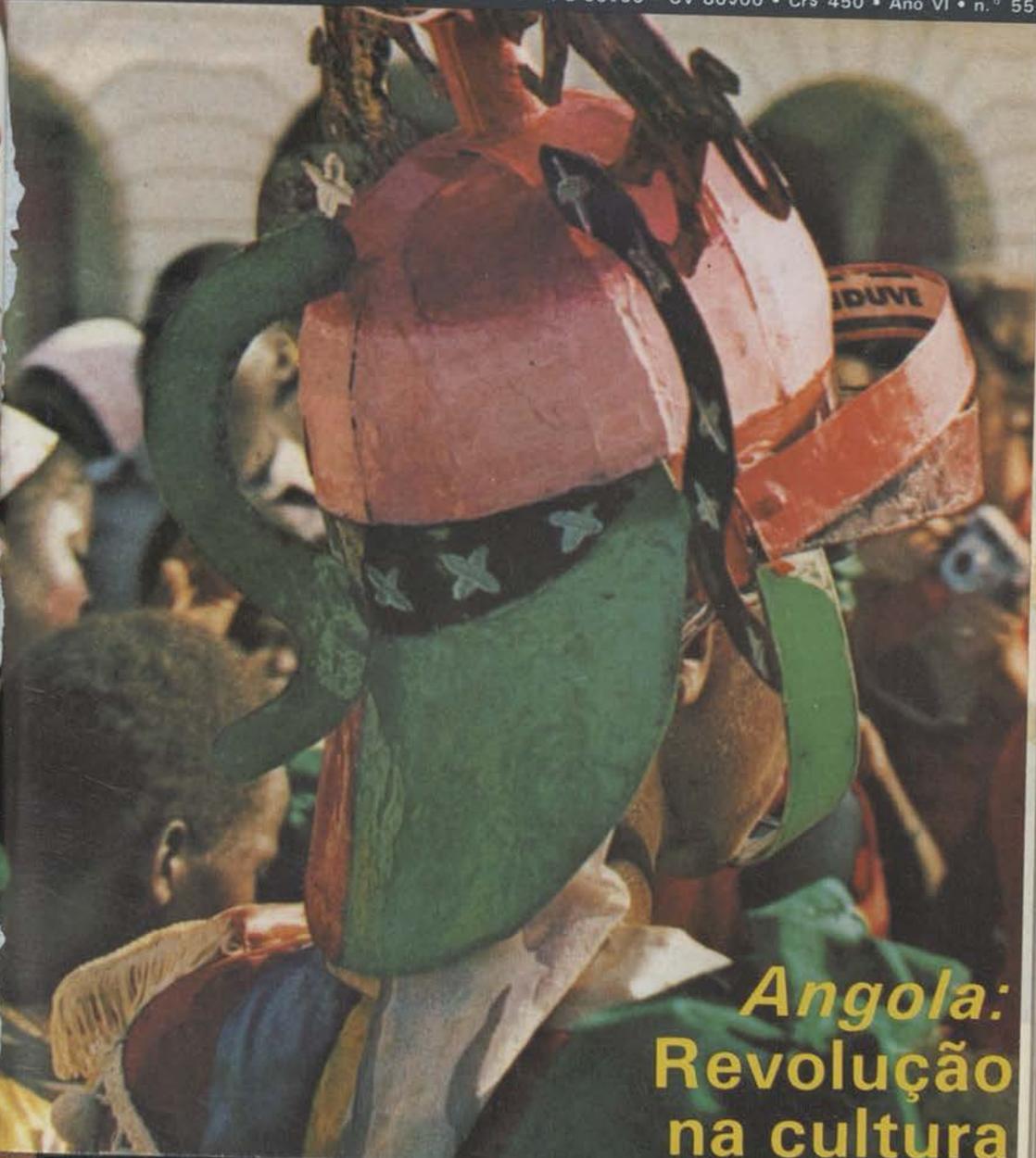


cadernos do

# terceiro mundo

Timor Leste  
Que cessar-fogo  
Língua portuguesa  
em debate

sal • Agosto 1983 • Esc. 80\$00 • Kz 60.00 • Mt 80\$00 • PG 80\$00 • CV 80\$00 • Cr\$ 450 • Ano VI • n.º 55



**Angola:  
Revolução  
na cultura**



**TAAAG**

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA  
★  
ANGOLA AIRLINES

## Cultura angolana

É raro esta revista dedicar a capa a um tema cultural. A estrita realidade política do imenso espaço que é vocação editorial de *cadernos do terceiro mundo*, é suficiente conturbada e em constante mutação para que ocupemos quase sempre as nossas capas com situações de actualidade. Ainda que nos limites impostos pela periodicidade mensal de "cadernos".

Desta vez, porém, isso não acontece. A presente edição tem como assunto de capa a criação cultural que, no meio de uma guerra de agressão, não cessa em Angola. Preenchem essas páginas uma panorâmica sobre o novo cinema angolano, testemunho valioso do percurso revolucionário, e uma entrevista com Pepetela, escritor desde sempre comprometido com a luta dos seu povo e autor de uma das mais importantes obras da literatura africana: *Mayombe*.

De cultura também se trata no artigo, de certo modo polémico, onde se faz um balanço do que foi o Congresso da Língua Portuguesa recentemente realizado em Lisboa. Que futuro terá (ou deverá ter) a língua portuguesa que falamos? Sendo difícil resposta concludente, o máximo pretendido aqui é expor um contributo para uma questão que a todos diz respeito.

O cessar-fogo em Timor Leste, recentemente revelado mas já violado, é analisado no contexto da tenaz luta de resistência do povo maubere, que tem, em monsenhor Martinho Lopes — bispo resignatário de Dili por "conselho" supremo que longamente entrevistámos — um corajoso defensor da independência maubere.

Em meados de Julho realizou-se no Maputo uma Cimeira a alto nível da SADCC (*Southern African Development Coordination Conference*) que agrega nove países da África Austral num projecto de cooperação económica regional. O nosso correspondente na capital moçambicano, Etevaldo Hipólito, partilha da opinião de outros observadores de que, três anos após a sua formação, a SADCC apresenta um balanço positivo, sendo hoje um factor preponderante no desenvolvimento dos países desta zona do continente, obrigados a fazer face à política desestabilizadora do regime de Pretória.

Uma última referência às três edições lançadas em Julho pela equipa de Lisboa de *cadernos do terceiro mundo*. O "guia-83" está finalmente à venda, apresentando muitas inovações em relação às edições precedentes. Com "Sobre a unidade no pensamento de Amílcar Cabral", de Sérgio Ribeiro e "El Salvador — O caminho dos guerrilheiros", de Carlos Gil, damos início à "Colecção Terceiro Mundo" onde pretendemos publicar obras de diversa índole subordinadas, no entanto, a uma perspectiva terceiro-mundista. Uma nova actividade editorial a que não nos faltam projectos e na qual depositamos grandes esperanças.

**Editor e Director:** Artur Baptista  
**Propriedade:**  
Tricontinental Editora, Ld.\*  
**Redacção e Sede da Administração:**  
Calçada do Combro, 10-1.\*  
tel. 320650 1200 Lisboa  
telex 42720 CTM TE P  
Tiragem desta edição: 36.000 exemplares  
Número de registo do Serviço de Depósito  
Legal: 789/82

**Editor Geral**  
Nelva Moreira

**Editoras Associadas**  
Pablo Piacentini e Beatriz Bissio

**Conselho Editorial Internacional**  
Darcy Ribeiro - Juan Somavia  
Henry Pease Garcia  
Aquino de Bragança  
Wilfred Burchett

**Edições em português**

**ANGOLA - CABO VERDE  
GUINÉ-BISSAU - MOÇAMBIQUE  
PORTUGAL - S. TOMÉ E PRÍNCIPE**

**Redacção**  
Baptista da Silva  
Carlos Pinto Santos  
Alice Nicolau  
Guimar Belo Marques

**Paginação**  
Helena Salvador  
José Santa-Bárbara

**Revisão**  
Estevam Reis  
**Documentação e Arquivo**  
Cristina Assis

**Serviços Comerciais**  
José C. Figueiredo

**Publicidade**  
José Ferreira  
Cristina Campos  
Maria João Macedo

**Composição e Impressão**  
Jornal do Comércio e Gráfica Europam

**Distribuição**  
CDL Central Distribuidora S.A.R.L.

**Representantes**  
**Angola**  
Luís Henriques, C.P. 3593, Luanda  
**Moçambique**  
Ezevaldo Hipólito e João Escadinha  
Rua Kongwa, 153, Maputo  
tel. 25140

**BRASIL**

**Director Administrativo**  
António Neves

**Director Administrativo**  
Altair L. Campos

**Secretário de Redacção**  
José C. Godim

**Arte**  
Samara (editor de arte)  
Sónia Freitas

**Revisão**  
Cláudia Guimarães

**Documentação e Arquivo**  
Lidia Freitas

**Composição**  
Eunice H. Senna  
**Distribuição e Assinaturas**  
Ronaldo Fonseca

**Inácio D. Santos**  
Mário José S. Santos  
**Divulgação**  
Henrique Menezes

**Representantes**

Cívica Sena (Brasília)  
Paulo Cannabrava Filho (São Paulo)  
Caixa Postal 80086 - CEP 05033  
Beatriz Schiller (Estados Unidos)  
18 East 18th Street ap. 3E  
Nova York - NY 10003  
Tels: (212) - 691-9142/929-5783

**Fotolito e Impressão**  
Ebitou Gráfica e Editora Ltda  
Rua do Senado, 349  
Tels: 250-2505/232-0123  
**editora terceiro mundo ltda.**  
Rua da Glória, 122 - grupo 105/106  
Tel.: 242-1957/Telex: 2133054CTMB/BR  
CEP20.241 - Rio de Janeiro - RJ  
Registo na Junta Comercial do Estado  
do Rio de Janeiro n.º 33.200.306.291  
C.G.C. (MF) n.º 30.876.783/0001-32  
Inscrição Estadual n.º 81.341.400  
Registo no INPI n.º 013.539  
Registo no SCDP/SR/DPF  
n.º 2.195 - P. 209/73

**Edições em espanhol**

**MÉXICO - AMÉRICA CENTRAL  
AMÉRICA DO NORTE E CARAÍBAS**

**Editor**  
Roberto Remo  
**Gerente Geral**  
Gerónimo Cardoso  
**editora periodistas del tercer mundo s.a.c.**  
calle California, 98A - Coyacán  
México, 21 DF - teléfono: 689-1740  
Correspondência: Apartado Postal, 20 572  
México, 20, DF

**BOLÍVIA - CHILE - COLÓMBIA  
EQUADOR - PERU - VENEZUELA**

(Edição andina)  
Publicada por DESCO: centro de Estudios y  
Promoción del Desarrollo  
Avenida Salaverry, 1945  
Lima, 14 Peru - Teléfono 724-712

**Edições em inglês**

**ESTADOS UNIDOS - CANADÁ  
EUROPA E PAÍSES DE LÍNGUA  
INGLESA NO TERCEIRO MUNDO**

**Editor**  
Fernando Molina  
**Editor Consultivo**  
Cedric Beffrage  
Apartado Postal, 20 572 b - México, DF

**Circulação em 70 países**

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: **ANGOP** (Angola), **AIM** (Moçambique), **INA** (Iraque), **IPS** (Inter Press Servic), **SHIHATA** (Tanzania), **WAPA** (Palestina), e do *povo* de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém um intercâmbio editorial com as revistas **Hueva** (Equador), **Novembro** (Angola), **Tempo** (Moçambique) e com o jornal **Daily News** de Dar-es-Salaam (Tanzania).

**DISTRIBUIDORES**

**ANGOLA:** EDIL - Empresa Distribuidora Livreira UEE, Avenida Luis de Camões, 111, Luanda. **BELIZE:** Cathedral Book Center, Belize City. **BOLÍVIA:** Tecnolibros S.R.L., Casilla de Correo 20288, La Paz. **BRASIL:** Fernando Chagnaglia Distribuidora S.A., Rua Teodoro de Sá, 907 - Rio de Janeiro. **CABO VERDE:** Instituto Cabo-Verdiano do Livro, Rua 5 de Julho, Praia. **CANADÁ:** Third World Books and Crafts, 748 Bay St. Ontario Toronto - The Bob Miller Book Room, 180 Block St. West, Toronto. **COLÓMBIA:** Ediciones Suramérica Ltda., Carrera 30 n.º 23-13, Bogotá. **COSTA RICA:** Semanário Nuevo Pueblo, Av. 8 Calles 11 y 13 N.º 1157, San José. **CHILE:** Distribuidora Sur, Dardignac 306, Santiago. **EQUADOR:** Edicionesesociales, Córdoba 601 y Menduburo, Guayaquil - RAYD de Publicaciones, Av. Colombia 248, of. 205, Quito. **EL SALVADOR:** Tel: 517590, Reg. Sendy Pax 1258. **EL SALVADOR:** Librería Tercer Mundo Primera Calle Poniente 1000, San Salvador - El Quiote, Calle Arce 708, San Salvador. **ESTADOS UNIDOS:** Guild News Agency, 1118 W. Amittage Ave., Chicago, Illinois - New World Resource Center, 1478 W. Irving Pl., Chicago, Illinois - Librería Las Américas, 152 East 23rd Street, New York, N.Y. 10010 - Third World Books, 100 Worcester St., Boston, Mass 02118 - Librería del Pueblo, 2121 St. New Orleans, LA 70130 - Papyrus Booksellers, 2915 Broadway at 114th St., New York, N.Y. 10025 - Tom Mooney Bookstore, 2595 Folsom Street, San Francisco, CA 94110 - Book Center, 516 Valfinca St., San Francisco, CA - Red and Black, 4736 University Way, Seattle - Groundwork Bookstore, U.C.S.D. Student Center B-023, La Jolla, CA. **FRANÇA:** Centre des Pays de Langue Espagnole et Portugaise, 16 Rue des Ecoles, 75005 Paris. **GR. BREITANHA:** Latin American Book Shop, 25 Islington Park Street, London. **GUINÉ-BISSAU:** Departamento de Edição-Difusão do Livro e Disco, Conselho Nacional da Cultura. **HO-LANDA:** Athenaeum Boekhandel, Spui 14-16, Amsterdam. **HONDURAS:** Librería Universitaria - José Trinidad Reyes, Universidad Autónoma de Honduras, Tegucigalpa. **ITALIA:** Poesi Nuovi, Piazza di Montecitorio 59/60, Roma - Feltrinelli, Via de Babuino, 41 Roma - Alma Roma, Piazza P. Paoli, 4-A, Roma - Spagnoli, Via Monserrato, 35/B, Roma - Uscita, Bianchi Vecchi, 45 Roma. **MÉXICO:** Unión de Expendedores y Vocadores de Periódicos, Humboldt N.º 47, México 1, D.F. - Distribuidora Sayrols de Publicaciones, S.A., Mier y Pesado N.º 130, México 12, D.F. - Librerías México Cultural, Mier y Pesado N.º 128, México 12, D.F. - Metropolitana de Publicaciones, Librería de Cristal y 100 librerías em todo o país. **MOÇAMBIQUE:** Instituto do Livro e do Disco, Ave. Ho Chi Minh 103, Maputo. **NICARÁGUA:** Ignacio Bienes Torres, Reparto Jardines de Santa Clara, Calle Oscar Pérez Casas N.º 80, Quinta Soledad, Managua, Nicarágua. **PANAMÁ:** Librería Cultural Panameña, S.A., Ave España 16, Panamá. **PERU:** Distribuidora Runamarka, Ce-maná 878, Lima 1. **PORTUGAL:** CDL, Av. Santos Dumont, 57, 1000 Lisboa. **PORTO RICO:** Librerías La Tertulia, Amalia Marin Esq., Ave González, Río Piedras - Fensamiento Crítico, P.O. Box 22918, 85th inf. Station, Río Piedras, P.R. 00929. **REPÚBLICA DOMINICANA:** Centro de Estudios de la Educación, Juan Sanchez Ramirez 41, Santo Domingo - DESVIGNE, S.A., Ave Bolívar 354, Santo Domingo. **REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA:** Gunther Hopfenmüller, Jüngstr. 155, 2102 Hamburg. **S. TOMÉ E PRÍNCIPE:** Ministério de Informação e Cultura Popular. **SUÉCIA:** Wenngrön-Williams AB, S-10425 Stockholm. **VENEZUELA:** Publicaciones Españolas, S.A., Ave México Lectosa a Pie, Bvta Caracas.



4 **Cartas**

6 **Panorama Tricontinental**

12 **Editorial: UNCTAD VI, o impasse do diálogo Norte-Sul**

15 **Matéria de capa: Angola, Revolução na cultura**

16 O pescoço da gazela, *Orlando Senna*

25 Pepetela: "Estamos apenas no começo", *José Carlos Gondim*

**África**

30 **África Austral: Consolidação e fortalecimento do SADCC, Etevaldo Hipólito**

35 **Moçambique: FACIM abre novos mercados**

37 **Chade: Dezassete anos de guerra civil, Carlos Castilho**

Os apoios de Habré, *Carlos Pinto Santos*

42 **Cabo Verde: II Congresso do PAICV**

**América Latina**

45 **Argentina: Democratizar todos os aspectos da vida nacional, Micaela Ramada**

49 **Venezuela: Acção Democrática prepara-se para regressar ao poder, Paulo Cannabrava Filho**

53 **Pompeyo Márquez: "Fortalecer o sector agrícola"**

55 **Guatemala: O Verbo fez-se presidente**

58 **Nicarágua: Como foi desbaratado o plano da CIA, Roberto Bardini**

**Médio Oriente**

62 **Os riscos de um confronto entre a Síria e Israel, Mohamed Salem**

66 **Irão-Iraque: Uma leve esperança, Agustin Castano**

**Ásia**

68 **Timor-Leste: Pausa no combate?, Alberto Costa Alves**

73 **A batalha diplomática**

75 **O direito do povo maubere, Baptista da Silva/Carlos Pinto Santos**

**Norte/Sul**

80 **As transnacionais preferem guardar segredo, Agustin Castano**

**Desarmamento**

82 **Uma reunião pela vida**

84 **Notas de Comunicação**

**Cultura**

86 **Um Congresso discutível, Orlando Loureiro**

91 **Livros**

96 **Humor: Wasserman**



*A cultura angolana*



*Três anos de cooperação regional*



*Monsenhor Martinho Lopes*

cadernos de  
**terceiro mundo**

**Novo preço**

*O constante e acelerado aumento dos custos de produção, as revisões contratuais salariais, encargos bancários e outros, obrigam-nos uma vez mais a actualizar o nosso preço de capa, cuja última revisão remonta a Abril de 1982. Se dezasseis meses é no tempo um espaço curto, em termos de inflação representa o que todos sabemos. Que o digam os nossos companheiros brasileiros, forçados no mesmo período a imprimirem um aumento de capa de 300 por cento! O nosso é mais modesto, "apenas" 25 por cento. Quer isto dizer que o leitor terá de pagar com uma nota de cem escudos a próxima edição de "cadernos".*

**OLP em debate**

A imprensa portuguesa tem especulado muito sobre as divergências que se fazem sentir no seio da OLP. Tem sido particularmente realçado o facto de a Síria contestar a liderança de Arafat e apoiar grupos extremistas dentro da própria Organização para a Libertação da Palestina. Não sendo, com efeito, uma situação em si mesma fácil de se entender, tenho procurado tirar as ilações possíveis das informações vindas a lume na imprensa, em Portugal. Penso que seria de toda a utilidade que *cadernos do terceiro mundo* abordasse esta questão no sentido de clarificar e esclarecer dúvidas que muitas pessoas que estão incondicionalmente ao lado da causa palestina possam eventualmente ter, em virtude do tipo de especulação que em torno desta questão tem sido levantado. Parece-me que seria igualmente de todo o interesse que os "cadernos", apesar das divergências existentes no seio da OLP, desse notícia, o que tem sido um pouco esquecido no meio de toda esta polémica, do andamento da luta do povo palestino.

*Luís Filipe Ramos, Lisboa*

*N.R. — Procurando estar atentos a esse tipo de questões e sendo um dos nossos principais objectivos precisamente o de esclarecer questões que a demais imprensa escamoteia, informamos o nosso leitor que neste número poderá encontrar já algo de esclarecedor sobre esta questão que continuará a ser abordada nos nossos próximos números.*

**Nova Ordem Informativa Internacional**

(...) Uma coisa que ainda não consegui perceber muito bem é em que consiste exactamente a Nova Ordem Internacional da Informação. Por vezes ela é referida em artigos dos "cadernos" mas eu ainda não consegui entender se é assim uma coisa do tipo da Nova Ordem Económica Internacional, só que em termos de informação. Talvez não fosse disparatado

tratarem melhor dessa questão, pois é possível que tal como eu haja mais pessoas com o mesmo tipo de dúvidas.

*José António Madeira, Coimbra*

*N.R. — A problemática da Nova Ordem Informativa Internacional (NOII) tem sido um tema a que habitualmente dedicamos regular atenção. O leitor poderá encontrar diversos textos sobre o assunto ao longo de várias edições de "cadernos", mas podemos remetê-lo para uma edição especial onde as questões relacionadas com a NOII ocuparam nada menos do que 30 páginas. Aconselhamos igualmente a consulta às três edições do guia do terceiro mundo, de 1980, 1981 e a deste ano, que acaba de ser publicada.*

**"Evolução"**

*Absorve a realidade e vê o que te oprime inimigo é*

*Cria sentido de revolta e crê que o futuro amigo é*

*Marcha em frente e só o complemento ardente daquilo que se não é*

*Jorge Baptista da Silva*

**Malvinas**

(...) Achei muito oportuna a reportagem sobre as Malvinas, publicada no n.º 53 e sobretudo a do sr. Juan Cardozo contando cruamente a sua decepção com a guerra e com o seu exército que ele servia há tanto tempo. Admirei a sua coragem em dar baixa com a patente de tenente, deixando de ganhar um bom ordenado mensal, para voltar à vida civil, quase sem nada e para começar tudo de novo.

*Rubens Bonetti, Nova Esperança, Paraná, Brasil*

**Má distribuição**

Não tenho uma ideia muito concreta do modo como se processa a distribuição dos "cadernos" no resto do país, mas se for semelhante à do Porto tenho de concluir que deixa muito a desejar. Por vezes é necessário percorrer várias tabacarias e arduas até encontrar a revista que nalguns meses surge num local para nos meses seguintes aparecer noutro. Uma espécie de revista saltitante. Esse o motivo do meu pedido de assinatura que é ao mesmo tempo uma expressão de confiança no vosso serviço de assinantes e nos correios portugueses.

*Abílio Santos, Porto*

**Apoio à causa indígena**

(...) Continuo a acompanhar o trabalho de vocês e mando-lhes um exemplar de um fascículo sobre a campanha em apoio aos waimiri-atroari. Acho que seria importante que vocês reservassem um espaço também para a causa indígena.

*Benedito Prezio, Conselho Indigenista Missionário, Brasília, Brasil.*

**Cimeira da OUA**

A realização da Cimeira da OUA em Addis Abeba constituiu uma importante vitória de todo o continente africano. Poder-se-á dizer que não foi possível assegurar a presidência da Organização para o coronel Kadhafi e, por esse facto, representou uma derrota para a Líbia e para todo o sector progressista e revolucionário africano. Não sou dessa opinião. O que o imperialismo e os seus comparsas tentaram com os dois adiamentos da reunião previamente marcada para Trípoli (utilizando como pretextos as lutas dos povos sarauí e chadiano) não era apenas evitar que o líder líbio dirigisse os destinos da OUA durante o mandato de um ano, mas visavam mais longe. Procuravam desferir um golpe de morte na Organização de Unidade Africana, enfraquecer a luta contra o neo-colonialismo, favorecer as divergências entre países do continente, instigar os conflitos regionais. Em resumo: levar a OUA ao abismo, isolar os países progressistas para posteriormente os acusar de agentes da União Soviética. A velha tática.

Mas isto foi evitado. A OUA subsiste, foram conseguidos consensos importantes, a presidência de Organização ficou nas mãos de um líder prestigiado que encabeça um dos processos revolucionários mais decisivos em África: Mengistu Mariam.

Foi uma importante vitória da África!

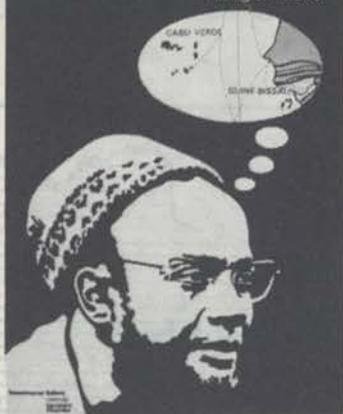
*João Moreira, Lisboa*

**Intercâmbio**

- *Jacinto Marrejo*  
C.P. 1247, C.F.M. — Centro Beira, Moçambique
- *Artur Bastos C. S. Neto (Turé)*  
C.P. 251, Waco Kunco-Cela Luanda, Angola
- *Filipe Figueiredo*  
C.P. 679
- *Eusébio Carneca Jaime*  
Centro de Formação de Telecomunicações Bairro dos CTT, C.P. 1321 Luanda, Angola
- *Cordeiro Neto Domingos*  
a/c de Pascoal Pedro Neto C.P. 6294 Luanda, Angola
- *Tomás Albergaria*  
Rua Carlos Felgueiras, 65, 3.º E 4470 — Vila da Maia, Portugal
- *Jorge Manuel Baptista da Silva*  
Travessa das Antas, 240 4300 — Porto, Portugal

## **SOBRE A UNIDADE NO PENSAMENTO DE AMILCAR CABRAL**

Sérgio Ribeiro



**Sobre a unidade  
no pensamento  
de Amílcar Cabral**

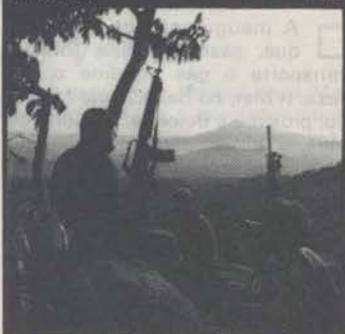
Sérgio Ribeiro

Interpretação de um dos temas fundamentais do pensamento de Amílcar Cabral

**Prefácios de Alfredo Moura  
e Vasco Cabral**

## **EL SALVADOR O caminho dos guerrilheiros**

Carlos Gil



**El Salvador  
O caminho  
dos guerrilheiros**

Carlos Gil

Quinze dias com os guerrilheiros da Frente Farabundo Martí  
Vinte páginas de fotos da guerrilha  
A história recente da luta do povo salvadorenho  
Os principais documentos da revolução

**Prefácio de  
José Cardoso Pires**



**guia do terceiro mundo 1983**

Três edições  
Tricontinental Editora

Preços especiais para assinantes

n.º 55/Agosto 1983

terceiro mundo 5

## Argélia-Tunísia-Itália: o gasoduto sahariano

□ A inauguração do gasoduto que, passando pela Tunísia, transporta o gás argelino desde Hassi R'Mel, no Sahara, até Minerbio, próximo a Bolonha, no norte da Itália, é um êxito económico e tecnológico e, igualmente, um acontecimento político marcante.

Pela primeira vez, a ligação Sul-Norte, pelo menos no campo energético, deixa de ser uma aspiração para se tornar uma realidade concreta. O gasoduto de 2500 quilómetros leva à Itália mais de 12,5 mil milhões de metros cúbicos de gás argelino por ano, com alto rendimento económico para os três países.

A Argélia que, em 1982, viu a sua receita petrolífera cair a pouco mais de quatro mil milhões de dólares, como resultado da baixa dos preços internacionais, receberá mais de dois mil milhões de dólares pela exportação do gás sahariano. Por seu turno, a Tunísia, por cujo território passa o gasoduto, receberá 5,25% do valor do gás exportado à Itália, um pouco mais de 21 milhões de dólares neste fim de ano e mais de cem milhões a partir de 1986.

Quanto à Itália, além de assegurar o fornecimento regular desse combustível vital à sua economia, verá o seu intercâmbio comercial com a Argélia muito incrementado.

Duas outras importantes notícias no campo energético: o gasoduto transiberiano, que levará o gás soviético à Europa Ocidental, está prestes a ser concluído. Dos 4346 quilómetros previstos só falta estender os tubos em cem quilómetros, o que assegura a meta programada de abastecer os países europeus até ao final de 1983.

A outra notícia é sobre o projecto de um novo gasoduto africano que, partindo da Nigéria, se ligará no Atlântico com o gasoduto argelino em Hassi R'Mel, atravessará o Marrocos e o Mediterrâneo levando o gás dos dois países à Espanha, com a perspectiva de uma expansão a outras nações europeias.

O gasoduto argelino é a primeira



ligação física entre a África e a Europa, o que superará, com um facto concreto, a retórica do diálogo Norte-Sul até hoje infecundo. O seu alcance estratégico é ainda maior: juntamente com gás soviético, liberta a Europa ocidental da dependência energética dos Estados Unidos, pelo

menos nesse sector.

Assinale-se que o gasoduto argelino é uma obra técnica audaciosa. Atravessa o deserto, as montanhas e o Mediterrâneo até chegar à Itália. Um velho sonho do presidente argelino Huari Bumedjene que se concretiza.

## Tanzânia impulsiona projectos de desenvolvimento

□ A Tanzânia, um dos 25 países mais pobres do mundo, está a impulsionar uma firme política de desenvolvimento, apesar do impacto que sofre com a recessão mundial, o aumento dos preços do petróleo e a instabilidade das cotações dos produtos básicos.

Os seus programas de desenvolvimento têm recebido apoio de diversos países, entre os quais os escandinavos. A Noruega, por exemplo, está a fornecer uma substancial ajuda a este país africano nas áreas de educação, saúde, pesca, habita-

ção, formação profissional técnica, transporte e energia, e tem apoiado o desenvolvimento do transporte marítimo e da infra-estrutura portuária da Tanzânia. Além disto, co-financiará a fábrica hidro-eléctrica de Mtera — com um custo estimado em 300 milhões de dólares — e os projectos energéticos no delta do rio Rufiji e no alto Rufiji.

Entre os projectos de desenvolvimento mais importantes, encontra-se a construção de uma linha férrea de 850 km de extensão, no Norte, de Makambako, no Sul, como parte de

plano de criação de uma nova capital.

A transferência da capital de Dar-es-Salaam para Dodoma, foi determinada, como noutros países — Brasil, por exemplo — pela necessidade de construir um pólo de desenvolvimento na região central do país, tradicionalmente abandonada durante o período colonial a favor da faixa costeira. Apesar de não se poder inaugurar a capital ainda este ano — como estava previsto (ver "cadernos" n.º 47) — as obras estão já consideravelmente avançadas, e muitas repartições públicas e inclusive alguns ministérios e a sede do partido único, o *Chama Cha Mapinduzi* já estão a funcionar em Dodoma.

A nova linha que atravessa o país significa uma modificação fundamental na rede dos caminhos de ferro herdada da época colonial, constituída por rotas paralelas entre a costa e o interior.

Esta linha, Arusha-Makambako, unirá o caminho-de-ferro Tanzânia-Zâmbia (Tanzan), no Sul, com a nova linha Musoma-Tanga, ambas construídas como corredores para as exportações e importações zambianas e ugandesas.

Trata-se de assegurar uma conexão permanente desde Kilembé, no Uganda, até Maputo, capital de Moçambique — passando pelo Quênia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue — e desde Mombasa, no Quênia, até Lobito, em Angola.

O projecto é considerado o mais importante apresentado à Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento do Sul da África (SADCC), cuja meta neste terreno consiste no estabelecimento de uma rede que liberte a região da sua dependência em relação à África do Sul.

## Nelson Mandela premiado

□ Nelson Mandela e o rei de Espanha Juan Carlos conquistaram o "Prémio Internacional Simón Bolívar", instituído pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

O prémio no valor de 25 mil dólares, foi concedido pela primeira vez e foi apreciado por um júri internacional presidido pelo escritor vene-



Nelson Mandela

zuelano Arturo Uslar Pietri e integrado por Henri López, representante do director-geral da UNESCO; por um latino-americano, o ex-presidente do México, Luis Echeverría Alvarez; um africano, Joseph Kizerbo; um asiático, Salvador López; um árabe, Bashir Bakri; e um francês, Laude Julien, director do *Le Monde Diplomatique*.

Mandela nasceu em 18 de Julho de 1918, na África do Sul, filho de um chefe tradicional da etnia *tembu*. Depois de trabalhar nas minas de ouro da região de Joanesburgo, tornou-se um dos primeiros advogados de raça negra no país.

Militante do Congresso Nacional Africano (ANC) foi preso várias vezes e posto em liberdade, até que em 11 de Junho de 1964, juntamente com outros sete militantes do seu partido, foi condenado à prisão perpétua. Mandela encontra-se actualmente na prisão de Pollsmoor, próxima da Cidade do Cabo.

O prémio foi entregue oficialmente numa cerimónia em Caracas, no passado dia 24 de Julho — dia do bicentenário do nascimento do libertador —, à qual compareceram diversas personalidades do mundo das artes, das letras e da política.

## México: expulsão do Instituto Linguístico de Verão

□ O presidente Miguel de la Madrid ordenou a expulsão definitiva dos membros da organização norte-americana Instituto Linguístico de Verão, acusados de fomentar divisões e disputas entre os indígenas e de lhes inculcar ideologias alheias e contrárias à identidade cultural nacional.

A decisão foi divulgada depois de uma série de reuniões que o presidente e vários altos funcionários mantiveram com mais de dois mil indígenas de 17 grupos étnicos do estado de Oaxaca.

O organismo — integrado por missionários protestantes e ligado à universidade norte-americana de Oklahoma — foi acusado por várias organizações de etnólogos e partidos políticos do México de atomizar as línguas indígenas, deteriorar a sua identidade cultural e introduzir esquemas religiosos que fomentavam a divisão entre os grupos indígenas.

Diversos organismos de vários países latino-americanos rectificaram estas acusações. O ex-primeiro-ministro colombiano Diego Uribe afirmou, perante o Congresso do seu país, que "é real o controlo que o Instituto exerce em dois terços do território amazónico e que conta com o auxílio de veteranos pilotos da guerra do Vietname". Por sua vez um grupo de profissionais liberais do Equador sustentou que existe um estreito vínculo entre o Instituto e as empresas petrolíferas *Texaco* e *Gulf Oil*.

Sobre este aspecto, outro relatório, realizado por um departamento da Secretaria de Educação do México, chama a atenção para o facto dos missionários do ILV se terem instalado principalmente em regiões onde comprovadamente existem jazidas de urânio ou petróleo. Na Bolívia, um parlamentar assegurou que o Instituto promoveu a esterilização de milhares de camponeses quechuas e aimarás, durante o governo do general Hugo Banzer.

Uma comissão investigadora do Colégio de Etnólogos e Antropólogos do México afirmou que existe "uma associação do Instituto com Mike Tsalikis, um dos maiores traficantes de drogas, diamantes e minerais" da América Latina.

Outra grave acusação que pesa sobre o Instituto é a de ter saqueado templos e monumentos arqueológicos e de fomentar práticas alheias ao seu postulado religioso-linguístico. Neste terreno, um relatório dos etnólogos e antropólogos sustentou que o ILV era "um instrumento que serve ao projecto de controlo, penetração, espionagem e repressão do sistema norte-americano".

As reiteradas denúncias feitas no México levaram o governo a decretar o encerramento das actividades do Instituto no país e a ordenar a saída dos seus membros.

## A crise chega aos hospitais

Um dos aspectos menos conhecidos dos graves problemas originados pela crise económica e pela dívida externa de numerosos países do Terceiro Mundo consiste na pequena capacidade de importar equipamentos para uso médico. Devido à necessidade de divisas para efectuar os pagamentos do serviço das suas dívidas externas, e também por causa dos défices comerciais (seja porque se colocam restrições às importações, seja porque as desvalorizações multiplicam o custo destas aquisições em moeda local) percebe-se que em cada dia há mais países que não podem comprar equipamentos clínicos vitais para os seus sistemas de atendimento hospitalar.

Dados parciais sobre estes problemas foram revelados num recente seminário sobre uma doença do aparelho respiratório realizado em Carolina do Norte, Estados Unidos, com a assistência de delegações de 13 países. Especialistas de nações com grandes dívidas externas, como Argentina, Brasil e Nigéria, manifestaram preocupações devido aos obstáculos para obter instrumentos para centrifugação e aparelhos de refrigeração de laboratório. Um médico brasileiro citou como exemplo o caso de um refrigerador para conservar as amostras bacteriológicas, que neste país custa doze vezes mais

que nos Estados Unidos, e isto quando é possível obtê-lo.

Os médicos africanos assinalaram que, até os instrumentos elementares são inacessíveis nos seus países. Não existem ainda dados globais sobre as repercussões negativas da actual recessão na esfera da assistência médica que já antes da crise constituía um dos maiores males no Terceiro Mundo. O seminário de Carolina do Norte ofereceu, portanto, uma indicação de um problema que, segundo todos os sintomas, se agravará a curto prazo.

## Exploração do trabalho infantil

Cerca de 200 milhões de crianças em todo o mundo são obrigadas a trabalhar em condições de subemprego que muito se aproximam do trabalho escravo. Segundo um recente relatório elaborado pela ONU incidindo sobre esta questão, em 1982 foram inúmeras as crianças asiáticas que, vendidas aos 6 anos de idade, se viram obrigadas a trabalhar na agricultura, fábricas e até mesmo em prostíbulos. Nas fábricas estas crianças que pernoitam em barracas sem as mínimas condições, trabalham com máquinas perigosas, produtos químicos e materiais contaminados. O dia de trabalho é longo, as folgas são praticamente inexistentes e muitas vezes dormem na própria empresa.

Mas não é apenas nos países subdesenvolvidos que tal fenómeno se verifica. Também nos países altamente industrializados a exploração desumana da mão-de-obra infantil é uma realidade. Segundo um estudo efectuado pela Organização Internacional de Trabalho no final da década de sessenta, ultrapassava 55 milhões o número de crianças a laborarem em empresas industriais. Em 1978 o número aproximava-se dos 100 mil em Portugal, 280 mil em Espanha, 600 mil em Itália e 650 mil na Grã-Bretanha.

Na República Federal Alemã estão contabilizadas 300 mil crianças trabalhadoras, apesar da existência de uma lei de protecção à juventude operária. Por seu turno, nos Estados Unidos, onde o trabalho infantil está

proibido há mais de trinta anos, as crianças constituem 20 por cento dos assalariados rurais, sendo que 800 mil destas crianças pertencem a etnias discriminadas racialmente, como negras, índias e imigrantes. Efectuando, a maioria das vezes, as tarefas mais pesadas, logo a partir dos 4 anos, a sua média de vida é cerca de 20 anos mais curta que a de um norte-americano médio.

Esta situação que, como já atrás foi referido, se estende um pouco por todo o mundo, deriva de situações de extrema miséria dos pais e dos próximos destas crianças. Além disso, o seu trabalho é preferido pelos empresários em virtude da total ausência de controlo deste tipo de exploração, pagando-lhes menos que aos adultos e podendo ser despedidas a bel-prazer do patrão. Por outro lado, estas crianças raramente se revoltam contra a sua situação e condições de trabalho, por mais violentas que sejam.

## Nepal: cinco milhões de imigrantes indianos

Um número de imigrantes indianos, calculados em cerca de cinco milhões (o que equivale a 30% da população do Nepal) estabeleceu-se de modo permanente neste país. Segundo o governo de Katmandu, tal facto afectou seriamente os planos nacionais de desenvolvimento.

O aumento deste fluxo migratório procedente sobretudo dos estados indianos de Bihar e Uttar e dirigido para as férteis planícies nepalesas de Terai, levou as autoridades de Katmandu a estabelecer patrulhas especiais de vigilância ao longo dos 1300 quilómetros de fronteira entre os dois países, e a apresentar queixas às autoridades de Nova Deli. Além disto, a Comissão de Planeamento formou um grupo de trabalho para analisar o assunto.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Índia informou que no ano passado 3,8 milhões de cidadãos se transferiram para o Nepal, e que mais de dois-terços deste total adquiriram a cidadania nepalesa. No

entanto, uma organização local que ajuda os imigrantes a encontrar empregos, e obter autorização de trabalho, calculou a cifra em mais de cinco milhões.

A confusão em relação ao número deriva das diversas interpretações a respeito de quem é indiano. Os nepaleses partidários do estabelecimento do controlo fronteiriço parecem incluir na lista de imigrantes do país vizinho todos aqueles de origem indiana, enquanto que as autoridades de Nova Deli não incluem nos seus cálculos os que adquiriram a cidadania nepalesa. Porém, decidir quem é quem, é apenas um dos problemas do grupo de trabalho.

Entretanto, em Katmandu, cresce o ressentimento contra um visível aumento no número de indianos. Recentes incidentes nos quais vendedores ambulantes indianos foram apedrejados e hostilizados, poderão constituir o alerta de uma crise futura.

As conclusões do grupo de trabalho constituirão as bases para as conversações entre a Índia e o Nepal a respeito do que podem fazer as autoridades de ambos os países em relação ao problema migratório. (Kunda Dixit)

## Bangladesh: partidos exigem eleições

□ O processo de diálogo nacional, promovido pelo administrador da lei marcial, general Ershad, tem criado muito pouco interesse nos partidos políticos bengaleses que, em troca, tornam mais aguda a sua reivindicação de eleições gerais imediatas e restabelecimento das liberdades democráticas.

Ershad tem dialogado com cinco partidos políticos, embora os mesmos careçam de apoio popular. Entretanto, os principais núcleos, como a aliança de 15 partidos encabeçados pela Liga Awami — que o ex-presidente Mujibur Rahman dirigia —, a de 10 partidos liderada pelo ex-presidente Khandker Mousthaque Ahmed e o Partido Nacionalista de Bangladesh, liderado pelo deposto presidente Abdus Sattar, adoptaram uma posição de unanimidade sem precedentes para exigir o retorno a

um governo civil.

Alguns dirigentes políticos acusaram o general Ershad de utilizar táticas para protelar e procurar ganhar tempo mediante o diálogo com partidos insignificantes na vida política bengalesa.

Apesar de algumas divergências secundárias sobre como proceder para o restabelecimento da democracia, os principais partidos estão unidos na rejeição à exigência básica de Ershad a respeito da participação do sector militar num governo civil.

"Assim como Ershad e alguns dos seus ministros criticam publicamente os dirigentes civis, os partidos devem ter o direito de desenvolver actividades políticas para refutar as acusações do governo militar e apontar as deficiências do regime", manifestou um destacado dirigente da Liga Awami.

Hasina Rahman, principal dirigente da Liga e filha do assassinado presidente Mujibur Rahman, advertiu que se criará uma crise se Ershad

apoio político para evitar o avanço do movimento estudantil.

Comentadores locais assinalam que os estudantes constituem, tradicionalmente, a vanguarda de todo o movimento político neste país desde a altura em que era território oriental paquistanês, isto é, nos últimos 30 anos.

A aliança dos 15 partidos não rejeitou o apelo ao diálogo, mas nega-se a reunir individualmente com Ershad, exigindo uma discussão conjunta. Uma condição prévia que a aliança coloca é a de que se realize uma investigação sobre os ataques policiais de meados de Fevereiro, a publicação de listas de mortos e feridos, indemnização às vítimas, libertação de dirigentes políticos presos e reformas da política em matéria de educação.

O governo pôs em liberdade dirigentes presos em Fevereiro, embora não tenha iniciado nenhuma investigação judicial.

Entre as modificações exigidas no



Um dos países mais carenciados do mundo

continuar a propagandear o seu próprio ponto de vista, impedindo que os partidos políticos divulguem as suas exigências.

Outro membro da direcção da Liga manifestou reservas a respeito do diálogo de Ershad como via de solução de problemas constitucionais. Estes contactos foram iniciados em consequência de actos de violência provocados pela tensão estudantil derivada da política oficial no campo da educação. Pelo menos quatro estudantes foram mortos pela polícia, que dissolveu a tiro manifestações de rua na capital e noutras cidades do país. Três dias depois — em 10 de Fevereiro passado — Ershad convocou os partidos para o diálogo.

Ao dialogar com os políticos que responderam ao apelo, Ershad sublinhou a necessidade de contar com disposições constitucionais que dêem aos militares um papel no futuro governo. Tentou ainda procurar

campo da educação está a inclusão do árabe e do inglês como matérias obrigatórias no nível primário, além do bengalês.

A Frente Unida, integrada por 10 partidos, insiste em que só um Parlamento eleito tem direito a tomar decisões a respeito de problemas constitucionais.

Por sua vez, Sattar, presidente do Partido Nacionalista de Bangladesh (BNP) exortou à realização de eleições segundo dispõe a Constituição actualmente suspensa. O texto prevê um sistema presidencial de governo, sem nenhuma participação militar.

A maioria dos partidos, incluindo a aliança dos 15, prefere a Constituição de 1972, que transformou o Parlamento no poder supremo. Está a ser considerado um plebiscito para o caso de Ershad não conseguir convencer os partidos políticos de que os militares devem ter voz no governo. (Tabibul Islam)

## Panamá: Escola das Américas

□ O general Rubén Paredes, chefe da Guarda Nacional do Panamá, anunciou que a "Escola das Américas", uma base militar que as forças armadas dos Estados Unidos mantinham em território panamiano, será substituída por um "Instituto de Ciências Militares e de Desenvolvimento". Falando para centenas de camponeses na província central de Coclé, o general disse que a base militar será devolvida ao Panamá a 30 de Setembro de 1984 e a partir desse momento, "sendo o Panamá soberano no lugar", já não se chamará "Forte Gulick".

Neste local funcionará um centro de capacitação militar, dirigido pelo Panamá, ao qual terão acesso os países da América Latina. De acordo com o tratado do Canal do Panamá assinado em 7 de Setembro de 1977 pelo ex-presidente norte-americano James Carter e o ex-chefe de governo panamiano Omar Torrijos, o governo panamiano assumirá paulatinamente a soberania sobre a área do Canal, processo que culminará a 31 de Dezembro de 1999.

Ao fazer um balanço sobre a sua recente viagem aos Estados Unidos (convidado por chefes militares do Pentágono), o general Paredes referiu que as conversações que manteve permitiram ao governo panamiano ter um panorama claro sobre a situação do Canal.

Desde 1946, os Estados Unidos mantêm em território vizinho ao Canal o chamado Comando Sul do Exército, um complexo militar de sete bases e dez mil efectivos. Paredes disse que, pela primeira vez, os chefes do Pentágono reconheceram "a obrigatoriedade de cumprir o Tratado do Canal". Segundo o convénio, o Panamá deverá assumir o controlo da Base Gulick, onde está situada a "Escola das Américas", a 30 de Setembro de 1984 e a partir de então dispor do uso das suas instalações. No complexo militar, têm sido treinados desde 1946, mais de 50 mil militares de 22 países latino-americanos na prática de contra-insurreição.

Nos últimos meses, os Estados Unidos têm sido acusados de violar reiteradamente o Tratado do Canal

ao fornecerem ajuda militar, a partir das suas bases na via interoceânica, aos exércitos de El Salvador e Honduras. (Rafael Cribari)

## Peru: Frente política incluindo a Igreja

□ A Esquerda Unida (IU), propõe-se formar uma frente com o Partido APRISTA, a Democracia Cristã, a Igreja e os sindicatos, "para defender o espaço democrático" no Peru. Na opinião dos dirigentes da IU, é necessário constituir uma frente ampla porque a situação política peruana poderá degenerar na "consolidação do autoritarismo como forma de governo, o que abre as portas a uma ditadura cívico-militar". Outro dos objectivos da frente proposta é obrigar o actual governo constitucional a modificar a sua linha económica neoliberal, uma vez que está a criar "uma crise social sem precedentes".

A Esquerda Unida é uma frente de partidos de esquerda da qual participam o Partido Comunista, algumas organizações maoístas (não guerrilheiras) e variantes do "marxismo-leninismo" (dos marxistas nacionais). Encontram-se apenas excluídos os partidos trotskistas (que se retiraram voluntariamente em 1980) e o "Sendero Luminoso", organização maoísta que pratica uma linha terrorista e guerrilheira. (Ver última edição de "cadernos")

O documento sustenta que "sob a crise conjuntural existe uma crise estrutural, que só poderá ser resolvida mediante uma mudança radical do sistema"; porém a proposta da IU inclui a defesa das empresas privadas industriais e agro-pecuárias, ameaçadas de falência como consequência da política neoliberal imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

A Esquerda Unida propõe também formar governos provisórios de emergência nas localidades actualmente submetidas a controlo militar, "como uma forma de recuperar a iniciativa e a participação do povo na solução dos graves problemas que afligem estas áreas".

Na convocação para a formação desta frente, a Esquerda Unida chama alguns dos seus tradicionais adversários, como o APRA (de linha social-democrata), a Democracia Cristã e a Igreja católica. Em Novembro deste ano, vão-se realizar eleições municipais, a nível nacional. O movimento de aproximação progressiva entre o APRA e os partidos de esquerda avança há três anos, apesar da resistência das bases de ambos os grupos políticos, que não parecem dispostos a esquecer facilmente os confrontos ocorridos durante várias décadas de antagonismo.

## Jamaica: Seaga enfrenta descontentamento popular

□ O modelo fundamentalista, rotulado de "política de livre iniciativa", aplicado à economia jamaicana nos últimos dois anos não conseguiu tirar a nação do estado de prostração em que se encontra, o que tem provocado um crescente descontentamento popular. Cerca de 120 mil trabalhadores do sector público encontram-se em aberta rebelião contra o governo, que ofereceu um aumento salarial considerado insuficiente pela classe. Por outro lado, uma sondagem realizada para o jornal *Gleaner*, conhecido pelas suas tendências reaccionárias mostrou que o Partido Trabalhista, no poder, conta somente com o apoio de 38% da população, enquanto 41% apoiam o PNP (Partido Nacional Popular), da oposição. Na mesma sondagem, interrogados sobre quem gostariam de ver no governo nos próximos anos, 43% escolheram Michael Manley, do PNP, e 37%, o actual primeiro-ministro, Edward Seaga. Há um ano atrás uma pesquisa de opinião mostrava um quadro bem diferente.

Apesar de toda a assistência financeira que o governo de Seaga recebeu — principalmente no seu primeiro ano de governo — dos Estados Unidos, do Banco Mundial, da Alemanha Federal e da Grã-Bretanha, o país entrou numa situação de profunda crise.



**Governo Seaga: o maior déficit comercial da história do país**

O próprio vice-primeiro-ministro, Hughes Shearer, admitiu que a ajuda de instituições multilaterais "só pode proporcionar um certo alívio temporal". Para 1983/84, Shearer afirmou que serão necessários um bilião e 800 mil dólares jamaicanos para pagar os 560 milhões de dólares norte-americanos da dívida externa, 360 milhões de dólares norte-americanos para comprar alimentos e remédios e 980 milhões para bens de capital. "Não poderemos fazer frente a esta situação mediante maiores empréstimos", acrescentou Shearer. A Jamaica está com um déficit comercial de 617 milhões de dólares norte-americanos, o mais alto registado na sua história.

## Turquia: militares dissolvem partido

Os herdeiros do Partido da Justiça liderado pelo ex-primeiro-ministro Suleiman Demirel até à sua dissolução em 1980, receberam outro severo golpe com a dissolução

do Partido da Grande Turquia, anunciada pelo governo militar a 30 de Maio passado.

O Conselho Nacional de Segurança, presidido pelo general Kenan Evren, chefe de Estado, tem oferecido reiteradas provas de que não está disposto a tolerar a reorganização do Partido da Justiça sob uma nova denominação.

Em Maio passado graças ao levantamento da proibição que pesava sobre as actividades políticas e à anunciada autorização para criar novos partidos, três grupos vieram a luz, constituídos por sectores liberais e conservadores: os Partidos da Grande Turquia, da Democracia Nacional e da Mãe Pátria.

O primeiro foi constituído sob a presidência do general reformado Ali Fethi Esener, conhecido pelas suas tendências nacionalistas e pela sua amizade com Demirel. A poucos dias deste grupo se ter constituído, 130 ex-parlamentares, membros do velho Partido da Justiça, aderiram ao Partido da Grande Turquia.

Entre estes figuravam os nomes de Ihsan Sabri Caglayanil, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, e de vários outros ex-ministros, como Saadettin Bilgic, Nahit Mentese e Ali Naili Erden. Entretanto, a criação do Partido da Democracia Nacional, favorável ao actual regime e aos meios governamentais, não suscitou maior entusiasmo nos círculos de direita.

Em âmbitos oficiais esperava-se que este grupo atraísse as alas conservadoras que se haviam mantido durante o período 1945-60 ao lado do Partido Democrata (dos ex-chefes de Estado Celal Bayar e Adnan Menderes) e, mais tarde, ao Partido da Justiça.

A adesão em massa de ex-parlamentares de direita ao Partido da grande Turquia foi recebida com inquietação nos meios governamentais. Os observadores em geral concordam em apontar que foi este fenómeno inesperado que induziu o Conselho Nacional de Segurança a ordenar a dissolução do partido.

Esta decisão foi acompanhada por outras medidas que influirão na vida política do país nos próximos meses. Em primeiro lugar, o regime condenou a residência fixa em Canakkale 16 ex-dirigentes políticos pertencentes ao agora ilegal Partido da Justiça, como Demirel e Caglayanil, e também ao Partido Republicano do

Povo (PRP), (também ilegal), entre os quais figuram os ex-ministros Deniz Baykal, Yuksel Cakmur e Sirri Atalay.

Os ex-dirigentes de ambos os partidos permanecerão em regime de residência fixa até à constituição do novo Parlamento, prevista para Novembro próximo.

Bulent Ecevit, ex-primeiro-ministro e presidente do PRP, recusou-se a participar de qualquer tipo de actividade política nos últimos meses. Foi por isso que se salvou das últimas medidas repressivas. Nenhuma sanção foi decretada contra os fundadores do partido Social-Democrata, reunidos sob a presidência de Erdal Inonu.

O Conselho Nacional de Segurança adoptou também a decisão de proibir qualquer tipo de actividades políticas aos presidentes departamentais e locais dos partidos anteriormente dissolvidos. Esta medida afecta os presidentes departamentais do PRP que se reuniram em Ancara para estudar a criação do novo partido político. (*Hizli Topuz*)

## China: crescimento económico em 1982

Subordinada à palavra de ordem: assegurar 4% de aumento, tentar alcançar os 5%, o plano económico na China para o ano transacto verificou uma razoável melhoria. Através de um aparelho produtivo dinâmico, a economia chinesa conseguiu, comparativamente a 1981, um progresso na agricultura e na indústria de 8,7%. No entanto, é na agricultura que o avanço mais se faz sentir: aumentou 11% quando o plano previa apenas os 4%. Quanto à indústria esta aumentou na ordem dos 7,7%.

Um outro dado significativo foi a divulgação por parte do Esto chinês, do seu Produto Nacional Bruto, que além dos sectores produtivos inclui os serviços comerciais e para o qual foi avançado o número de 989,4 mil milhões de Yuans. Transportando esta cifra para o total dos habitantes da República Popular da China (um bilião e quinze milhões de pessoas), chega-se à conclusão de que o PNB per capita é superior a 500 dólares.

## UNCTAD VI: O impasse do diálogo Norte/Sul

O fracasso da VI Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), bem como o de diversas iniciativas de semelhante índole, é consequência de um único motivo: a ausência de vontade das potências industrializadas para reconhecer as causas das chocantes desigualdades entre o Norte e o Sul do planeta e para procurar repará-las através da cooperação económica.

Circunstâncias passageiras podem constituir matizes favoráveis ou negativos sem alterarem esta razão de fundo. Neste contexto, pode afirmar-se que a profunda recessão mundial não oferecia o ambiente mais propício para obter a provisão de recursos por parte das nações mais ricas, do mesmo modo que é um facto conhecido que a doutrina ultraliberal professada pela actual administração republicana dos Estados Unidos e de outras potências capitalistas, foram obstáculos adicionais sobrepostos no caminho da cooperação Norte/Sul.

Seria, no entanto, difícil demonstrar que esta Conferência realizada em Belgrado ao longo de quatro semanas conseguiu resultados substanciais superiores aos obtidos noutras reuniões semelhantes, quando a economia atravessava um período de expansão e a liderança dos Estados Unidos estava nas mãos do Partido Democrata, que atribuiu à intervenção do Estado funções consideradas ilícitas para o presidente Ronald Reagan e adeptos da doutrina neomonetarista.

A própria história da UNCTAD prova-o. A primeira Conferência realizou-se em Genebra, em 1964, há quase vinte anos, subordinada ao tema "Comércio, Não Ajuda". Nessa ocasião, os países do Terceiro Mundo defenderam que se deveria chegar a acordo nas reformas estruturais capazes de corrigirem o intercâmbio desigual entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, causa das disparidades planetárias. As nações industrializadas não aceitaram tal proposta mas comprometeram-se a efectuar um aumento considerável dos fundos públicos e privados, de cooperação, calculado em um por cento dos seus produtos nacionais brutos (PNB).

É evidente que este objectivo nunca foi alcançado e que, posteriormente, desceu para 0,7% do PNB. A VI UNCTAD dirigiu-se agora ao grupo de potências para as exortar a que alcancem esta meta "de aqui até 1985" e que

## Revolução na cultura

redobrem de esforços para atingir tal fim. Na verdade, apenas quatro dos 24 países que integram o grupo de nações avançadas, honraram o seu compromisso em matéria de ajuda ao desenvolvimento, e a nação mais poderosa da Terra, os Estados Unidos, é uma das que se encontra mais afastada desse objectivo. Um dos mecanismos de maior importância no âmbito da UNCTAD é o relativo a um acordo para a criação de um fundo comum de produtos básicos. A iniciativa, que a concretizar-se permitiria laborar na estabilização das cotações das matérias-primas através de reservas estratégicas utilizadas para regularizar os preços, foi aprovada durante a VI UNCTAD, em Nairobi, em 1976. Inicialmente, um grupo de potências industrializadas resistiu à criação do fundo, que compreenderia 17 produtos minerais e agrícolas considerados produtos-chave e só depois de tensas negociações se obteve acordo.

No entanto o fundo não exigia apenas consenso mas, igualmente, recursos para existir e é evidente que os explorados exportadores de matérias-primas não poderiam reunir os seis milhões de dólares que se calcularam necessários para financiar as reservas. Apenas uma ínfima parte dessa soma se obteve e esta situação não se modificou até hoje. A recusa dos Estados Unidos em integrar o fundo, apesar das solicitações da Comunidade Económica Europeia (CEE) e do Japão, reafirmada em Belgrado, impede a integração dos recursos.

Entretanto, a Conferência serviu para que aumentasse o número das adesões ao fundo comum (dezassete novas assinaturas, totalizando 108) e as ratificações (mais cinco, totalizando 54).

A resolução adoptada sobre a estabilização dos mercados de matérias-primas foi restritiva em relação ao financiamento de compensação dos défices das balanças comerciais. Com o objectivo de estudar a instrumentalização de uma fórmula complementar, a Conferência designou um grupo de especialistas. Sobre esta questão houve uma firme oposição dos Estados Unidos, que consideraram estar o mandato do grupo de especialistas em contradição com as atribuições do Fundo Monetário Internacional (FMI). A delegação norte-americana pediu que a resolução fosse submetida a votação: oitenta e quatro países pronunciaram-se a favor, os países

socialistas abstiveram-se e apenas os Estados Unidos votaram contra, reafirmando assim que se consideravam estranhos a esta questão. Por seu turno, os países menos avançados (PMA) assim chamados através de um eufemismo burocrático que encobre as características de um subdesenvolvimento extremo, solicitaram que os empréstimos bilaterais que os asfixiam fossem convertidos em donativos. Tratava-se de um apelo à equidade, pois estes países não têm forma de enfrentar os efeitos de uma crise lançada pelas potências industrializadas. Por um lado, diminuíram-se drasticamente os preços das matérias-primas, o que os leva a sofrer fortes défices nas suas balanças comerciais que, por seu turno, os obrigam a contrair dívidas ao exterior. Neste contexto, a alta das taxas de juro e o encarecimento do dólar, submetem-nos à impossibilidade de saldar simultaneamente o serviço da dívida e a importação de que necessitam. Trata-se de decisões adversas aos seus interesses tomadas no centro do sistema capitalista.

No entanto, os responsáveis por este penoso estado de coisas renegaram a sua responsabilidade e a Conferência limitou-se a uma vaga recomendação de que se procure "aligeirar" o endividamento, tarefa cuja eventual consideração dependerá da não menos eventual boa vontade dos credores.

Quanto ao gigantesco endividamento do Terceiro Mundo — a cujas origens já nos referimos — apenas se assinalou a necessidade de compatibilizar as medidas para escalonar os pagamentos com as disposições orientadas para a promoção das actividades económicas. A recusa terminante dos Estados Unidos de uma conferência monetária de alcance mundial, ideia acarinhada pela França contra as desordens do sistema monetário e que ganhara receptividade no Terceiro Mundo, impediu o tratamento deste assunto fundamental. A proposta foi reivindicada pelo presidente do grupo dos 77, Said Osman (Somália) no seu discurso de encerramento, que adiantou a sua opinião de que o marco das negociações globais Norte/Sul se deveria rever na Assembleia Geral das Nações Unidas.

Neste contexto, pode considerar-se positiva, apesar de não ter alcance prático, uma resolução que realçou a conveniência de favorecer "uma maior estabilidade das taxas de câmbios e um

quadro monetário concertado e estável". Os Estados Unidos, que poderiam ter advertido nesta recomendação uma exortação a emendar uma política económica que encareceu o dólar e transtornou o mercado monetário, abstiveram-se de formular reservas, ou seja, de assumir uma mediação paciente, no seio do grupo B (dos países industrializados).

Na esfera comercial, as nações do Sul reclamam às do Norte contra as barreiras que impedem o ingresso dos seus produtos e solicitam que sejam abolidas as restrições. Por seu turno, as potências industrializadas, que proclamam teoricamente a sua adesão aos princípios do comércio livre, não querem admitir que praticam o protecçãoismo e no decurso da presente recessão apresentaram um espectáculo não muito edificante, com as recíprocas acusações que se lançaram aos Estados Unidos, aos países europeus e ao Japão, sobre violações ao comércio livre, enquanto colocavam entrave sobre entrave. (Em tempo de expansão económica estes problemas parecem ter menor envergadura.) Não pareceu, portanto, estranho, que se aprovasse uma resolução em que os países avançados se comprometem a cumprir os seus deveres em matéria de comércio internacional, terminar com o protecçãoismo e actuar "sistematicamente no sentido de reduzir e eliminar as restrições quantitativas" no intercâmbio internacional.

A discórdia foi, pelo contrário, nota corrente quando se discutiu uma proposta apresentada pelo grupo latino-americano e que implicava uma condenação ao emprego de armas económicas para contrariar a vontade política dos países subdesenvolvidos quando aquela vai contra os interesses das grandes potências. O texto incluía as represálias exercidas pelos Estados Unidos contra a Nicarágua e dizia o seguinte:

"Todos os países desenvolvidos devem abster-se de impor aos países em desenvolvimento, enquanto meio de coacção política prejudicial ao desenvolvimento económico, político e social dos referidos países, restrições comerciais, bloqueios, embargos e restrições económicas". Todos os países desenvolvidos votaram contra, com excepção da Espanha, e todos os países subdesenvolvidos a favor.

Entre as omissões de maior significado cabe

mencionar a não adopção de disposições imediatas em matéria de transferência financeira, solicitadas pelo secretariado da UNCTAD. O balanço desta conferência não demonstra qualquer resultado concreto e importante a favor do mundo subdesenvolvido. Podem-se registar alguns avanços em assuntos menores e no desejo mútuo de deixar a porta aberta a posteriores negociações, à espera de que algum dia se dêem as condições internacionais que, depois de duas décadas de negociações, ainda não se apresentaram.

Representou um apreciável progresso o grau de coordenação e harmonização dos interesses das posições no âmbito do Terceiro Mundo, um mosaico no qual não foi fácil integrar num todo as particularidades regionais, de diferentes graus de desenvolvimento, históricas e culturais. Nesse sentido notou-se uma substancial unidade e uma flexibilidade para negociar que se esmerou em deixar as portas abertas, apesar dos decepcionantes resultados.

No outro lado da mesa, a atitude mais negativa correspondeu aos delegados dos Estados Unidos, que em diversas ocasiões se encontraram emitindo solitários votos negativos.

Mas sem chegar a tal extremo, outros países avançados expressaram reservas ou assumiram posições nada favoráveis ao entendimento. A já larga experiência da UNCTAD mostra que é pouco o que o Terceiro Mundo pode esperar da área capitalista desenvolvida. Isto não quer dizer que se devam abandonar fóruns e oportunidades como a UNCTAD, mas sim que se devem privilegiar outros caminhos, em primeiro lugar a cooperação Norte/Sul.

Este é um campo no qual a possibilidade de progredir depende apenas da vontade dos próprios países subdesenvolvidos, desde o alargamento do intercâmbio até à cooperação tecnológica, incluindo a concertação entre os produtos de matérias-primas para estabilizar os preços.

Apesar das ricas perspectivas desta cooperação horizontal, é pouco o que se avançou até ao presente e a primeira conclusão a extrair do fracassado diálogo com o Norte deveria ser o de uma concentração prioritária de esforços na procura e aglutinação de todos os meios para impulsinar o intercâmbio e a colaboração entre os países subdesenvolvidos.

# Angola

## Revolução na cultura

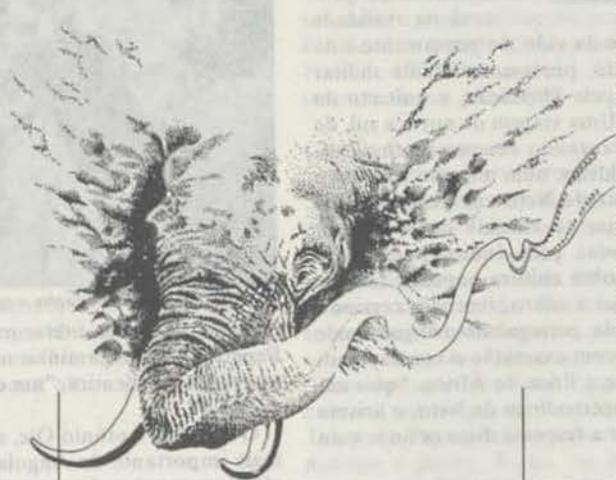
**P**PROMOVIDA pela Cinemateca do MAM (Museu de Arte Moderna) do Rio de Janeiro, pela Caribe Comunicações, a Cinemateca Nacional de Angola e pela Universidade Federal da Baía e com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, da Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes) e da Construtora Norberto Odebrecht, a I Mostra do Cinema Angolano percorre algumas capitais brasileiras, dando a este país a oportunidade de assistir àquilo que se faz em termos de cinema em Angola. Um passo no sentido da aproximação de ambas as culturas, que estão ancestralmente identificadas.

São 14 os filmes que compõem esta mostra: *No caminho das estrelas* (de A. Ole), *Tempo munuila* (*Festa do boi sagrado*), *Uma festa para viver* (ambos de R. Duarte), *Carnaval da vitória* (A. Ole), *Nascidos na luta vivendo na vitória* (A. Rebelo), *Leão da saudade* (J. Jardim), *Adeus à hora da partida* (Fernando Henriques), *Nelisita* (R. Duarte), *Um dia uma vida* (A. Ole), *Nós somos* (C. Henriques), *Agressões sul-africanas* (realização colectiva TVP), *Ponto da situação* (Francisco Henriques), *11 Jogos da*

*África Central* (Beto Moura Pires), *Balanço do tempo na cena de Angola* (Ruy Duarte).

Em Abril passado, coube ao Rio de Janeiro ver e aplaudir alguns exemplos da nossa cinematografia angolana. Em Maio, foi a vez da Baía e de Brasília. Em Junho, os filmes foram a Belém, Fortaleza e João Pessoa, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Niterói tiveram oportunidade de os ver em Julho. Finalmente, em Agosto, a mostra será realizada em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, dando assim oportunidade a que não apenas os centros culturais de maior importância do país particularmente o eixo Rio-São Paulo tenham a possibilidade de assistir a esse evento da mais alta importância.

Nas matérias que se seguem está uma visão pormenorizada de como este acervo cinematográfico foi realizado. Em "O pescoço da gazela" (imagem extraída de um poema de Agostinho Neto), Orlando Senna coloca-se atrás das câmaras, com realizadores angolanos, e projecta-nos a imagem da nova Angola. Na outra, uma entrevista com Artur Pestana dos Santos — mais conhecido por Pepetela — fala-nos do actual processo cultural e revolucionário nesse país africano.



MOSTRA  
DO  
CINEMA  
ANGOLANO

## O pescoço da gazela

Com uma linguagem carregada de emoção, o autor reflecte sobre as viagens que efectuou pelo país de Agostinho Neto e dá uma visão geral do que se fez e faz em cinema, na Angola depois da libertação

Orlando Senna

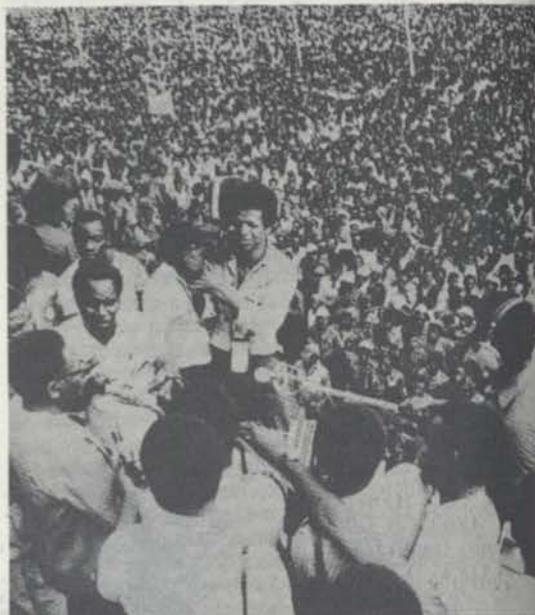


O último Festival de Figueira da Foz atribuiu o prémio "Glauber Rocha" ao filme angolano *No caminho das estrelas*, poema audiovisual de António Ole, cuja câmara em permanente movimento, procura na realidade

do país o contra-campo da vida, do pensamento e da arte de Agostinho Neto, poeta-comandante militar que encabeçou a luta pela libertação, arquitecto da Angola independente. Uma viagem de norte a sul, de Cabinda ao Cunene, cruzando em voo lento as savanas, florestas, rios, aldeias, num impulso pontuado pela imagem e pela voz de Neto em momentos essenciais da sua história, da história do seu povo. Imagens complementadas pelo áudio, poemas de Neto, o seu discurso sobre cultura popular, fio que vai unindo um interciso a outro, tecendo, cerzindo sobre superfície espelhada, perseguindo o ângulo onde o plano possa reflectir com exactidão o contraplano. O autor falou-me sobre a lírica de África: "quis encontrar em Angola o aspecto lírico de Neto, o lirismo africano; quis encontrar a resposta disto *in loco*, com as pessoas".

Expressão africana: procurar a posição exacta, o difícil único ponto-de-vista, de onde é possível perceber o que está oculto sob as aparências, o que os olhos colonialistas não viam, impediram de ver — a lágrima no mar, o soluço no trovão. Neto teria percebido o caminho das estrelas em horizonte de luz, segundo "pela curva ágil do pescoço da gazela sobre a onda sobre a nuvem"! Em *Mayombe*, obra mais

<sup>1</sup> Trecho de um poema de Agostinho Neto



Um cinema que acompanha o quotidiano angolano...

recente da fecunda literatura angolana, o romancista Pepetela fala do caminho no deserto, fronteira entre a verdade e a mentira, "um caminho de areia no meio da areia".

O cineasta António Ole, simultaneamente o pintor mais importante de Angola, traz uma contribuição plástica, envolve em cores e volumes com rara sensibilidade um cinema nacional que acaba de completar 7 anos de existência, a mesma idade da República Popular de Angola, instaurada em 1975. Começou a pintar muito cedo e antes de chegar aos 20 anos, no início da década de 70, enfrentou a fúria do poder colonial por causa dos seus quadros — "o meu tipo de imaginário estava muito ligado a uma modernidade europeia, aquilo que vem de Duchamps, Picaso, Breton, as referências do próprio colonialismo, mas



... na concretização do ideal de Agostinho Neto

era um pintor incómodo porque demasiado sarcástico. Os meus quadros ganhavam prémios em exposições de arte moderna e eram imediatamente proibidos, enquanto prosseguia a luta pela independência, com os artistas e intelectuais empenhados na frente e na retaguarda da guerrilha ou prisioneiros em campos de concentração. Esse percurso vai até ao 25 de Abril de 1974. Com a libertação de Angola, interroguei-me. O que vinha a fazer estava gasto, não reflectia o que se passava à minha volta. Meti-me num estudo sobre sinalética africana, os sinais interessavam-me sob o aspecto gráfico e ao mesmo tempo mitológico, sob o aspecto das respostas culturais que poderiam oferecer no contexto social, político, humano, da nova Angola. Além de pintar, também fotografava, e frequentava assiduamente o cineclube da Universidade de Angola. Nunca tinha pegado numa câmara e a vontade de um dia experimentar foi crescendo à medida que os acontecimentos em Luanda, em todo o país, me revelavam o ritmo das grandes multidões, a dinâmica e o calor das grandes emoções populares. A possibilidade apareceu em Março de 75, com um concurso para realizadores na Televisão Popular, que estava a ser organizada nessa altura pelo Luandino Vieira”.

#### Instrumento de libertação

Após 14 anos de luta armada o MPLA — Movimento Popular de Libertação de Angola — assumiu o poder em Novembro de 1975, sob a liderança de Agostinho Neto. A instauração do novo Estado africano independente aconteceu no meio da sangrenta guerra intestina. Um ano depois, a ofensiva do MPLA terminava com a resistência da FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e da UNITA (União Nacional para a Independência Total de An-

gola), esta última chefiada por Jonas Savimbi, apoiado pelos Estados Unidos.

Angola, admitida na ONU, assina um tratado de amizade e cooperação com a URSS, o movimento guerrilheiro transforma-se em MPLA-Partido do Trabalho, são reorganizadas as FAPLA-Forças Armadas para a Libertação de Angola — e tem início a reconstrução do país arrasado, cujo projecto é o socialismo. Em 1977, uma tentativa de golpe de Estado, com a cisão de alguns chefes militares, um saldo de 100 mortos em Luanda. Na mesma época, com recursos da África do Sul, a UNITA de Jonas Savimbi reaparece, ocupando as cidades perto da fronteira com a Namíbia.

É a chamada “Questão da Namíbia”, que incendeia toda a África Austral e explode sobre Angola, que apoia e dá refúgio aos militantes da SWAPO, organização de libertação da Namíbia. Sob a alegação de destruir bases desta organização, a África do Sul invadiu e ocupou, em 1979, parte do território de Angola — a província do Cunene, ao sul — e forneceu meios para que a UNITA ocupasse a província de Huambo, o maior parque industrial do país.

Em Setembro de 1979, morre Agostinho Neto, substituído pelo actual presidente, José Eduardo dos Santos. Desde então, nas duas frentes de combate a situação cresceu em violência: na frente do Huambo, no centro-sul do país, frequentes massacres de aldeias pelos mercenários da UNITA e bombardeios aéreos da aviação sul-africana; e a frente do Cunene, no sul, onde a mais sofisticada tecnologia de destruição é utilizada e testada. Os angolanos pretendem vencer. E desde 1975 filmam tudo, fazendo do cinema um instrumento de libertação.

#### Câmara “metranca”

Um rolo de filme em liga de bronze, com inscrições em relevo dos últimos fotogramas. É o prémio “Glauber Rocha” sobre a mesa de trabalho de Luandino Vieira, na sede do Instituto Angolano de Cinema, em Luanda. Primeiro reconhecimento internacional importante, que coube como presente do sétimo aniversário desse cinema que já produziu 200 filmes de curtas, médias e longas metragens, em película ou videotape, agora somados aos projectos da Televisão Popular e do Laboratório de Cinema. Na milenar e jovem África, os heróis são militares e poetas, poetas-militares muitas vezes. Em Angola circulam veteranos de 100 batalhas com menos de 20 anos de idade. Os intelectuais estão no poder. Nos ombros e nas cabeças, a pesada tarefa de criar o socialismo humanista de Neto, enquanto o mundo desaba. A fórmula encontrada foi o partido único, marxista-leninista, com liberdade de expressão. O grande desafio é equacionar o passado e o futuro, e a ideologia, num momento em que o mundo ocidental franqueia as portas do seu terceiro milénio. A guerra

de libertação foi um passo. Agora, o tormentoso segundo passo, ainda a guerra — pé suspenso sobre minas e misseis. O terceiro passo, a paz — uma incógnita.

Luandino Vieira, o maior nome da literatura angolana, escreveu, no início dos anos 60, o seu *Luuanda* nas prisões da PIDE, polícia política portuguesa, no qual fala dos *musseques*, um povo digerindo e cuspidando um português diferente do europeu, engatilhando a sua nova língua, o "portangolano". Diz Luandino: "a intenção era demonstrar que o nosso povo se expressava de maneira independente, que nada mais nos ligava aos portugueses". *Luuanda* explodiu em Lisboa. Salazar, então no poder, fechou a Sociedade Portuguesa de Escritores. Luandino aguentou 12 anos de campo de concentração, no inferno do Tarrafal, onde escreveu outros livros, com um pedaço de lápis e trapo de papel, sob a luz de uma vela subversiva. Na selva, a guerrilha empurrava os "tugas" para o mar, enquanto Agostinho Neto com metranca<sup>2</sup> AKA na mão e esferográfica na outra, era a trilha de luz na luz.

Angola independente. Lúcio Lara, fundador do MPLA, encarrega Luandino de organizar a Televisão Popular. Luandino conta que lhe respondeu: mas eu nunca entrei num estúdio de TV! Corre a lenda que Lara teria comentado: "Ótimo". O governo colonial havia montado uma telemissora. Os guerrilheiros entraram, pegaram nas câmaras e começaram a filmar: um mar humano na entrada vitoriosa em Luanda, o povo em armas contra a FNLA e a UNITA e os seus mercenários. Torvelino, alegria, suor e dor sob as bombas. Os sul-africanos invadem o país.

Há um filme. *O golpe*, sobre o episódio do Fracção em 1977, numa tentativa de tomada do poder — a equipa de filmagem a sair da Televisão para um longo trabalho, o realizador Francisco Henriques despedindo-se de Luandino à porta, quando reparam na aproximação de carros blindados e uma voz no megafone gritando-lhes "rendam-se". Na confusão da surpresa, Henriques dispara a câmara, ficam sob o fogo, guardando a Televisão Popular de Angola. Fininho dispara a sua sepingarda. Na tela, um blindado aproxima-se, aponta o canhão e desvia-se. Um oficial golpista ordena a Henriques que suba para o blindado e filme; na tela, o outro lado da história. Horas depois, o MPLA controla o motim, recupera o blindado. Henriques volta a filmar com os seus companheiros, acompanha o desenrolar dos acontecimentos até à prisão do último implicado no interior do país. Um cinema que se faz assim, no gerúndio. A Televisão Popular funciona com toda a força. Em 1979, uma nova missão para Luandino: montar o Instituto de Cinema, que desenvolve o seu trabalho estribado no Laboratório (produção), na Cinemateca e numa empresa que controla a distribuição e o mercado de compra-venda no exterior.

<sup>2</sup> Meiralhadora

## Ano zero

Antes de 1975, existia uma estrutura precária, um pequeno laboratório e algumas câmaras ao serviço da propáganda do poder colonial. Com difícil acesso a qualquer tecnologia da comunicação, os jovens angolanos eram impedidos de se aproximarem, principalmente do cinema. Há casos isolados, alguns Super-8, poucas "cassetes" vistas em salas clandestinas. Tudo isto se perdeu completamente. O novo processo começou com a televisão popular. António Ole, Francisco Henriques e o seu irmão Carlos, o poeta Ruy Duarte de Carvalho, o desenhador André Rebelo e outros ainda mais jovens — praticamente saídos do liceu e do exílio — responderam à convocação de um concurso para realizadores. A primeira fornada do cinema angolano nasceu ali. Para a aprendizagem básica, lançaram mão da equipa francesa que cobria os acontecimentos históricos, iniciando o "beabá" das lentes, focos e plugues, absorvidos na acção, aprendendo, fazendo. Sem mistério, os que se interessaram, empunharam câmaras como já tinham visto centenas de filmes norte-americanos, muitos franceses e italianos, alguns portugueses e brasileiros, já sabiam e conheciam o que era o fenómeno "ver-ouvir". O resto estava a mover-se em línguas de fogo, nas ruas e campos, no sangue libertário.

Foram então organizadas mini-unidades de produção com três pessoas: o câmara, o operador de som e o coordenador ou realizador. Eventualmente um assistente, que imediatamente depois integrava uma nova unidade. Filmaram a guerra e em torno dela, os anos de maior animação e acção do povo na sua vontade de fazer um país. O material é vastíssimo, de tal modo que não houve tempo de ver tudo. Há uma sala no Instituto cheia de latas, centenas de milhares de metros de sons e imagens dessa época, ainda inéditos. Outras centenas de milhares de metros foram imediatamente veiculados pela TV ou serviram para a composição de projectos orgânicos, como *Angola ano zero* (do qual faz parte *O golpe*) e *Sociedade angolana trabalho com força*, sobre as diversas actividades produtivas, as reivindicações camponesas e operárias, a luta pela superação da crise que perdura até hoje. A série desperta no cidadão o direito de abrir a boca e o poder que daí advém. Película e vídeo duas técnicas rolando de acordo, lado a lado, colocando *stocks* que tinham no momento. De 1975 a 1978, o nascente cinema angolano (aqui, enfim, impossível separar o cinema da televisão) panoramiza e pormenoriza a humanidade do novo Estado que aflora de muitas nações tribais, cinema que fala portangolano, *kimbundo*, *umbundo*, *mumuila*, *fiote* e acompanha o gesto mágico dos *kimbandas* e o bater dos pistões fabris, uma espiral de emoções no giro da sonda petrolífera desflorando o solo, rodopio dos aviões escapando ao inimigo, os cornos em lira da



"Carnaval da vitória": a reconquista pelo povo desta festa proibida há 20 anos, pelos portugueses

impala<sup>3</sup>.

Kynocyclo, cineciclone: *Uma festa para viver, Saude o pó da batalha, Está tudo sentado no chão, Como foi como não foi, Faz lá coragem camarada, Adeus à hora da partida, Hoje é hoje, Nós somos, Construir lutando, Terra, Resistência popular, Aprender para melhor servir, Velhos tempos novos tempos, A luta continua.* Preto-e-branco e cor. A primeira fase foi ainda de agitação e propaganda, principalmente nos dias mais difíceis da agressão interna, em 1976: filmes-estampidos, curtos panfletos transmitidos pela TV e exibidos no interior do país em camionetas do Cinema Volante.

Por vocação internacionalista, acompanha os movimentos de emancipação do Terceiro Mundo, observa a evolução histórica dos países vizinhos da África Austral. No Samara, em 1977, Raúl Correia Mendes fez *A coragem vem do vento*, uma guerrilha tuareg<sup>4</sup> contra mirages de Marrocos, a vida nas áreas libertadas pela Frente Polisario, a juventude efervescente da República Árabe Saharaui Democrática, agora reconhecida pela ONU. *Revolução Revolução*, de Vítor Henriques, em 1978, a espantosa energia do povo palestino na sua luta quotidiana, a maneira como esse povo sonha e programa as formas futuras de um país que seja a sua pátria. Num impulso fraternal de participação, o homem novo faz do mundo a sua casa, o mundo meridional, o cinema angolano ampliando o horizonte acima dos imbon-

deiros<sup>5</sup>. Tudo indica que manterá o interesse pan-africano como uma das suas muitas vocações. Em 1980, Carlos Henriques fez *Viva Zimbabwé*, a retirada dos ingleses da sua ex-colónia, a Rodésia, de onde os oficiais de *her majesty* recolhem a sua bandeira cheia de encruzilhadas e onde uma outra desliza mastro acima com as faixas paralelas multicolores e preta. Fim da Rodésia e a eclosão da República do Zimbabwé, a multidão negra cantando em uníssono a alegria em desafio, dança de braços levantados, passos à frente: "vocês perderam, vocês perderam". Viva a África!

#### Intercâmbio

Os colonialistas construíram grandes casas de exibição ao ar livre nas maiores cidades, principalmente em Luanda. "A única coisa boa que fizeram", dizem os responsáveis pelo sector. É um tempo de guerra, cinemas cheios todas as noites, o bilhete é barato como a maioria dos produtos culturais numa economia alucinada. O cinema nacional ganha, de longe, em preferência, mas não é suficiente para o consumo diário. São exibidos filmes do Leste Europeu, URSS, Cuba. Alguns franceses e italianos e poucos norte-americanos, negociados com dificuldades porque Angola não compra lotes de filmes como exige o mercado ocidental, escolhe alguns que interessem — como *Missing* ("Desaparecido"), recentemente escolhido, entre uma remessa de baixo nível que obriga-

<sup>3</sup> Animal da mesma família do antílope

<sup>4</sup> Povo nómada do Sahara

<sup>5</sup> Árvore africana, típica da região

toriamamente o acompanha.

Pelos laços genéticos, históricos e culturais (reavivados no apoio material e político de Brasília ao governo de Luanda desde o primeiro dia da República Popular), o cinema brasileiro é a segunda maior preferência embora aparecendo pouco nas telas. Sabe-se que os recordes de audiência das telenovelas e das séries da rede "Globo" exibidas pela Televisão Popular, despertam discussões nas festas de fim-de-semana, quando o angolano tira as suas licenças da frente de combate. Também devido ao sucesso de duas mostras do cinema brasileiro nas principais cidades, na última semana de 82: multidões superlotaram o grande anfiteatro Miramar em Luanda, onde chegou a haver intervenção policial para organizar a massa de gente — o prazer de ver-ouvir o colorido Brasil das penúltimas produções, *Bye, bye, Brasil, Eles não usam black-tie, Gaijin* entre outros, o único cinema nacional de expressão portuguesa com idade e porte planetário, o natural mercado de intercâmbio cultural.

### Música/agricultura

A partir de 1978 cada grupo de trabalho, cada cineasta da Televisão Popular começa a descobrir e revelar as suas inclinações, tendências para determinados temas, abordagens, um certo jeito de filmar, as suas opções artísticas. A segunda fase tem a velocidade da história, daí a necessidade de fundação do Instituto de Cinema, organismo de produção sem o imediatismo da TV. Diz Ole: "Estava tudo por fazer, não só cinema informativo e político, de consciencialização como também a recolha de toda uma tradição oral, as várias emanções culturais que estavam sujeitas a uma transformação muito brusca. Algumas pessoas optaram por um trabalho de intervenção imediata, registando os acontecimentos com o intuito de compor mais tarde um fresco histórico, a viragem gradual para uma sociedade socialista".

Ole ligou-se à cultura popular urbana. *Carnaval da vitória*, de 1978, é a reconquista pelo povo dessa festa proibida desde o início dos anos 60 pelos portugueses ao descobrirem um corrosivo humor contra o poder colonial sob as alegres fantasias, danças e cantos. Quase 20 anos depois, grupos carnavalescos conseguem reorganizar-se apesar das dificuldades de toda a ordem e saem às ruas saudando o novo tempo. Ole documenta a sua câmara-pincel retratando o reaproveitamento de velhas "fardas" dos carnavais dos anos 50, guardadas em baús e a utilização de qualquer coisa numa época em que não havia tecidos no país (aliás, a crise continua) para inventar novos trajes, materiais inéditos aparecendo do nada, transmutando em cor e brilho, imaginação e mãos hábeis fazendo estrela de uma cruz — explosão plástica, emoção da dança na avenida. Em 1979, *Ritmo do Ngola Ritmos*, o lance no mesmo rumo para a recuperação de manifestações culturais de massas,

desta vez o cinema como agente provocador: Ole reuniu os componentes do histórico "Ngola Ritmos" grupo musical de imensa popularidade na década de 50, modernizador revolucionário calcado em profundas matrizes africanas, dissolvido pela PIDE ao perceber, no sentido das canções em *kimbundo*, um convite de incitamento ao levantamento popular contra o invasor. Alguns elementos foram presos, outros sumiram-se na clandestinidade. Sobreviveram todos e Ole se reuniu-os para conversar, cantar e reviver.

Em seguida, *No caminho das estrelas e Conceição Tchimbula, um dia uma vida*, já em 1982, quando abandonou as cidades do litoral e mergulhada território adentro, caçador de imagens, Conceição Tchimbula, mulher angolana igual a milhares de outras agricultoras, com o benjamin ensacado às costas dormindo ao balanço da mãe na enxada, que sobe e desce. Como milhares, enfrentando a precariedade dos serviços públicos, as dificuldades de acesso à medicina gratuita, longas caminhadas pelos afro-sectores correndo o perigo de encontrar "fantoches da UNITA, cortadores de cabeça", a enxada sobe e desce, onde todos se tratam por "camarada". Ole é quieto, experimenta novos processos de criação colectiva, uma evolução das primeiras unidades de produção da TV; agora, coordena o grupo na realização de *Mano Dibango*, filme sobre música e revolução. Projectos para o futuro: "a aprendizagem pela vida do cinema directo foi tão importante, teve uma carga tão grande, que é difícil de superar; mas interessou-me neste momento pela ficção. Estou envolvido no projecto *Mayombe* (ver entrevista com Pepetela nesta edição) e penso filmar a biografia de Neto. Não tenho pressa. Pintura e cinema exigem muita energia".

### Crianças e canhões

Asdrúbal Rebelo ocupa-se da infância e da juventude, aprofunda o tema marcante da sua personalidade desde 75, quando realizava programas infantis na TV Popular e filmes como *Velhos tempos novos tempos*, que aborda a relação dos "miúdos" com o espaço geográfico que habitam. *Nascidos na luta e vindo na vitória*, de 1978, relata a participação dos "pioneiros" na luta de libertação e de reconstrução nacional. "Pioneiro" é o nome dado em Angola à criança participante, na sua decisiva actuação na guerrilha, nas suas missões de espionagem e sabotagem, hoje peça fundamental no programa Edificação das Bases Materiais e Espirituais do Socialismo. O OPA (Organização dos Pioneiros Agostinho Neto) trabalha nos alicerces de um projecto maior ao lado dos trabalhadores da UNTA (União Nacional dos Trabalhadores Angolanos), das mulheres da OMA (Organização das Mulheres Angolanas), dos escritores da UEA (União dos Escritores Angolanos) e dos soldados das FAPLA. Uma das tarefas actuais dos Pioneiros é recuperar, abrigar e educar milhares de

crianças órfãs, desgarradas pela guerra. Sobre estes, Rebelo fez, em 1981, os *Filhos da rua*, depois de procurar o olhar da infância em *O balão*.

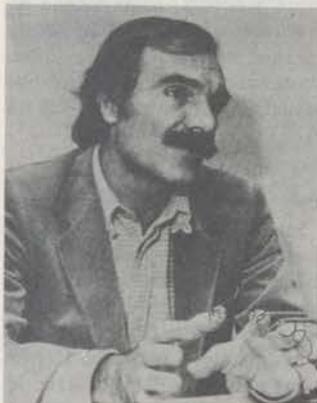
Como Rebelo, Carlos e Francisco Henriques seguiram os primeiros impulsos de 75, numa linha evolutiva. Tratam da mais-que-importante questão da defesa nacional: "é dever fundamental de qualquer Revolução defender-se". Das primeiras imagens, a série *Angola ano zero*, até *Agressões sul-africanas*, de 1981, uma obra colectiva, desenha-se a opção cinema/arte antiimperialista, um artefacto da defesa popular. Filmam a luta directa contra os exércitos neocolonialistas em África; a câmara participa da acção: *Asas da revolução canhões da liberdade*, de Carlos, relata a batalha nos céus da Cahama em 1979. *Quero ser soldado*, de 78/79, do mesmo Carlos, acompanha e analisa a transformação do exército da guerrilha em exército nacional moderno, tudo como acontece. Como pode nascer um novo militar, guardião da paz.

## Mutantes

Ruy Duarte de Carvalho investiu o seu múltiplo talento no projecto documental de grande fôlego com a população da província de Huila, onde viveu a maior parte da sua vida: *Presente angolano/Tempo mumula*, 10 filmes totalizando cerca de seis horas de aturada observação poética desse encontro, o que sempre foi e o que será, uma interpretação cultural-socialista-científica, cultura-tribalista-arcaica no quotidiano da comunidade que pouco a pouco assimila a presença da câmara que nunca pretende interferir.

Fala Ruy: "expôr apenas, talvez, garantir ao filme uma autonomia que lhe permita simultaneamente revelar-se válido como cinema, útil como referência e fiel como testemunho. Talvez assim se consiga estabelecer uma delicada zona de compromisso entre quem fornece os meios de cinema, quem os menea e quem depõe e se expõe perante os mesmos".

Cinema etnográfico? O próprio Ruy-se interroga, trabalhando sobre dados etno-antropológicos "mas ainda vivos e, portanto, actuaes no terreno do confronto cultural, social e político entre um passado cujas fórmulas se mantiveram para além e apesar da acção colonial e as propostas de futuro que o tempo e os tempos inexoravelmente impõem". A comunidade *mumula*, uma coesa identidade em torno do feiticeiro *kimbanba*, ritualística, coexiste próximo da Universidade, em Lubango, a poucos quilómetros, e a sua missão modernizadora. Kambia, um *kimbanda*, dialoga com um psiquiatra de Luanda sobre magia e medicina. Visões do mundo, a dos anciões do antigo reino do Jau, nascimento do homem, mistério da alma e da palavra, rito de trabalho dos estudantes de Lubango, ciência, forças produtivas, conflito de gerações.



Os pioneiros da OPA são peças fundamentais na actual fase do processo. Ao lado, Luandino Vieira

## Espelho em chamas

António Ole e os irmãos Henriques estão hoje com cerca de 30 anos. Asdrúbal Rebelo ainda na casa dos 30 e Ruy Duarte de Carvalho acaba de dobrar a casa dos 40 e é o mais velho, o "cota" da primeira fornada que neste entremeio partiu uma nova geração: João Jardim saltou do programa quinzenal de *TV Tempo jovem* para recompor a história recente. O seu *Leão da saudade* traça o perfil do herói nacional Hoji Ya Henda; Carlos de Oliveira vai em close sobre a velha Vavó Fuxi, em *Drama*, sofrimento pela lembrança de filhos assassinados um a um pelo governo colonial até ao dia, em 1956, em que o povo se levanta: Vavó Fuxi, a vingadora. Nas entre-imagens documentais, pouco a pouco brotam flores elásticas, sementeira do imaginário.

Salto para a ficção — dizem os angolanos, hoje — na sua ância e necessidade de expansão da linguagem do sonho: soltar rédeas, destravar freios, estórias da história, boca do povo e literatura, negro que sai do negro brilho, comportas revolucionárias da invenção. Os jovens cineastas exercitam-se, descobrem técnicas para escrever cenas e diálogos, tudo tão novo, nomeiam a nova peça de *cenário*, *guião* ou *roteiro*, in-

definidos entre terminologia francesa, portuguesa, brasileira. Na avaliação dos 200 filmes realizados até ao momento, um registo empolgante da realidade, difícil para eles, causa efeito, sujeito/objecto, câmara à frente do espelho ardente. O cinema bebe do povo, o povo bebe do cinema, não há como dissociar em Angola, mas — o que pensam os olhos estrangeiros?

Vejo muitos filmes em Luanda, um turbilhão de imagens e sons, nascimento de uma nação, pura adrenalina. Sinto lágrimas quentes e eles perguntam-me: "não dizes nada, pá? é bom ou ruim? por acaso o que fazemos é Cinema? Se calhar, sê impiedoso, queremos críticas duras". Não alimento conversa epistemológica, diegética, euro-norte-americana, regras aqui não valem, quando o cinema é reinventado: sob tiros faz-se linguagem revelada. E apanha-nos pelo pé e pelo coração se somos sãos, se acreditamos que o homem novo é capaz de encontrar linha d'água no oceano, verdade no verde, tobogã no eter, montanha russa é pescoço de gazela onírica, transorizonte. Fundo e forma, idioma universal, língua luz do homem. Câmara na mão, metranca na outra, África na cabeça.

### Moviola

Em fase final, três longas metragens a preto-e-branco, que estarão, ainda este ano nas telas e vídeos, contando histórias que o público reconhecerá como familiares. Opção para o claro-escuro, quando as cores marcam já a expressão do cinema angolano, as tintas de António Ole, os matizes fortes dos Henriques, a sobrimpessão das nances de Ruy Duarte de Carvalho, justamente um dos três que se lançam à aventura ficcional. Quiseram o preto-e-branco, a nitidez pela redução, avançam cautelosos por terreno desconhecido. O fictício emerge do real. Com a sua gente *mumuila*, após quatro anos a firmar *Presente angolano*, Ruy compôs *Nekisita* a partir da tradição oral, nascimento e militância do semideus mitológico Filho do Povo, e seu defensor, lenda que se desdobra na actualidade, a montagem — máquina do tempo — transformando o carro-de-bois em camião, elefante em motocicleta. Pessoas da tribo encenam para a câmara e para si mesmas, e actores naturais, o teatro sempre nas suas vidas, repassam o exercício ritual num novo veículo: vivem e interpretam Nelisita e a mãe, espanto ao encontrar um depósito de alimentos no deserto, espanto quando o padrinho tenta controlar o semideus, a maldade dos espíritos de óculos escuros que escondem comida e escravizam os homens e que são vencidos por Nelisita mas podem voltar em qualquer momento.

A fita corre na moviola: primeiro uma longa-metragem de Orlando Fortunato, numa reconstituição do massacre de Ícolo e Bengo em 1960, estopim de uma ofensiva guerrilheira. Fala Fortunato: "A nossa equipa faz ficção documental" Vendo *Memória de*

*um dia*, entendo a definição do âmbito e da utilidade social do cinema, não importa a época — o atemporal Nelisita ou a data do massacre em 60 — o foco está na ponte entre o hoje e o amanhã. Entendo que a guerra não acabou, o *slogan* a vitória é certa, que ficção/documental é cabeça de arção que inter/fere. Em *Memória de um dia*, a ponte é Agostinho Neto, personagem que não se materializa mas está sempre presente, pois sabemos que se encontra no interior do automóvel seguido pela PIDE, rolando nas estradas: Neto visita a sua aldeia, onde exercera medicina durante muitos anos e no regresso a Luanda, preso. O povo da aldeia vai até ao Comissariado saber a razão e é recebido a tiro: mais de 50 mortos espalhados pela rua e muitos mais, todos os mártires, um longo *travelling* de mudo espanto. Alguns actores amadores, sendo que a maioria nunca viu uma câmara, fazem o povo da aldeia, os colonos portugueses, a história a ser alinhada pelo velho Kimbinda, sobrevivente do massacre, num monólogo interior enquanto passeia pela história, Kimbinda ele mesmo é personagem.

Terceira longa metragem na moviola, com título em *kimbundo*, *Kiala mukanga* ("Está à vista"), sobre o mercado paralelo que devora a economia nacional, a "candonga". Há o mercado oficial controlado pelas leis do Comércio Interno, há salários e estabelecimentos para distribuição dos produtos básicos, atingindo menos de 20% da população; e há a "candonga" descontrolada, onde a *kwanza* (moeda nacional angolana) vale no mínimo 100 vezes menos feita abertamente em mercados, populares por vendedeiras que não devolvem o dinheiro ao banco ou circulação, mas o aguardam em garrafas, o que gera uma inflação incalculável. Uma chaga na economia de guerra, tema de Ritz Ruivo Alves e Fininho, visita algumas linhas atrás, de espingarda na mão a cobrir a câmara de Henriques em *O golpe*. Ritz e Fininho assinam conjuntamente o *Ngenji* (andarilho), exercendo a sua liberdade de expressão, chave do socialismo humanista sonhado por Neto. Escrito directamente para o cinema, com implicações políticas ideológicas. *Kiala mukanga* vai ao fundo na denúncia das distorções do processo: o, casal de namorados camponeses; ela sonha com grandes cidades no litoral e um dia parte; ele não pretende sair; ela chama Mingas e em Luanda passa a viver com um cooperante estrangeiro, a semiprostituição para evitar fome: o namorado, camponês, compra um camião e vai a Luanda para a procurar. Mete-se na "candonga", testemunha a corrupção dos fiscos, os trambiques, as mutretas à sombra das batalhas, país a ser corroído por dentro; encontra Mingas, parte desse mundo, que lhe propõe um triângulo com o cooperante: o amor transforma-se em desencanto. Ela volta para o campo e fala ao amigo: "Mingas está perdida, fica com os dólares do americano".

Ao cinema, incorporam-se o teatro e a densa literatura angolana. Cineastas aproximam-se dos escritores, entram em contacto com grupos teatrais amadores que mostram o dia-a-dia popular e se expressam no canto e na dança. Existe o "teatro experimental", jovens a trabalhar a expressão coporal, criações colectivas, iluminação moderna — menos curtidos, pois o público acha exótico e prefere os espectáculos do tipo quotidiano da vida. Não há tradição de teatro europeu: o famoso grupo "Gesto" dos anos 50, juntamente como o "Ngola Ritmos" excluía essa influência por definição de princípios, laborando a modernização via linha angolana. Caminho idêntico do grupo "Ngongo", navegando nos tempos perigosos do fim dos anos 60 e começo dos 70, falando *kimbundo* para não ser destruído, um teatro vertical de resistência criado sobre formas dramáticas tribais, dançando sobre o fio da catana: "Ngongo" significa *natureza* e *sofrimento*, dependendo da acentuação: força e dor. Após a independência, surge o grupo Xilenga, com formação brechtiana, com espectáculos da actualidade africana.

Para este ano, o projecto de criação da Escola de Artes Cénicas e a produção do filme de grande fôlego, uma adaptação de *Mayombe* com o elenco a ser preenchido por actores de várias idades. Romance de maior evidência hoje em Angola, com personagens de forte identificação popular: a guerrilha de libertação na grande floresta do norte, em Cabinda, escrito em acção por Pepetela (ver entrevista).

"Estamos aqui a investir numa expressão cinematográfica nacional", diz Luandino Vieira. Quadros: a grande nação angolana e o resultado da interligação sócio-cultural em cadeia de diversas nações tribais, oriundas principalmente das culturas *kongo*, *tchokuê* e *yaka*, numa aglutinação consolidada desde o século XVII pela rainha Jinga, líder lendária da primeira grande ofensiva de libertação contra os colonialistas europeus. São mais de uma dezena de idiomas africanos, ditos "línguas nacionais", falados no país e na rádio, TV filmes, geralmente legendados em português, idioma escolhido como oficial por ser estrangeiro, por ser "de fora" e servir de referência geral à sociedade poliglota. Um caminho sonoro no alarido, um inesperado contraplano: a língua do colonizador expulso serve de instrumento de integração nacional ao excolonizado. Aí vem o falar do povo, aqui e ali a sintaxe *kimbundo* em cima da "última flor do Lácio", sintéticas afropalavras brotando na conversão ibérica, o *pa* dos poetas lavrando o eito da invenção, sempre citado o exemplo da língua brasileira cada vez mais distanciada e independente da *mater* europeia. Línguas nacionais e portangolano, porto livre. Linguagem: como se expressa o povo ao nascer uma nação, ao quebrar o ovo? Como articular modernamente a sabedoria milenar africana violentada du-



rante cinco séculos por uma brutal ocupação imperialista? Neste contexto, nessa textura, a importância impar do Cinema para a nascente nação angolana, linguagem sem fronteiras, a própria solução de Babel. □



**VESPER**  
Importação e Exportação

Empresa de capitais mistos Luso-Angolana

Associadas:

IMPORTANG U.E.E.

Central Angolana de Importação

EXPORTANG U.E.E.

Central Angolana de Exportação

ANGODESPACHOS U.E.E.

Empresa de Despachos Afiançadores de Luanda

COTECO

Sociedade de Cooperação Técnica e Comercial, Lda.

Comércio Geral de  
Importação e Exportação  
Representações, Serviços,  
Actividades Conexas e  
Agência de Empresas  
Nacionais e Estrangeiras

**VESPER**

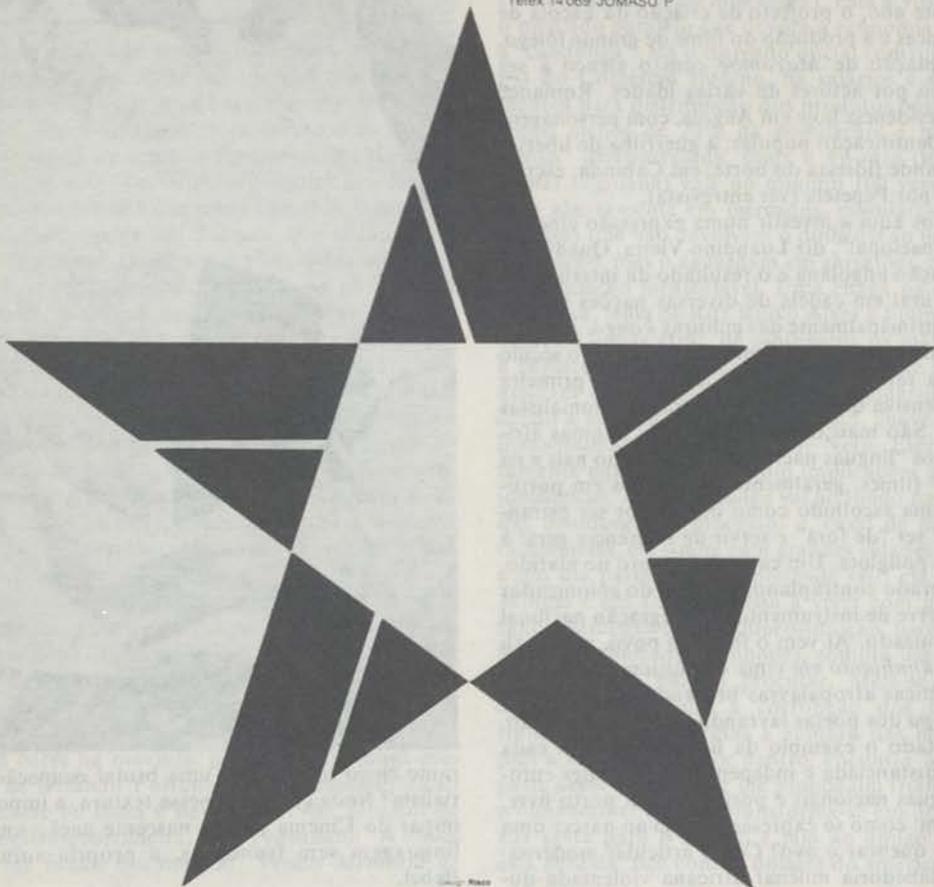
Importação e Exportação, Lda

Av. António José de Almeida, 44, 1.º-D

1000 LISBOA Portugal

Telefs 731123 | 731323 | 731423

Telex 14069 JOMASU P



# Angola

## Pepetela:

### "Estamos apenas no começo"

O papel do intelectual no processo revolucionário e a procura das raízes culturais do seu povo, na palavra de um escritor empenhado na luta de libertação

José Carlos Gondim \*



**A** fim de trabalhar na adaptação cinematográfica do seu romance *Mayombe*, esteve recentemente no Brasil o escritor angolano Pepetela — pseudónimo de Artur Pestana dos Santos —, antigo comandante guerrilheiro durante a guerra de libertação e vice-ministro do actual governo.

"Nunca uma publicação causou tanto impacto em Angola como a de *Mayombe*. Todos concordam, neste país, que tal teria sido impossível nos anos anteriores", foi o comentário expresso pelo semanário português "O Jornal", quando do lançamento do livro de Pepetela.

O projecto de filmar *Mayombe* surgiu na sequência do sucesso que o livro teve em Angola. Luandino Vieira, director do Instituto Angolano de Cinema e Artes — e que no passado mês de Abril esteve também no Brasil para assinar convénios com a Embrafilme e inaugurar a mostra de Cinema Angolano (ver matéria) —, foi quem propôs que o livro de Pepetela fosse adaptado à tela. Como não havia a possibilidade de se encontrar um director angolano com a experiência necessária para tal realização, foi sugerido o nome do cineasta Ruy Guerra, juntamente com António Ole. "Mesmo sem conhecer o Ruy não hesitei — conforme frisou Repetela —, atendendo ao facto de ser um brasileiro-africano ou um africano-brasileiro com uma grande vivência da própria África, do cinema brasileiro e também do internacional."

Como é a primeira longa-metragem de ficção angolana, as dificuldades técnicas estão a ser solucionadas a partir da própria produção na qual deverão participar angolanos, brasileiros e cubanos. Angola sozinha não teria condições de arcar com toda a res-



ponsabilidade do projecto. Assim, para o guião definitivo da película foi encarregado o brasileiro Orlando Senna, que já trabalhou em Angola e noutros países africanos sendo, além disso, um experiente argumentista (por exemplo, o de *Iracema*, de Jorge Bodansky, premiado internacionalmente). Actores angolanos, brasileiros e cubanos formarão o elenco que vai colocar na tela as personagens de Pepetela, cuja acção decorre na época da luta pela independência de Angola. "É, portanto, um trabalho conjunto entre Angola, Brasil e Cuba", assinala Pepetela.

*Como intelectual, participou activamente no processo de libertação do seu povo. Conte-nos um pouco dessa sua experiência — um intelectual em armas contra o colonialismo, em defesa da sua pátria.*

— É muito difícil descrever o processo, mas foi uma extraordinária experiência. O intelectual parti-

\* Participaram igualmente na entrevista os companheiros Cláudia Neiva e Mário Augusto Jakobskind.

cipa na acção, está com um grupo de pessoas que vem de todas as camadas sociais e como é intelectual, pode teorizar e analisar a acção. A própria experiência do livro é muito interessante porque foi escrito em cima momento. Foi escrito nos tempos livres que eu tinha, sobre pessoas reais, concretas, embora evidentemente alteradas pela ficção. Não se pode dizer que uma personagem corresponda exactamente a uma pessoa que tenha lá estado, mas tem características de um e de outro e mais acréscimos de natureza ficcionista. E algumas partes do livro seguem assuntos reais, principalmente a primeira, embora as personagens sejam fictícias, mas a acção passou-se quase exactamente como está no livro.

É interessante porque se diz que o escritor, geralmente, tem que deixar passar um tempo, uma distância sobre o acontecimento, deixar decantar para evitar os riscos do erro da análise imediata. Para mim foi bom, porque eu não senti essa necessidade de esperar e creio que não errei muito na análise da situação. Antes pelo contrário, o facto de estar a escrever sobre a situação, até me permitia aprofundar melhor a sua análise. Participar de uma maneira mais profunda. Por exemplo, o problema do tribalismo, ou melhor, os diferentes nacionalismos (porque o termo "tribalismo" não está correcto, já não há tribos. Aliás, o presidente Agostinho Neto chamava ex-nações, porque realmente era um processo de transformação dessas ex-nações numa só nação. Foi essa a sua palavra-de-ordem ao seu povo e à sua nação. De qualquer forma, o termo "tribalismo" ficou na gíria política).

Bom, o facto de estar a escrever sobre esse tema, que é fundamental em todo o livro, permitia — porque eu dava formação política aos guerrilheiros — aprofundar mais a discussão sobre o assunto. Isso ficou muito claro. Portanto, é também uma outra experiência a de estar a escrever sobre a acção do momento e depois as consequências sobre a própria acção. Dá um outro romance.

*Falando noutro dos seus romances, eu li o Ngunga, também passado na fase da guerra de libertação...*

— O Ngunga tinha outra preocupação. Foi feito para servir como textos de apoio nas escolas. Nas das zonas libertadas apenas existia o livro de leitura (alfabetização) e mais nada. Portanto, as crianças não tinham o hábito de leitura e não podiam exercitar o vocabulário. É preciso ver que essas crianças da zona rural que aprendiam o português na escola, em casa não falavam português, falavam outras línguas, como o *kimbundo* ou o *mumulla*, por exemplo. Portanto tinham um português limitado. Então, pensei em escrever textos que elas pudessem ler fora ou dentro da escola, mas que não fossem textos escolares, com a preocupação de que a linguagem lhes fosse acessível, com um mínimo de palavras já conhecidas e introduzindo cautelosamente outras novas. E a ideia — que foi concretizada — era de que cada texto fosse imediatamente traduzido para *bundo* e publicado tanto em português como em *bundo*. Havia uma coisa que eles não compreendiam: podiam "ler" em *bundo* (embora não soubessem ler em *bundo*), porque sabiam ler português e comparavam os dois textos. Era

uma experiência de apredizagem da língua materna escrita, e aperfeiçoamento do português.

De facto havia um camarada professor que, à medida que eu escrevia o texto, traduzia para *bundo*, comprometendo-me, assim, também a aprender melhor o *bundo*, fazer estudos sobre a gramática, porque era uma língua que não estava escrita e que, portanto, não tinha gramática; então era também uma das descobertas das regras da gramática *bundo*.

Quando cerca de metade dos textos estavam escritos, percebi que havia uma história. Então comecei a ter uma certa preocupação literária; os textos passaram a ser mais complexos, mesmo mais imagéticos. Depois, foi publicado tal e qual foi escrito.

Penso que há uma diferença entre os primeiros capítulos (agora são capítulos) e os outros. Por essa razão, acharam que eu deveria modificar os primeiros capítulos. Por serem muito simples, muito directos. Mas eu achei que seria interessante que o leitor seguisse todo o processo e eles ficaram assim como estão. Creio que o seu grande sucesso se deve, em parte, a esse facto, porque é acessível a qualquer jovem; e quando o texto se torna mais complexo, o leitor já está "dentro" da história e é capaz de compreendê-la.

Porém, o projecto do livro ser publicado em português e em *bundo* não pôde ser realizado completamente. Espero que um dia, em Angola, isso aconteça, pois é muito interessante. Cada página corresponde, mesmo em tamanho, à tradução, tudo foi planeado, todo o projecto gráfico foi pensado em função dessa tradução.

É nisso que ele difere de *Mayombe*, no qual não tive essa preocupação, além de ser para um outro público. Embora o *Ngunga* tenha sido feito para um público muito específico, ele teve grande aceitação noutros países. Por exemplo, está mais publicado fora do que dentro de Angola.

### Raízes culturais

*Como vê as possibilidades de maior aproximação cultural entre os povos brasileiro e angolano que têm o mesmo tronco de formação cultural?*

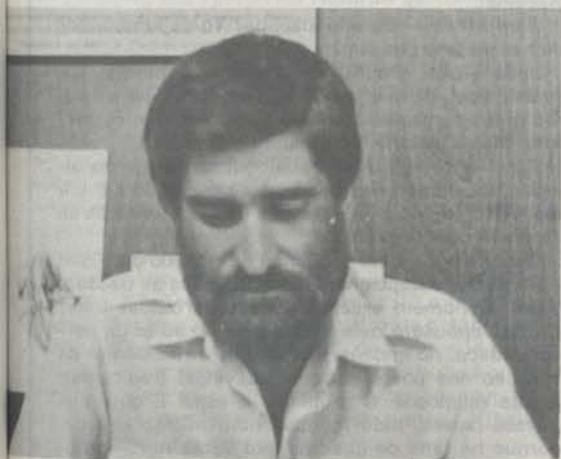
— É um namoro muito antigo, de séculos. Em Angola, sobretudo nas cidades, o povo está muito ligado às coisas brasileiras, ao Brasil, sentimental e culturalmente. E isso vem de há muito tempo, desde a vinda para o Brasil dos escravos oriundos de Angola, mas não apenas devido a isso. Por exemplo, as cidades angolanas eram abastecidas na época colonial por alimentos vindos do Brasil, principalmente da Baía e do Recife. A luta contra os holandeses em Angola foi dirigida — não sei se poderia dizer por brasileiros — por portugueses que viviam no Brasil. Henrique Dias, por exemplo, deixou família em Angola. Há também um poeta do século XVII que foi desterrado do Brasil para Angola, chamado Gregório de Mattos...

*O "Boca do Inferno", como era chamado pelos portugueses, por causa das críticas que fazia ao governo colonial...*

— Ele era baiano e foi desterrado para Angola.



Pesquisar e sintetizar as raízes nacionais...



... está entre as preocupações de Pepetela

Os primeiros poemas escritos em Angola são de Gregório de Mattos. Tentou uma rebelião em Angola, no seio do próprio governo colonial, uma rebelião de soldados contra oficiais. Na sequência disso foi

redeterrado para o Brasil. Lá, também não o aguentaram e mandaram-no de volta. Portanto, é muito antigo esse relacionamento dos nossos povos.

Há o caso do primeiro poeta angolano que é de Benguela (a minha cidade, aliás), que sofria de tuberculose e foi tratar-se na Baía, e não em Portugal. Chama-se Maia Ferreira. Teve o seu primeiro livro publicado agora, o primeiro livro que se conhece feito por um angolano.

A relação Brasil/ Angola, desde os séculos passados, já era muito mais forte do que Angola/ Portugal. De tal modo, que em 1823 houve um movimento de independência em Benguela ligado ao Brasil, e uma das condições para que Portugal reconhecesse a independência do Brasil (e isso só aconteceu em 1825) foi a de que o Brasil não encorajasse a independência de Angola e de Benguela, que nessa altura eram duas nações distintas.

*E em relação às duas literaturas, a brasileira e a angolana?*

— Em relação aos escritores angolanos mais recentes, os mais conhecidos, se se perguntar qual a primeira influência que tiveram, veremos que é do Brasil, do nordeste. Por exemplo, Agostinho Neto reconhecia a influência de Castro Alves na sua poesia. Já Luandino Vieira e outros reconhecem a influência directa de Jorge Amado. Também José Lins do Rego, porque era a literatura que chegava a Angola. É muito grande a influência do Brasil. Aliás, uma vez houve uma discussão em Angola sobre a influência do neo-realismo português na literatura angolana e o camarada que fez a conferência tentava defender que éramos influenciados pelo neo-realismo português com o qual discordámos. Eu, pessoalmente, não conheço o neo-realismo português, portanto não posso ter sido influenciado por ele. Se o que se chama de neo-realismo português é Jorge Amado, então, muito bem. Mas há uma diferença fundamental: a literatura angolana está muito mais próxima da brasileira do que a portuguesa. Talvez a fala — a língua — esteja mais próxima de Portugal, porém, as bases não, são muito mais brasileiras e latino-americanas.

*Seria por problemas concretos ou por uma certa resistência cultural ao colonialismo, o facto de não chegarem livros portugueses a Angola?*

— Ambas as coisas. Havia uma certa resistência, pois os livros chegavam lá mas os angolanos não liam, excepto uma elite portuguesa, porque os livros não tinham nada a ver com aquela realidade. O nordeste brasileiro tinha muito mais a ver com Angola.

Por exemplo, esse fenómeno que ocorre em Angola e que já ocorreu no Brasil, que consiste na deformação consciente da língua portuguesa na literatura, é uma forma de resistência, é política. A atitude de utilizar o instrumento da língua contra o colonizador.

*Tal como aconteceu no Brasil...*

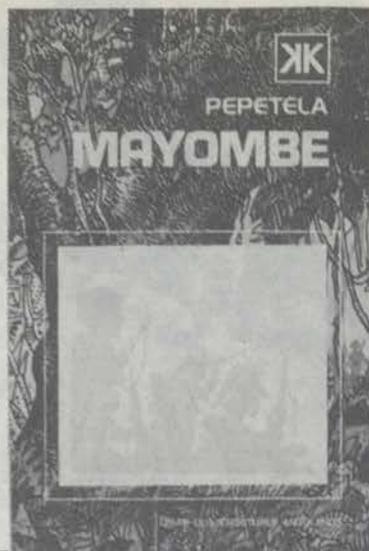
— E, de facto, corresponde a posições objectivas, corresponde à influência das línguas nacionais faladas pela população, com estruturas completamente diferentes, sobre a língua portuguesa. Como no Brasil já não se fala a língua portuguesa, já é diferente. Outro

exemplo: o Luandino Vieira diz que foi com Guimarães Rosa que aprendeu que se pode fazer de uma língua o que se quiser. Ele já tinha essa ideia, mas foi com Guimarães Rosa que encontrou a autoridade, a força necessária para a realizar. Então, a partir daí, o Luandino começou a "subverter" a língua portuguesa, a abri-la muito mais. Também ele influenciado pelo Brasil.

E isto a nível de literatura, porque o mesmo se passa na música.

*Chegámos realmente a uma separação bem clara entre o português falado em Portugal e o do Brasil. Por exemplo, o espanhol falado na América ainda é regido pela Real Academia Espanhola, ou seja, é a mesma língua, a mesma gramática. — Nós, aqui já não. A nossa língua está em processo de formação.*

— Em Angola vai haver brevemente uma conferência reunindo todos os países africanos de língua portuguesa, exactamente para discutir esse aspecto. E a nossa posição vai ser de defesa da liberdade de criação da nossa própria língua. Mesmo hoje, o por-



## Mayombe, um sopro novo na literatura angolana

A publicação de Mayombe (Edições 70, Lisboa, 1980) agora editado também no Brasil pela Editora Ática (São Paulo, 1982), foi um evento cultural dos mais importantes nos últimos anos, em Angola. Não por casualidade. A autorização pessoal dada pelo falecido ex-presidente Agostinho Neto para que esse romance — que trata da luta dos guerrilheiros contra o exército português nas matas do Mayombe, em Cabinda — viesse a público, deveu-se, segundo o escritor e crítico literário angolano Rui Buéti, "a considerações próprias", ou seja, foi "um dos numerosos indícios da sua política de 'mudança de rumo', no sentido de prover a sociedade civil de maior maleabilidade" a fim de evitar o sectarismo, fenómeno inerente a determinadas fases de um processo político.

Com uma temática inserida na realidade social da Angola actual, Mayombe tece considerações críticas às peripécias guerrilheiras vividas por milhares de angolanos durante o período da segunda guerra de libertação, que se iniciou em 1975. Por isso, a grande aceitação do público angolano (o romance já tem diversas edições esgotadas), que teve assim a oportunidade de ler, comentar — e, portanto, analisar de um ponto de vista já distanciado pelo tempo — tudo aquilo que faz parte do seu passado mais recente.

Duas são as questões que centralizam o debate sobre as preocupações nacionais nessa fase de consolidação da nação: a questão da unidade nacional — já que a mais ampla comunidade social possível, não só em Angola mas na África como um todo, seria a comunidade etnolinguística que, im-

propriamente, os etnólogos europeus denominaram de "tribo" — e a questão da direcção política centralizada num partido único.

Em Mayombe, Pepetela aprofunda essas discussões, através das suas personagens criadas na observação e na vivência da própria frente de batalha, onde exerceu dos mais importantes papéis, como comandante de guerrilheiros.

A história desenrola-se entre os guerrilheiros de uma base do MPLA. No centro da acção, situa-se o confronto ideológico entre dois responsáveis pela base: João, o comissário político, e "Sem Medo", o comandante militar. Sobre a questão da unidade nacional:

**Sem Medo** — Eu sou kikongo? Tu és kimbundo? Achas mesmo que sim?

**João** — Nós, não. Nós pertencemos à minoria que já esqueceu de que lado nasce o Sol na sua aldeia. Ou que a confunde com outras aldeias que conheceu. Mas a maioria, Comandante, a maioria?

**Sem Medo** — É o teu trabalho: mostrar tantas aldeias aos camaradas que eles se perderão se, um dia, voltarem à sua. A essa arte de desorientação se chama formação política.

Ou este outro trecho, quando Sem Medo diz: "Sim há homens excepcionais uma vez todas as décadas. Um só homem excepcional poderá mudar tudo? Então, repousará nele e cair-se-á no culto da personalidade, no endeuamento, que entra dentro da tradição dos povos subdesenvolvidos, tradicionalmente religiosos. O problema é esse. É que, nos nossos países, tudo repousa num núcleo restrito, porque há falta de quadros, por vezes num só homem."

Resumindo todo o espírito do livro, a frase final de Pepetela: "Hoje sei que não há trilhos amarelos no meio do verde". Assim, ele critica o dogmatismo e as ideias preconcebidas que acompanham os movimentos revolucionários.

tuguês de Portugal tem influência de Angola: do Brasil, então, nem se fala. A televisão brasileira tem uma influência directa em Portugal.

*E até nós, aqui no Brasil, temos muita influência angolana. É só pegar num dicionário...*

— E não é só nos termos, no léxico. Na sintaxe, também. Em Angola, diz-se “ele me deu”, diferente do vernáculo “ele deu-me”. A construção da frase angolana é esta: sujeito, complemento e verbo. E o Brasil, creio eu que sofreu influência das línguas bantu que ultrapassam inclusive Angola, são mais gerais. E em Angola, cada vez mais se fala assim. Quer dizer, não nos limitamos ao padrão de Portugal.

#### A revolução cultural

*Isso é interessante. Eu sempre me preocupei com o processo da revolução cultural em Angola. Fizeram a revolução política, económica e social. Mas em que pé está a revolução cultural?*

— Estamos a começar. Ainda há, a nível cultural, duas culturas. Uma, de origem europeia, citadina, “crioulizada”. Outra, a cultura tradicional, oral sobretudo. Ainda há que fazer essa aproximação, essa síntese, para se chegar a alguma coisa nova. Estamos apenas no começo. Começa a haver uma procura, uma pesquisa das raízes culturais, históricas, da nacionalidade, que possa permitir mais tarde uma síntese. Mas isso demora e está muito ligado à formação, à educação, à instrução. A grande ligação entre o campo e a cidade. Todo esse processo de modernização que tem de ser feito. Somos condenados à modernização... Mas, espero que ela se faça tendo em conta uma série de características locais, que não seja uma violência.

*E como vê a aproximação Brasil/Angola, como por exemplo, esses projectos culturais que começamos a intercambiar? Como fazer para trabalharmos juntos?*

— Eu creio que há muita vontade de ambos os lados. Algumas experiências já realizadas tiveram êxito, quer de um lado quer do outro. No caso da música, por exemplo, tivemos aquela digressão de músicos brasileiros que foi um sucesso, o “Projecto Kalunga”. E agora, o “Canto Livre de Angola” que veio ao Brasil constituindo-se num forte exemplo da ligação cultural. Isto prova a força da ligação entre os dois povos, e a vontade de levar adiante essa força.

Também no campo da literatura, há agora uma colecção, “Autores africanos” que está a ser editada em São Paulo que é mais um factor de colaboração. Isto demonstra que realmente é possível — é não só possível como necessária — essa colaboração, quer se queira quer não. Eu costumo dizer que Angola e Brasil estão condenados a andar juntos. Ninguém pode contrariar o peso da história.

Creio que, havendo acções concretas, tudo isso vai ser muito rico, para ambos os lados.

#### Necessidade de integração

*De certo modo são ainda apenas os movimentos*



Uma delegação de Cabinda desfila em Luanda (foto de arquivo, 1980): a caminho da integração nacional

*de cultura negra, que actuam actualmente no Brasil, que dão força a essa aproximação. Acredito que se houvesse uma política oficial, o caminho para esse diálogo seria mais fácil. Como é que vê esse contacto dos movimentos negros com África?*

— Sim, tem havido algum contacto, mas não é ainda muito grande. São muito importantes para ambos os povos, porque realmente esses movimentos negros podem ganhar muito com a nossa experiência e nós com a deles, porque na verdade, o que se está a fazer no Brasil em relação a esse problema da consciência negra, da integração do negro na sociedade brasileira, etc., constitui uma experiência muito rica. Isto coloca problemas como o da pseudo-integração racial brasileira, que para mim é muito clara: não existe, não é verdade. E nós combatemos essa teoria, porque tem a mesma raiz de uma outra: a de que só Portugal poderia construir uma sociedade multi-racial como era o Brasil; o projecto consistia em fazer o mesmo em Angola e nós combatemo-lo por acharmos que não existe essa democracia racial no Brasil. Ainda há muito a fazer contra esse mito.

*Que é a pior forma de racismo, porque não é assumido... Mas, mudando de assunto, fale-nos sobre a “Revolta da Casa dos Ídolos”.*

— É uma peça de teatro que escrevi sobre o antigo reino do Congo, a chegada dos portugueses ao Congo, os primeiros contactos, as primeiras tentativas de domínio dos portugueses sobre o Congo. No fundo, aparecem já os eixos principais da estrutura colonial, fomentando a divisão e a utilização da religião como instrumento de dominação, etc. Há um brasileiro que está interessado em montar essa peça no Brasil, mas até agora não teve possibilidade, por falta de apoio por parte das autoridades brasileiras. Angola já deu o seu apoio na medida das suas possibilidades. Estamos com dificuldades de financiamento. □

## Consolidação e fortalecimento da SADCC

*No sentido de quebrarem a sua dependência face ao regime racista e expansionista da África do Sul, os Estados soberanos da África Austral procuram estreitar cada vez mais os laços que os unem. A Assembleia Geral da "South African Development Coordination Conference" (SADCC) recentemente reunida, considerou ser o balanço dos três anos da sua existência significativamente positivo no sentido da auto-suficiência económica entre os países que a compõem. Empenhada no combate à dependência e ao subdesenvolvimento a SADCC alcançou uma importante vitória ao ser reconhecida pela ONU, no passado mês de Dezembro.*

Etevaldo Hipólito

COM apenas três anos de existência, a *Southern African Development Coordination Conference* (SADCC) apresenta um saldo de actividades muito positivo. Vencendo todas as dificuldades naturais num empreendimento de tal natureza e ainda as intencionalmente criadas pelo governo sul-africano, esta organização conta no momento com aproximadamente 300 projectos em diferentes etapas de estudo e implantação. Um dos grandes trunfos a seu favor foi o reconhecimento, a 21 de Dezembro do ano passado, por parte das Nações Unidas. Nesta data, a resolução 37/248, aprovada pela Assembleia Geral, concluía com os seguintes pontos de extrema importância para a sua consolidação e fortalecimento:

— A SADCC é uma organização sub-regional cujos trabalhos estão de acordo com os objectivos e princípios da carta da ONU.

— Foi mandatada pelos estados membros interessados para coordenar projectos e programas da sua competência.

— O secretário-geral deverá tomar medidas para encorajar a cooperação entre órgãos, organizações e organismos da ONU e a SADCC, cabendo aos mesmos reforçar os seus vínculos com esta instituição.

Além de ressaltar o papel que a conquista da auto-suficiência económica dos membros da SADCC desempenhará na luta contra a política do *apartheid* na África do Sul, a Assembleia Geral solicitou que a aplicação da resolução fosse objecto de um relatório do secretário-geral à trigésima sessão das Nações Unidas. Este documento coroa uma série de esforços feitos na ONU no sentido de dotar os países africanos de mecanismos adequados para alcançar o desenvolvimento social e económico na década de 80, de forma a consolidar a sua independência política.

Conforme salientou o presidente Samora Machel, no seu discurso de saudação aos participantes do encontro, "A SADCC é hoje um interlocutor imprescindível na cooperação regional multilateral". Os investimentos estrangeiros, tanto

públicos como privados, encontram nela uma alternativa válida para a cooperação. O reforço dos princípios que norteiam a relação entre os seus membros e a implantação de medidas relacionadas com a viabilização de projectos económicos são definidos como as armas requeridas para combater a dependência e o subdesenvolvimento.

### Denunciando agressões

Reunindo nove países da África Austral — Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Swazilândia, Tanzania, Zambia e Zimbabwe — e ainda a ANC e a SWAPO como convidados, uma conferência de tal natureza não poderia deixar de colocar ênfase especial na acção desestabilizadora exercida pelos racistas sul-africanos na região. Ao agradecer, em nome dos demais países presentes em Moçambique, os esforços feitos para a realização do encontro, o presidente José Eduardo dos Santos colocou como um dos factores impeditivos dos programas de de-

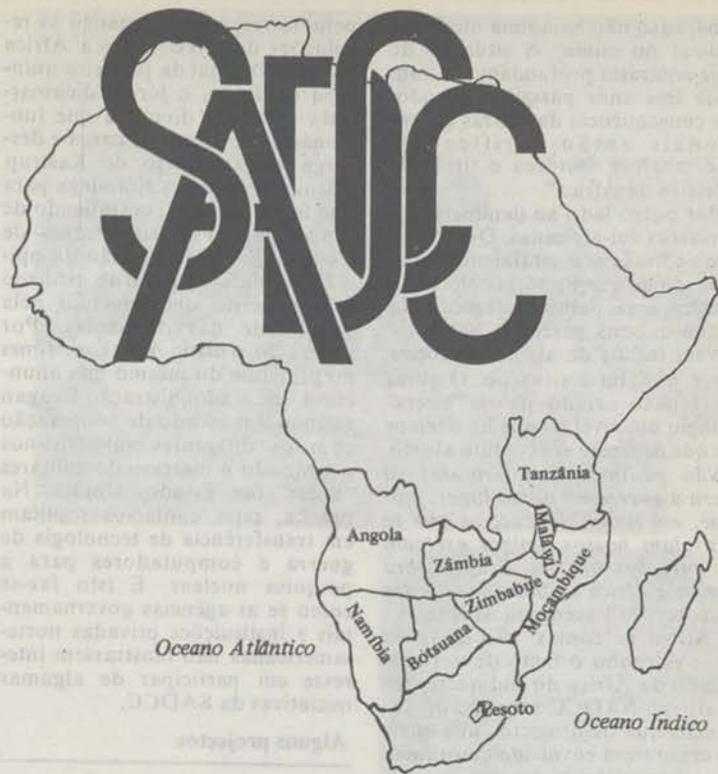
envolvimento regional a guerra movida por Pretória contra alvos económicos. Campos de cultivo, centrais eléctricas, pontes e outros bens semelhantes sofrem uma agressão sistemática e premeditada, pois neles se procura atingir e desorganizar recursos humanos e financeiros, bloqueando por outro lado os avanços alcançados no terreno político.

O dirigente anglo-afrikaner alertou para o facto de que reforçar a unidade na luta para alcançar a libertação económica é uma condição necessária para garantir a soberania e segurança. Em consequência, uma deliberação dos laços de cooperação e solidariedade entre os membros da SADCC e a actuação isolada de um ou outro país, em nada contribuirão para conter as incursões dos racistas e das suas diferentes extensões armadas. As acções levadas a cabo pela África do Sul, longe de desmobilizar o intercâmbio a todos os níveis entre estes parceiros, devem fortalecer a decisão de somar esforços para a resolução de problemas de interesse comum.

O presidente angolano classificou de "forma subtil e maldosa de solidariedade e apoio" ao belicismo sul-africano o argumento utilizado por alguns governos dando conta de uma pretensa preocupação dos racistas com a segurança da região e a sua própria. E, por fim, afirmou que as tropas cubanas não constituem factor de insegurança ou instabilidade, como se tenta apresentar, pois elas limitam-se a uma missão defensiva no interior do território angolano.

### Três flagelos

Apesar do tom sombrio com que abriu a quarta reunião a nível de chefes de governo e de Estado da Conferência de Coordenação do Desenvolvimento da África Austral, o presidente Quett Masire, do Botswana, dedicou uma parte substancial do seu discurso aos êxitos alcançados nos três anos de existência deste organismo de cooperação regional. A sua preocupação assenta nas contínuas agressões sul-africanas contra os países vizinhos, na seca que também castiga os membros da SADCC e na grave crise económica-financeira



Com três anos de existência, a SADCC reúne os seguintes países da África Austral: Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Swazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue internacional.

Centrando o "grande e perigoso abismo entre a perspectiva daqueles que possuem e dos que não possuem", presente uma vez mais na recente conferência da UNCTAD em Belgrado, afirmou que a actual recessão económica não cria um clima favorável à cooperação visando o desenvolvimento das nações africanas presentes em Maputo. Enquanto que eles tentam desenvolver o intercâmbio na área internacional, os países desenvolvidos que controlam a economia mundial fecham-se no "proteccionismo estreito e nacionalista". De forma mais explícita, o presidente Samora Machel retomaria este tema para apontar como sérios obstáculos no campo económico a deterioração dos termos de troca, as condições financeiras cada vez mais onerosas e a dependência tecnológica.

No que diz respeito à seca, sublinhou o presidente em exercício da SADCC, Quett Masire, que, no

momento, milhões de dólares — 230, de acordo com o relatório final — deverão ser aplicados apenas para recolocar a área atingida na mesma situação em que se encontrava antes do flagelo. Gado, animais domésticos e plantações, tudo está a ser consumido por uma das maiores calamidades que já assolou a região nos últimos anos. A magnitude do problema abordado no discurso, poderá ser avaliada numa notícia divulgada pela imprensa de Moçambique sobre a situação do Zimbábue, dois dias após o término da conferência: aproximadamente um milhão de cabeças de gado e outros animais poderiam morrer se não ocorrerem chuvas até final deste ano. Em 1981, o país tinha produzido 14 milhões de toneladas de milho, sendo que a presente colheita apenas chegou aos quatro milhões.

O número actual de pessoas directamente atingidas seria de dois milhões, cifra esta que crescerá duas vezes e meia até Abril de

1984, caso não haja uma mudança radical no clima. A situação de hoje contrasta profundamente com a de três anos passados quando, em consequência das safras excepcionais então verificadas, o Zimbabwe mereceu o título de "Celeiro da África".

Por outro lado ao denunciar as agressões sul-africanas, Quett Masire expressava o sentimento generalizado de que Pretória coloca em prática uma política premeditada e que os seus parceiros habituais devem influir de alguma maneira para pôr fim à situação. O clima de tensão criado pelos "boers" atingiu um nível tal que há o temor de que degenerem em conflito aberto. "Não pedimos que ninguém vá para a guerra no nosso lugar, mas que, em nome da Paz, os que se intitulam nossos amigos exerçam as pressões ao seu alcance para forçar a África do Sul a desistir das suas acções", acentuou Masire.

Afinal de contas, não deixa de soar estranho o facto de um país aliado da África do Sul querer investir na SADCC sabendo de antemão que os projectos nos quais se encontrará envolvido constituem alvos prioritários dos racistas. Se não há acções concretas para deter a política belicista de Pretória — e este talvez seja o significado das palavras do presidente do Botswana — os acenos de investimento poderão ter um significado exactamente contrário do anunciado. Em resumo, o que se exige é apenas coerência, uma definição precisa de que lado se encontram realmente os financiadores reais ou potenciais.

#### Dois exemplos

Na opinião de alguns analistas políticos, esta questão não é simples. Alguns governos têm demasiados compromissos com a África do Sul para, conseguir modificar a sua posição em benefício dos demais países da região. A Dinamarca, por exemplo, que se encontra envolvida em importantes projectos da SADCC — entre eles, um de assistência técnica à Comissão de Transportes e Comunicação e outro vinculado ao "Master Plan" do porto angolano do Lobito — acaba de ser denunciada

pelo desrespeito sistemático às resoluções da ONU sobre a África do Sul. No final da primeira quinzena de Julho, o jornal dinamarquês *Politiken* divulgou que funcionários do sector de carga e descarga do aeroporto de Kastrup insistiram junto da alfândega para que investigasse o contrabando de armas para Pretória através de Copenhague. Sob pressão da opinião pública, o governo realizou um inquérito que concluiu pela veracidade das denúncias. Por outro lado, o diário *New York Times* no princípio do mesmo mês anunciava que a administração Reagan assinou um acordo de cooperação com os dirigentes sul-africanos permitindo o ingresso de militares "boers" nos Estados Unidos. Na prática, estes contactos resultam em transferência de tecnologia de guerra e computadores para a pesquisa nuclear. E isto faz-se como se as agências governamentais e instituições privadas norte-americanas não mostrassem interesse em participar de algumas iniciativas da SADCC.

#### Alguns projectos

Apesar de contar com uma grande variedade e riqueza de recursos naturais, a África ressentem-se de um fraco desenvolvimento industrial. Como acontece com os demais países do Terceiro Mundo, uma imensa gama de matérias-primas sai do Continente em direcção às nações mais desenvolvidas, através das companhias transnacionais, regressando depois sob a forma de manufacturados e, evidentemente, a um preço infinitamente superior ao do produto original. Desta forma, abrir caminho para romper com esta dependência tornou-se um dos principais objectivos da Southern African Development Coordination Conference.

Em Janeiro do corrente ano, numa tentativa para esboçar uma resposta adequada a este desafio, o encontro realizado no Lesotho teve como tema principal a industrialização. A Tanzânia, à qual foi atribuída a responsabilidade pela estruturação do sector correspondente, anunciou que nos quatro meses que se seguiram à Conferência já tinham sido apresentados sócios potenciais para 74 dos 90

projectos existentes. No total, os planos considerados significam investimentos da ordem de 1530 milhões de dólares.

Por outro lado, em data a anunciar, será convocada uma reunião sectorial para se pormenorizarem formas de concepção técnica e de investimentos, entre as partes interessadas. Para maior racionalização e aproveitamento das possibilidades existentes, o governo tanzaniano criou a Unidade de Coordenação Industrial (UCI). Por sua vez, a SADCC optou por reforçar o trabalho nesta área, através de um comité de Ministros da Indústria (CMI).

Apesar da importância concedida à industrialização, os transportes e comunicações ocupam, de facto, um lugar prioritário em todo o programa da organização regional. Bastante optimista a este respeito, o relatório apresentado em Maputo indicava que, sob a orientação do governo moçambicano, este sector apresentava um bom ritmo de trabalho. A sua estruturação foi acompanhada pela elaboração de 119 projectos. Deste número, 5 já estão prontos, 39 encontram-se em implementação, 44 foram submetidos a estudo de financiamento, 7 aguardam apresentação e, finalmente, 24 estão em etapa de apresentação de documentos.

Segundo o relatório, o sector de transportes e comunicações necessitava, até ao passado mês de Maio, de 2588 milhões de dólares norte-americanos para cobrir os planos em perspectiva, sendo que 26 por cento deste total já se encontrava distribuído ou prometido. Como exemplos de projectos prioritários levados à discussão com vários financiadores, encontram-se:

— Reabilitação e desenvolvimento do porto de Dar Es-Salam, na Tanzânia, que poderá resultar da formação de um consórcio de investidores. O caminho-de-ferro que une este país à Zâmbia será modernizada com material fornecido pela CEE, Alemanha Federal e a Agência Danida.

— A China, Suécia e Grã-Bretanha apoiarão a reestruturação da parte da rede ferroviária do Botswana.

— A Finlândia assinou um acordo para financiamento parcial

do equipamento destinado ao novo terminal de contentores do porto moçambicano de Nacala. Outros documentos foram assinados com os governos da França e Canadá, desta vez abrangendo os caminhos-de-ferro de Moçambique.

No tocante à segurança e conservação de energia, área atribuída à República Popular de Angola que organizou uma unidade administrativa, dentro do seu Ministério da Energia, foram já aprovados os critérios para a selecção de projectos de âmbito regional. Representantes do governo de Luanda realizaram um levantamento das necessidades e potencialidades de toda a região. Dos contactos feitos em cada país, resultaram um estudo pormenorizado da situação e 13 projectos prioritários que serão levados à Conferência de Lusaka. Foi ainda concluída a primeira etapa de um estudo sobre auto-suficiência regional no fornecimento de produtos petrolíferos. Por outro lado, tendo como tema o "desenvolvimento energético na África Austral: oportunidades e limitações", Angola convocou um seminário regional em 1983, cuja realização esteve a cargo do Zimbabwé.

Dos quatro estudos feitos no período 1982/1983, três foram apresentados na Conferência de Maseru. O primeiro, relacionado com a autossuficiência no fornecimento de produtos petrolíferos, foi financiado pela Bélgica que, juntamente com a comunidade Económica Europeia, manifestou interesse na sua implementação. A criação de um Centro Regional Para o Desenvolvimento Petroliífero constitui o segundo, financiado pela UNDP e Noruega, tendo-se a CEE, Itália e França mostrado interessadas. O terceiro diz respeito à cooperação no fornecimento de electricidade entre o Zimbabwé e Moçambique na fronteira Centro-Sul, contando com o interesse da Itália, recebeu financiamento da UNDP. E, por fim, este mesmo organismo interessou-se pela readaptação e ampliação das instalações para combustíveis líquidos na cidade moçambicana da Beira.

Outro capítulo de dramática importância refere-se à segurança alimentar. O emprego deste adjec-



O presidente Samora Machel (Moçambique), o primeiro-ministro do Zimbabwé, Robert Mugabe (foto ao alto), o presidente do Botswana, Quett Masire (ao lado), e o presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos: quatro dos líderes presentes na cimeira de Maputo.





Transportes: sector prioritário da cooperação regional

tivo não é uma questão de retórica, mas traduz uma situação realmente séria. Os resultados de um seminário recentemente realizado na cidade de Dodoma, na Tanzânia, indicam que até final do século nada menos de meio milhão de pessoas se encontram em perigo de se tornarem cegas devido à carência alimentar. O maior número de vítimas deverá ocorrer entre as crianças. A alimentação deficiente aparece como o principal motivo, sendo os demais a falta de hábitos de higiene e escassez de pessoal médico especializado. O índice de cegueira entre os tanzanianos é 10 vezes mais alto que nos países industrializados, taxa que apresenta um quadro realmente trágico: somente para recuperar os enfermos hoje existentes — cerca de 250 mil — o país nas actuais circunstâncias levaria 30 anos. Com facilidades médicas acompanhadas de uma alimentação racional acredita-se que metade dos casos seriam recuperados.

O programa de reserva alimentar é coordenado pelo Zimbabwé e deu origem a nove projectos, que vão da assistência técnica à coordenação em questões agrárias, à criação de uma infraestrutura regional para a comercialização de alimentos. Entre outros temas contemplam a redução de perdas de colheita e um sistema regional de informação de recursos.

Conforme indica o terceiro relatório de actividades da SADCC, distribuído durante a recente conferência, alguns dos estudos de carácter nacional foram tomados em

consideração pela sua importância em toda a área. Novos debates terão lugar com a realização, na segunda metade do corrente ano e princípios do próximo, de conferências e seminários sobre extensão, formação, comercialização e pesquisa.

#### "Boers" ameaçam

Juntamente com o Congresso Nacional Africano (ANC), uma representação da SWAPO, liderada por Sam Nujoma, encontrava-se presente como observadora. No princípio de 1982, uma reunião a nível de ministros de Transportes tinha resolvido incluir a Namíbia independente nos seus projectos. A proposta foi defendida por Moçambique e no final do encontro eram anunciados os planos para a construção de uma estrada unindo o seu território ao Botswana, quando se verificou a retirada total dos racistas.

Diante deste empenho em garantir a presença do povo namíbio agora e, no futuro, como país independente, o Governo sul-africano não poderia deixar de manifestar inquietação. Num dos muitos comentários destinados à reunião da SADCC, porta-voz dos dirigentes de Pretória tentaram diminuir o impacto das acusações feitas contra as pressões políticas, económicas e militares exercidas com diferentes graus de intensidade sobre os seus vizinhos. Ao mesmo tempo, porém, que acenavam com

a possibilidade de uma melhoria de relações com alguns líderes responsáveis, ressaltavam que, no que depender de Pretória, a situação na região permanecerá a mesma. "Tanto a segurança regional como a segurança nacional e os objectivos do desenvolvimento económico estarão totalmente ameaçados", afirmava a emissora oficial "boer", ao analisar os resultados da conferência. Como ameaça, não há necessidade de maior clareza.

Ainda no decorrer do corrente ano, terá lugar em Lusaka uma nova série de discussões entre a SADCC e alguns parceiros internacionais. O comunicado emitido em Maputo no final da conferência, lançou um apelo àqueles países que mantêm estreitas relações com os dirigentes racistas, mas que pretendem estar presentes na capital zambiana, para utilizarem a sua influência no sentido de impedir que prossigam as agressões contra os membros da organização regional. Aos Governos que se encontram nesta situação é dada, pois, uma oportunidade mais de se alinharem com o futuro da África.

O balanço apresentado aos delegados e convidados e a própria conferência em si mesma demonstraram que na região austral está a tomar corpo um projecto que, assente em bases concretas e de interesse mútuo, altera gradualmente a correlação de forças a favor daqueles povos que querem romper com a dependência e o subdesenvolvimento. □

# FACIM abre novos mercados

*Na continuidade de uma evolução essencialmente verificada com a independência do país, a XIX Feira Internacional do Maputo será uma das mais importantes realizações do género em África*

ENTRE os dias 26 de Agosto e 4 de Setembro próximos, terá lugar em Moçambique a XIX Feira Internacional de Maputo. Mais conhecido pela sigla FACIM, este certame realiza-se desde o período colonial, tendo adquirido com a independência novas características e alargado o número de expositores. Até então, a mostra girava em torno da África do Sul e, além do que oferecia a própria metrópole colonial, contava apenas com a participação da antiga Rodésia, da Swazilândia e do Malawi.

Já em 1976 a exposição começou a reflectir uma orientação política voltada para o rompimento da dependência económica existente com Pretória e o estabelecimento de contactos com novos mercados. Desta forma, dezasséis países se fazem presentes no que foi denominado "A mostra das Conquistas dos Operários e Camponeses no seu Primeiro Ano de Independência".

A partir deste momento, não parou de se estruturar de forma a tornar-se dos mais importantes acontecimentos do género em África. A participação em certames internacionais resultou em várias medalhas de ouro na Feira de Leipzig e outros prémios concedidos pelo Iraque, Portugal, Bulgária e Polónia. A FACIM encontra-se filiada na União das Feiras Internacionais, com sede em Paris. Em declarações prestadas a **cadernos de terceiro mundo**, Jaime Levi actual director da Feira, traçou as linhas gerais do próximo evento, que marca uma nova etapa na existência do organismo sob a sua direcção.

Até meados de Junho, dezasséis países tinham já confirmado a sua



FACIM 83: um assinalável aumento de empresas estrangeiras

participação na FACIM, o que garante a presença de expositores das Américas, África, Ásia e Europa. Em termos de distribuição de espaço, a quase totalidade da área disponível já se encontrava ocupada. Além destas representações promovidas e organizadas por governos, deverão comparecer mais de quinze empresas estrangeiras a título individual.

No próximo certame poderá verificar-se o reajustamento entre alguns anteriores expositores. Enquanto a França e o Brasil reduziram a sua área tradicional, outros países resolveram ter este ano uma presença mais significativa. A Suécia, por exemplo, de um pavilhão antes discreto passa a ocupar 432 metros quadrados de espaço coberto e ainda outros 400 de descoberto. Macau, um expositor que não aparece como país, em 1982 utilizou apenas 40 metros quadra-

dos, agora se instalará num local quatro vezes superior. O maior pavilhão será o português, com 1335 metros quadrados.

Enquanto o número de países expositores permanecerá o mesmo em relação ao ano passado, variando apenas no tocante a quem se fará presente, as empresas estrangeiras assinalam um aumento substancial. Isto seria um dos reflexos da política em vigor que permite a participação de firmas tanto individualmente como por países.

No que diz respeito a Moçambique — esclarece Jaime Levi —, toda a t... voltada para os produtos de exportação e não para os de consumo interno, como chegou a acontecer anteriormente. No pavilhão destinado às empresas do comércio externo poderão ser encontradas com destaque as vinculadas ao ramo exportador. Isto

não elimina, no entanto, a presença de alguns ramos agrícolas para demonstrar a capacidade alcançada por Moçambique e o avanço verificado nos vários projectos de desenvolvimento existentes, entre outros os relacionados com a mineração.

### Colóquios

Até 1981, a FACIM realizava dois tipos de trabalhos simultâneos: coordenava as exposições moçambicanas no exterior e as que tinham lugar no próprio território nacional. Com a criação da Câmara de Comércio no último ano, foram feitos esforços no sentido de que esta instituição passasse a assumir a participação em certames internacionais. Desta forma, a FACIM encontra-se dedicada exclusivamente às exposições anuais levadas a cabo em Moçambique.

Nos certames internacionais realizados em Maputo, a Câmara de Comércio desempenha o papel de articulador entre o expositor visitante e alguns sectores económicos moçambicanos. Através de contactos que mantém com empresas e países estrangeiros, organiza colóquios com os exportadores e importadores nacionais dentro ou fora da Feira.

Dando prosseguimento ao trabalho iniciado no ano passado, a direcção da FACIM introduziu uma série de melhorias nas instalações e serviços de apoio existentes de forma a oferecer maiores facilidades aos expositores e visitantes. Além de um jornal diário, dedicado a temas relacionados com o certame, havia facilidades normais de correios e telecomunicações. Este ano será possível dispor, dentro da própria Feira, de um programa e reservas de passagens tanto para o circuito turístico interno como para viagens internacionais. A Empresa Nacional de Turismo, através de um acordo com os Organizadores da Feira, se encarregará de reservas de hotéis, passagens e organização do tempo livre dos expositores.

O país ou empresa que desejar participar de algum certame em Moçambique pode entrar em contacto directamente com a FACIM. No decorrer da exposição, são feitos convites para os eventos se-



A indústria moçambicana tem reforçado a sua presença na Feira

guintes e, em caso de os interessados não estarem ainda a participar, serão enviadas cartas neste sentido. Se a resposta for afirmativa, os futuros expositores receberão os documentos relacionados com a assinatura do contrato, indicando o espaço disponível — coberto ou descoberto — e os tipos de serviços que poderão ser contratados para eventuais adaptações. Uma vez assentadas as bases para a participação, se o cliente assim o desejar, a contraparte moçambicana se encarregará dos vistos de entrada, das reservas de hotéis e alugueis de veículos.

### Planos futuros

A perspectiva que se tem, especialmente para o produto nacional, origina-se de uma experiência colhida durante este ano. Como parte da mobilização em torno do IV Congresso do partido FRELIMO, decorrido em Abril último, teve lugar a Feira das Actividades Económicas e Sociais, que permitiu verificar as possibilidades de realização de determinados certames nacionais. Logo que termine a ex-

posição de Agosto/Setembro, serão expostos alguns sectores especiais como educação, indústria ligeira, agricultura, saúde, e assim por diante. A "Feira do IV Congresso", como ficou popularmente conhecida, dedicou pavilhões especiais a sectores de actividades tais como obras públicas, indústria e energia ou agricultura, sempre dentro de uma linha de balanço de todo o trabalho realizado no país desde 1977.

No que diz respeito à parte internacional, ela continuará a ter lugar uma vez por ano. No estilo de feira geral, serão mostrados equipamentos, bens de consumo durável ou não durável, um conjunto de tudo aquilo que o expositor deseja apresentar. Não existem projectos imediatos de feiras especializadas ou especiais. A conjuntura económica internacional limita a ampliação do número de representações estrangeiras, apesar do interesse de Moçambique em contactar com o maior número possível de empresas e países estrangeiros.

(Etevaldo Hipólito)

# Dezassete anos de guerra civil

*Um conflito que há muito ultrapassou a luta entre as tendências para se internacionalizar cada vez mais*

Carlos Castilho

A guerra está novamente a tomar conta do Chade, no momento em que Hissène Habré completou um ano de poder. É o mais recente recrudescimento de uma guerra que já dura há 17 anos e que teve consequências em toda a África, tanto no sul como no norte. Habré, apontado na Europa e nos Estados Unidos como o "pacificador" do Chade, tem muito pouca coisa para comemorar neste ano de poder. Muitos diplomatas africanos acham que ele não terá condições para resistir sem uma maciça ajuda militar e económica dos seus aliados ocidentais, que estariam dispostos a transformar o país num "Vietname africano".

As forças rebeldes lideradas pelo ex-presidente Gukuni Ueddei, apoiadas pela Líbia, controlam já uma larga faixa de terra no norte do Chade.

O governo que Ueddei tinha instalado em Bardai foi transferido no final de Junho para Faya Largeau, a mais importante cidade do norte do país. Com a evacuação pelas tropas de Habré da cidade de Fada, 200 quilómetros a leste de Faya Largeau, o exército de guerrilheiros do antigo presidente domina agora a província do Borkou-Ennedi-Tibesti o que significa poder avançar rapidamente em direcção ao sul, já que não há possibilidade de resistência fixa, numa área plana e desértica. A única alternativa seria o uso da aviação, um recurso que até agora deu poucos resultados.

Hissène Habré conquistou o poder em 6 de Junho do ano passado, depois de derrotar as forças do então presidente Gukouni Ueddei numa batalha pelo controlo

da capital, N'Djamena, que não durou mais de uma hora. Habré, no entanto, só passou a controlar efectivamente o país depois de tomar a cidade de Moundou, a mais importante do sul do Chade e o reduto principal das forças do coronel Abdel Kadir Kamougué. Kamougué fugiu em Setembro para os Camarões, depois do seu exército, composto por três mil homens, ter sido derrotado pelas Forças Armadas do Norte (FAN), comandadas por Hissène Habré.

Ao ser derrubado, Ueddei chefiava o Governo de União Nacional de transição (GUNT), apoiado pela Líbia e reconhecido pela Organização da Unidade Africana (OUA), após uma sangrenta guerra civil que durou dois anos e deixou um saldo de dez mil mortos, nos combates entre cerca de 11 grupos político-militares diferentes. O

GUNT foi derrotado porque Ueddei resolveu abrir mão da presença de dois mil soldados líbios que o ajudaram a derrotar as tropas de Habré para em troca aceitar a protecção de uma Força de Paz da OUA. A escolha foi fatal para Ueddei, uma vez que o seu inimigo Hissène Habré, contando com a ajuda militar dos Estados Unidos, Egipto e Sudão passou à ofensiva, contando com a passividade total das forças da OUA e da França, que sempre teve uma presença marcante na sua ex-colónia. (ver "cadernos" n.º 23, Maio 1980)

## Origens da guerra

O novo agravamento da crise no Chade é mais um desdobramento de uma velha situação deixada pelos colonizadores franceses. O país está dividido entre nortistas e su-

A situação militar permanece indefinida





Gukouni Ueddei, líder do GUNT

listas. Os primeiros têm origem árabe, são muçulmanos e pastores nómadas; compõem aquilo a que os franceses chamaram de "Chade inútil". Os nortistas sempre foram explorados pelos sulistas, originários da etnia africana *sara*, na sua maioria convertidos ao cristianismo por missionários europeus. O sul era o chamado "Chade útil", porque reunia a parte mais fértil e rica do país, onde as plantações de algodão permitiram o desenvolvimento de uma pequena burguesia, que assumiu o controlo da burocracia estatal logo após a independência, em 1960.

Desde a proclamação da independência que os sulistas se queriam separar do resto do país formando uma nação com o nome de Logone, com capital em Moundou. A brutalidade da colonização imposta pela França impediu o surgimento de organizações nacionalistas de âmbito nacional e, impossibilitou igualmente o aparecimento de lideranças políticas independentes. Como resultado disto, a partir de 1960, quase uma dezena de grupos passou a disputar o poder político, criando uma situação muito confusa que a França sempre controlou e cujas tropas continuaram no Chade, mesmo após a independência.

Tanto Ueddei como Habré são do norte, mas seguiram caminhos opostos quando chegou a hora de escolher aliados. Hissène Habré



Hissène Habré, apoiado pela França e EUA

que era inicialmente antifrancês, mudou posteriormente de posição e passou a contar com o apoio aberto dos ex-colonizadores. Foi sempre um dirigente personalista e oportunista que, em determinado momento da guerra civil, conseguiu reunir contra si a unanimidade dos vários grupos políticos do país. Habré nunca foi popular nem dentro e nem fora do Chade, mas no ano passado acabou por ser reconhecido pela OUA em virtude dos demais países africanos que querem um fim rápido para a crise no país.

Gukouni Ueddei, dirigente regional com muito contacto com as bases políticas do norte, não é, no entanto, um bom manobrador político e tomou o caminho oposto. Manteve sempre uma postura anticolonialista e acabou por se aproximar do coronel Muammar Khadafi, quando o seu grupo, as Forças Armadas Populares (FAP), passou a sofrer perseguições sistemáticas das FAN de Hissène Habré. Ueddei apoia as pretensões territoriais da Líbia, que reivindica uma faixa do território do Chade, conhecida como Faixa de Aozou, totalizando 114 mil km<sup>2</sup>, cedido pela França à Itália de Mussolini durante a II Guerra Mundial.

#### A "República" do sul

No Sul, o coronel Kamougué chefiava o grupo militar chamado

Forças Armadas Chadianas (FAC), reunido em redor de três mil homens. Kamougué procurou manipular as divergências entre os nortistas, usando ora as FAN ora as FAP como aliados. A estratégia do dirigente sulista era esperar que Habré e Ueddei se destruíssem entre si para depois assumir sozinho o poder. Em Setembro do ano passado, Kamougué apoiava Ueddei o que originou um abandono por ser esmagado por Habré. Hoje, o dirigente das FAC, uma espécie de exército particular, encontra-se no exílio, no Gabão e há rumores de que ele poderá voltar a apoiar Ueddei.

Além de não ter conseguido recuperar a arrasada economia do Chade, apesar da ajuda francesa, Hissène Habré é visto com desconfiança pela Nigéria, de onde o país importa 80% do petróleo que consome. Em Abril deste ano, as tropas do Chade e da Nigéria travaram violentos combates pelo posse de ilhotas surgidas no lago Chade, cujas águas baixaram acentuadamente em consequência da seca prolongada na região. O episódio foi contornado, mas deixou como saldo uma profunda desconfiança por parte dos nigerianos, e dúvidas generalizadas nos Camarões, República Centro-Africana e Niger.

Na reunião da OUA realizada em Addis Abeba (Etiópia), no começo de Junho, Hissène Habré foi convidado e Ueddei não, numa aparente demonstração de que o actual chefe de governo do Chade tem o apoio do resto do continente africano. Mas nos bastidores diplomáticos, começaram a surgir com cada vez maior frequência, opiniões de que ele deixou de ser solução ideal para o drama do Chade. Alguns diplomatas chegaram a dizer que Habré só continua, porque muitos governos pró-ocidentais da África permanecem obcecados com a intransigente oposição a tudo o que esteja vinculado directa ou indirectamente ao governo da Líbia. Uma oposição que tem mais a ver com problemas internos do que com a diplomacia do coronel Khadafi.

## Os apoios de Habré

**N**OS primeiros dias de Julho, a sorte do regime instalado em N'Djamena parecia ditada. Após a conquista de Faya-Largeau, a cidade mais importante do norte do Chade, a ofensiva do Exército de Libertação Nacional (ANL) do GUNT chefiado por Gukuni Ueddei continuava a estender-se para o sul e com a tomada de Abéché o caminho para a capital chadiana estava aberto. As tropas de Hissene Habré estavam em debandada, centenas de soldados tinham sido aprisionados, grande quantidade de armamento fora abandonado, o que levava muitos jornalistas em serviço no Chade a cálculos precipitados sobre a iminente queda do governo de N'Djamena.

No entanto, subitamente, a situação alterou-se. Habré lançou uma contra-ofensiva, retomou Abéché — o que lhe permitiu controlar a estrada estratégica que liga o Chade ao Sudão — e recuperou uma extensa faixa de território. Afastada a pressão do GUNT sobre N'Djamena, o teatro dos combates desloca-se para norte dando início a nova fase numa guerra civil que se prolonga há dezassete anos.

O novo alento de que as FANT (Forças Armadas Nacionais do Chade) dão provas deve-se à ajuda internacional expedida de emergência para N'Djamena pelos aliados de Habré. Ajudas de vários tipos e diversas origens: armamento da França, pára-quedistas do Zaire, apoio logístico do Sudão e Egipto, dólares dos Estados Unidos.

Foi a queda de Faya-Largeau, a 24 de Junho último, que fez soar o sinal de alarme nos gabinetes ministeriais em Paris, Cairo e Washington, mais do que propensos a verem atrás de cada investida das forças revolucionárias chadianas um novo episódio do "expansionismo" líbio.

Ao mesmo tempo que insistiam nas advertências a Trípoli de não-internacionalização do conflito e invocavam o "manifesto desequilibrium das forças em presença" (o que servia de pretexto para conti-

nuar a fornecer grande quantidade de armamento às tropas de Habré), desdobrava-se naquelas capitais um plano de emergência para salvar o regime de N'Djamena da derrocada. Entretanto, Habré dizia-se vítima de "agressão líbia" e pedia explicitamente a intervenção militar da França.

Mitterrand não enviou tropas, mas assegurou uma verdadeira ponte aérea que durante semanas descarregou no aeroporto de N'Djamena 50 toneladas diárias de material de guerra, que foi decisivo na contra-ofensiva das FANT.

Material moderno e de qualidade: blindados "A.M.L.", "jeeps" com canhões de 106 mm, morteiros, veículos de transporte de tropas, equipamento de transmissões etc.

A ajuda em homens ficou a cargo de Mobutu que enviou primeiro um contingente de 250 pára-quedistas e uma semana depois mais 1750 acompanhados de, pelo menos, três caças-bombardeiros "Mirage".

A 20 de Julho, o presidente Reagan informou o Congresso norte-americano da sua decisão de enviar urgentemente para N'Djamena 10 milhões de dólares, duas semanas depois da estação de televisão norte-americana, C.B.S., revelar que já em 1981, a C.I.A.



O Complexo "anti-Khadafiano" de François Mitterrand levou-o a interferir em força na antiga colónia francesa. As armas ficaram a seu cargo, as tropas foram enviadas por Mobutu (foto em baixo)

tinha fornecido outros dez milhões de dólares a Habré que o ajudaram a derrubar o governo do GUNT.

O anúncio público da ajuda norte-americana foi entendido como mais uma advertência à Líbia pelo seu apoio prestado ao GUNT. Apoio de armamento, combustível e alimentação que não é desmedido por Khadafi nem Gukuni Ueddei.

Na realidade, seria irrealista pensar que — mesmo sem ter em conta os laços político-ideológicos que aproximam líbios e revolucionários chadianos — Tripoli pudesse ficar indiferente à luta que se desenrola nas suas fronteiras. Mas nenhum observador ou jornalista no terreno pôde detectar, até à data, a presença de soldados líbios junto do ANL, apesar de Habré afirmar repetidas vezes o contrário. Ao retomar a cidade de Abeché, o governo de N'Djamena afirmou terem sido aprisionados cerca de 60 soldados líbios. No entanto, quando jornalistas ocidentais puderam entrar na cidade, foi-lhes dito que todos tinham mor-

rido de ferimentos sofridos no combate e nenhuma prova da presença do exército líbio pode ser apresentada, o mesmo acontecendo com a fantasmagórica "legião islâmica" de que Khadafi disporia nos seus desígnios "expansionistas".

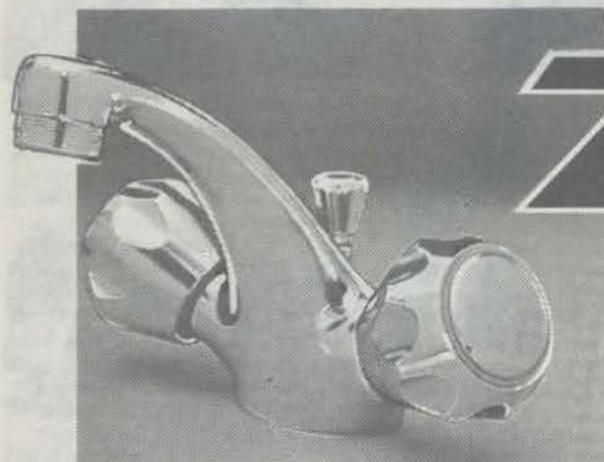
A Líbia pagou um alto preço humano, material e político pela sua intervenção em Dezembro de 1980 que foi decisiva na conquista de N'Djamena pelo GUNT. E em Outubro de 1981 as tropas líbias retiraram do território chadiano na sequência de pressões exercidas e promessas não efectivadas sobre Gukuni Ueddei pelo novo governo socialista francês, o que permitiu a Hissène Habré — fortemente apoiado pelo Sudão, Egipto e Estados Unidos — passar à ofensiva. Perante a inoperância cúmplice de uma "Força Inter-africana de Paz" (composta essencialmente por contingentes zairotas e nigerianos), Habré, conquistou facilmente N'Djamena em Junho de 1982.

Pesando essa experiência, é pouco credível que, no actual contexto internacional, as autoridades

de Trípoli queiram retornar ao Chade com o seu exército. Mas poderão a isso sentirem-se forçadas caso a internacionalização do conflito for agravada por parte do actual governo de N'Djamena. Hipótese de não excluir totalmente se se tiver em conta que a administração de Washington não deseja perder qualquer oportunidade de confronto com o regime líbio, dispondo para isso de aliados seguros na região.

Por seu lado, o governo de François Mitterrand — tanto ou mais "anti-khadafiano" que o seu predecessor, na opinião do quotidiano francês *Le Monde* — poderá sentir-se tentado a incrementar a interferência na antiga colónia também para impedir que os Estados Unidos ocupem a influência de Paris na África sul-sahariana caso a ex-metrópole não responda aos apelos dos chamados regimes "moderados" do continente, habituados a verem mão líbia em toda a contestação aos seus governos.

Carlos Pinto Santos



# ZENITE

TORNEIRAS E MISTURADORAS  
TAPS AND MIXERS  
ROBINETS ET MÉLANGEURS

mli

METALÚRGICA LUSO-ITALIANA, S.A.R.L.

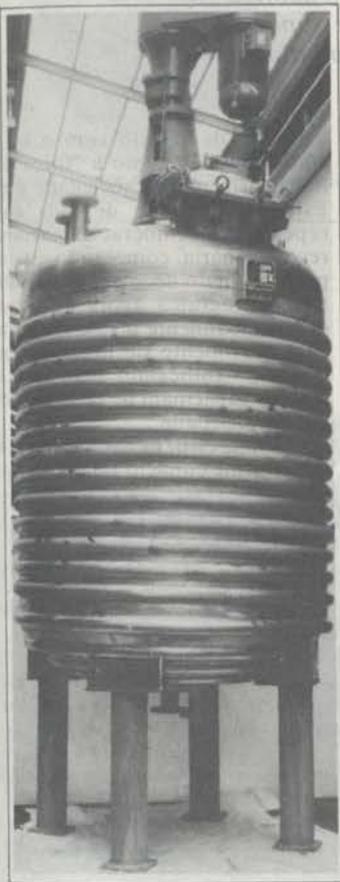
Av. Marechal Gomes da Costa 15  
1899 LISBOA CODEX-PORTUGAL  
Phones: 85 15 41 5 - Telex: 18650 MELUT.P

# ASPARSOPI

indústrias metalúrgicas arlindo s. pinho, lda.- VALE DE CAMBRA

## PROJECTAMOS, CONSTRUIMOS E MONTAMOS:

EQUIPAMENTOS EM AÇO CARBONO, AÇO INOXIDAVEL E ALUMINIO PARA AS INDUSTRIAS, ALIMENTAR, BEBIDAS E QUIMICA



- \* Silos e reservatórios de armazenagem
- \* Reservatórios de pressão
- \* Permutadores de calor
- \* Tubagens industriais em aço inoxidável
- \* Reactores químicos
- \* Tanques de transporte
- \* Fundição de aço inoxidável



PRESENTES NA "FACIM 83" ESTAMOS PRONTOS A COOPERAR COM OS PAISES DE EXPRESSÃO PORTUGUESA E DO TERCEIRO MUNDO



## Cabo Verde

### II Congresso do PAICV:

# Reforçar a democracia melhorar as condições de vida

*Ao som de tambores, cânticos e palmas terminou no passado dia 26 de Junho o II Congresso do PAICV, marco fundamental na vida de Cabo Verde*

“**N**A via de Cabral reforçar o partido e a democracia, consolidar a independência”, foi o lema do II Congresso do Partido Africano para a Independência de Cabo Verde, PAICV, que decorreu entre 21 e 26 de Junho, na cidade da Praia.

Contando com a participação de 308 delegados eleitos pelos cerca de 6000 membros que compõem o partido (aproximadamente 4,5% da população maior de 20 anos), o Congresso aprovou 17 resoluções, 8 teses e elegeu os membros do novo Conselho Nacional.

Considerado como uma das mais importantes realizações políticas da pós-independência de Cabo Verde, o Congresso considerou que para um adequado desenvolvimento económico, problema fulcral da sociedade cabo-verdiana, se deve aplicar um novo modelo económico, que garanta a resolução das crescentes contradições internas e externas, aumentando os rendimentos e distribuindo-os equitativamente, assegurando o direito ao trabalho e à habitação condigna, melhoria da assistência social e educação, defesa da independência nacional e empenho na instauração de uma nova Ordem Económica Internacional, destinada a diminuir o abismo existente entre países desenvolvidos e aqueles que, tal como Cabo Verde, procuram ainda uma forma de desenvolvimento.

Relativamente às opções ideológicas, foram reafirmadas as de há

muito proclamadas, segundo é afirmado no relatório do Conselho Nacional apresentado ao Congresso por Aristides Pereira durante mais de oito horas. Aprovado por unanimidade após longo debate, o relatório do CN considerou este Congresso como “um momento de dinâmica do nosso combate libertador, combate que prossegue contra a miséria, o atraso, a exploração, pelo desenvolvimento”.

Tendo aprovado o programa e estatutos do PAICV, o partido foi

definido, de acordo com o texto constitucional, como a “força política dirigente da sociedade e do Estado”. Partindo de uma concepção de democracia nacional revolucionária, começando esta no próprio modo de vivência partidária, o programa agora aprovado define igualmente o PAICV como “um movimento de libertação no poder”, significando isto “que as massas participam de facto na gestão da sociedade”.

O Congresso, que terminou com um enorme comício no qual parti-

## Dois milhões mais de árvores

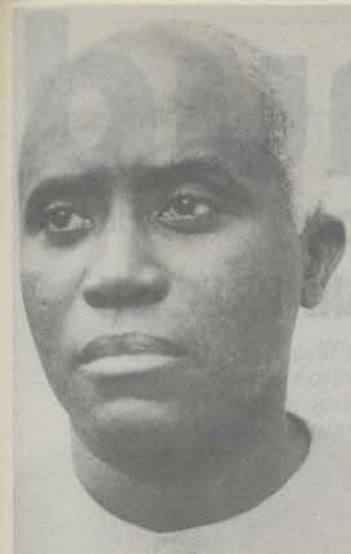
“**F**ALAR da árvore é falar do futuro do nosso país”, referiu Pedro Pires, primeiro-ministro de Cabo Verde, na abertura de uma sessão realizada no passado mês de Julho, sobre os objectivos da campanha de reflorestação do país.

Desde 1976 foram plantadas em Cabo Verde seis milhões e 750 mil árvores, sendo aguardado este ano o período das (eventuais) chuvas para então se plantar cerca de dois milhões de outras árvores. A campanha de reflorestação-83 (ano do II Congresso do PAICV) foi classificada por Pedro Pires “objectivo nacional”, razão pela qual o governo se empenha num amplo esclarecimento da população. Pretende-se que esta iniciativa seja efectuada pelo conjunto da sociedade: “todos devem participar: do mais alto ao mais baixo. Que não seja uma campanha de pessoal menor”.

Sob o lema “Tornar Cabo Verde, verde” a iniciativa do governo foi considerada por Pedro Pires como estando integrada na ampla luta contra o avanço do deserto e na necessidade de “correções no processo de desenvolvimento mundial” e “dos efeitos da industrialização”.

Países como a Bélgica, França, Holanda, Estados Unidos, Noruega e Alemanha Federal têm financiado diversos projectos de reflorestação de Cabo Verde em cuja concretização têm participado ainda a FAO e o Fundo Cabo-verdiano de Desenvolvimento Nacional.

Este ano pretende-se reflorestar 3800 hectares de terreno.



Aristides Pereira e Pedro Pires: estabilidade política e pragmatismo para a construção nacional

ciparam milhares de pessoas, que expressaram o seu contentamento através das suas tradicionais formas de expressão culturais, que passam pela música, pelos tambores, pelas palmas e pelo corpo em movimento, elegeu igualmente os 42 membros do Conselho Nacional. Aristides Pereira, secretário-geral do Partido e Presidente da República, obteve 307 dos 308 votos dos congressistas, que elegeram os seus dirigentes em voto nominal e secreto. Neste contexto, uma inovação de destaque é a participação de mulheres neste órgão partidário (quatro) até aqui exclusivamente masculino.

Cabo Verde tem agora aprovada democraticamente a orientação política interna e externa que seguirá durante os próximos cinco anos, ao cabo dos quais realizará o III Congresso Ordinário, do seu Partido, o PAICV. □

O maior exportador de:  
Chouriço, salpicão,  
linguiça, morcela,  
farinheira, bacon,  
banha, lanche de  
carne, pasta de fígado e salsichas  
tipo Frankfurt. Ao  
seu serviço com 550



trabalhadores, exportou: 1980 — 240 000  
contos 1981 — 230 000  
contos 1982 —  
120 000 contos  
1983 — 380 000  
contos (1.º semestre)  
Previsão para o ano  
de 1983: 800 000 contos

## INDÚSTRIAS DE CARNES NOBRE, LDA.

Telex 13124 NOBRE  
End. Telegráfico — CARNESNOBRE

Apartado 23  
Telefones 92032/3/4  
2041 RIO MAIOR CODEX — PORTUGAL

MATADOURO INDUSTRIAL E FÁBRICA DE CONSERVAS DE CARNE

# arnaud

desde 1870

## EM QUALQUER PONTO QUE PRECISE

CARGA AÉREA  
FRETAMENTOS  
GRUPAGENS  
DESPACHOS  
CONTENTORES  
CAMIÕES TIR

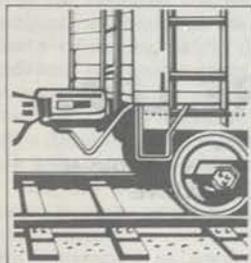
PORTUGAL  
LISBOA  
ESCRITÓRIOS  
Av. 24 de Julho, 2-2.º D  
Telef. 361391/2/3/4/5  
Telex 12704 ARNAU P  
1200 LISBOA

PORTUGAL  
PORTO  
ESCRITÓRIOS  
Rua Infante D. Henrique, 83-2.º  
Telef. 315511  
Telex 22200 ARNOPO P  
4000 PORTO

REPÚBLICA POPULAR  
DE ANGOLA  
LUANDA  
Av. 4 de Fevereiro  
Edifício Presidente, SALA 441, 4.º Andar  
Caixa Postal 2271  
Tel. 71788/71483/71518  
TELEX 3159 ARNAUD AN  
LUANDA

REPÚBLICA POPULAR  
DE MOÇAMBIQUE  
MAPUTO  
Av. Armando Tivane, 494  
Tel. 741143  
Telex 6528 COFIN MO  
MAPUTO

MARINHA GRANDE • AÇORES • MADEIRA



## AMÉRICA LATINA Argentina

# Democratizar todos os aspectos da vida nacional

*Modificações profundas na estrutura do Estado, nas Forças Armadas, no sistema de posse da terra e nas próprias estruturas sindicais são as reivindicações da plataforma eleitoral do Partido Intransigente*

Micaela Ramada



Monserrat: eliminar a repressão

O advogado Miguel Monserrat, secretário da Comissão Nacional de Acção Política do Partido Intransigente argentino concedeu uma entrevista a *cadernos do terceiro mundo*, na qual explica quais as principais respostas políticas da sua organização. O Partido Intransigente, cujo dirigente máximo é Oscar Alende — ex-governador da província de Buenos Aires — integra a Multipartidária e participou, a nível internacional, juntamente com a Intransigencia e Mobilização Peronista encabeçada por Vicente Leonidas Saadi — uma das correntes mais avançadas do peronismo — e com o Movimento Peronista Montoneros, nas reuniões dos partidos políticos do Cone Sul.

O Partido Intransigente integrou, em 1973, a FREJULI — Frente Justicialista de Libertação — que conquistou a vitória nas primeiras eleições realizadas após a queda da ditadura militar, tendo o candidato Héctor Cámpora assumido a presidência e Vicente Solano Lima a vice-presidência. Cámpora renunciou pouco depois e o general Perón assumiu a primeira magistratura.

*O seu partido afirma que o capitalismo dependente está esgotado na Argentina, defendendo um programa alternativo, com outro tipo de soluções para a crise económica. Quais seriam essas alternativas?*

— No nosso país é um imperativo aceitar que o capitalismo dependente está definitivamente esgotado. Pensamos que o primeiro passo será a recuperação da democracia formal, através do voto popular, que conduza à reimplantação do sistema representativo federal, tal como é determinado pela nossa constituição. A partir daí, é necessário fazer uma profunda transformação na sociedade argentina, para que as instituições recuperadas encaminhem as soluções que o nosso povo reclama.

No plano político-institucional temos de reconstruir o Estado e redefinir o seu papel, para o adequar a uma sociedade cujo problema fundamental ainda é o da luta pela libertação nacional e

contra a dependência. Nós entendemos que, nas condições que acabamos de mencionar, cabe ao Estado o cumprimento de um papel de administrador, supervisor e promotor de toda a actividade económica e social. Deve manter também o monopólio absoluto da exploração e da comercialização dos recursos energéticos básicos, da propriedade das riquezas do subsolo e zelar por todos os aspectos da vida económica, vinculados à segurança nacional.

*A médio prazo, poder-se-ia dizer que o projecto é socializante?*

— É um projecto socializante porque concede um papel fundamental à actividade do Estado. Descartamos e rejeitamos a idealização do mercado como elemento organizador, regulador e promotor da vida económica. Numa nação dependente, esse modelo faz com que a actividade económica permaneça nas mãos de interesses alheios ao país. Concretamente, em poder das transnacionais.

É necessário também romper o poder económico dos sectores oligárquicos, porque lhes dá uma grande possibilidade de corrupção e torna a sociedade submissa.

Por isso, o Estado tem de controlar as molas fundamentais da actividade económica, o que nos leva a reivindicar a nacionalização da banca, do crédito e dos seguros, para lhes devolver o carácter de serviços públicos e transformá-los em elementos de promoção das



"A riqueza argentina deve ser encaminhada ao bem-estar social"

actividades que interessam ao país e não de especulação financeira.

Propomos também a nacionalização do comércio externo, embora com a participação dos sectores representativos dos produtores. É preciso acabar com os monopólios vinculados aos interesses internacionais que dirigem a comercialização da riqueza do país. O fruto da riqueza argentina deve ser encaminhado para o investimento produtivo e para o bem-estar social.

Outro aspecto igualmente importante é a democratização da estrutura do Estado, desmilitarizando-o. É necessário eliminar todas as formas de repressão que existem nos múltiplos aspectos da vida nacional. Os aparelhos repressivos devem ser totalmente desmantelados.

*Expressou desejos e reivindicações políticas. Acha que haverá força para tomar essas medidas?*

— Acho. É a única forma de criar no país um sistema democrático, não só formal mas com sentido social e autenticamente participativo. Nós achamos que é possível. Entretanto, não podemos afirmar que possa surgir já na próxima consulta eleitoral, uma solução política que esteja de acordo com esta proposta e tenha condições para a aplicar. O Partido

Intransigente compromete-se firmemente a fazê-lo, caso o povo nos dê o apoio necessário para governar o país.

Quando me refiro à redemocratização, estendo o conceito aos próprios organismos sindicais. Houve, em muitos casos, uma deformação, que permitiu às burocracias apossarem-se desses organismos, não para servir os interesses dos seus associados, mas para servir os interesses dessas mesmas burocracias. Pensamos que a legislação que regulamenta os sindicatos deve ser modificada para assegurar uma democracia interna autêntica.

No caso do sector sindical operário, achamos que deve haver uma representação e estamos de acordo em que deve haver uma central sindical única, a CGT, e um só sindicato forte, reconhecido por sector. Mas com a condição de que exista nesses organismos representação das minorias; que as cúpulas dirigentes tenham menos faculdades e que os que alcancem um maior poder sejam os níveis intermediários e as bases.

Pretendemos não só assegurar ao povo a possibilidade de escolher os seus representantes, mas também dar-lhe instrumentos para realizar um controlo efectivo da gestão desses representantes.

## A reforma agrária

*Existe alguma medida concreta no campo económico à qual dêem prioridade?*

— Consideramos essencial a questão da reforma agrária; é necessário modificar a propriedade da terra para acabar com o latifúndio improdutivo e com os problemas da migração do campo para a cidade.

*Há muitas maneiras de se fazer uma reforma agrária, parcelando a terra e entregando títulos de propriedade individual, criando empresas cooperativas e associativas...*

— Nós defendemos o cooperativismo. Achamos que deve ser favorecido e apoiado por todos os meios de que o Estado dispõe. Entretanto, o fundamental é que a reforma agrária permita atingir dois objectivos: primeiro, a justiça social. É preciso dar ao camponês a possibilidade de trabalhar a sua própria terra e esta deve ser de quem a trabalha. O segundo objectivo é elevar a produção e a produtividade, meta que não foi atingida com a actual estrutura agropecuária. Estamos muito longe de obter os rendimentos de outras partes do mundo.

Para isso, devemos combater fundamentalmente o latifúndio, explorado deficientemente, principalmente nessa zona privilegiada da natureza que é a Pampa húmida. Para isso, um instrumento importante é o chamado "imposto de renda obrigatório", de forma que aquele que possuir terras tenha de as explorar intensivamente, ou, caso contrário, abra mão delas. Mas sem deixar de lado a possibilidade de chegar à desapropriação directa como forma de redistribuir a terra com um sentido mais racional, que favoreça a população e a produção. Trata-se de fazer com que a terra seja um bem de produção e não de especulação.

No terreno tributário, achamos que deve haver, igualmente, uma modificação substancial, que transforme a situação actual em que o peso maior está concentrado nos impostos indirectos. Isto afecta o consumo popular e, além do mais, diminuiu o peso sobre os impostos patrimoniais de classe. É preciso utilizar os impostos como instrumento de promoção do desenvol-



"A crescente mobilização e o espírito de luta do povo possibilitam o retorno a um regime constitucional"

vimento comum.

#### Mudar o papel das forças armadas

*Em relação às forças armadas, o Partido Intransigente defendeu também a democratização. Como concretizar essa proposta?*

— Temos a certeza da necessidade de reformar totalmente as forças armadas argentinas. Os últimos acontecimentos demonstram a sua ineficácia total para a finalidade a que se propõem e isso tem, sem dúvida, relação com este meio século da vida argentina. Durante esse período as forças armadas deixaram de cumprir a sua função específica, para se dedicarem à actividade política, assumindo funções contrárias à nação e ao povo. Nós sintetizamos essa afirmação, dizendo que há meio século que as forças armadas deixaram de ser o braço armado da Nação para passarem a ser o instrumento político dos sectores mais reaccionários e oligárquicos, vinculados aos interesses das transnacionais.

A partir do primeiro dia de instalação do futuro governo democrático, impõe-se a eliminação total da cúpula actual das forças armadas e o decretar da intervenção dos

institutos que formam oficiais, para modificar os estatutos e deixar claramente estabelecido que estes não podem ser ditados pelas próprias forças armadas, mas sim, por toda a nação. É preciso mudar os programas de formação militar.

*Isso inclui alguma restrição aos cursos no exterior?*

— Consideramos que os cursos no exterior devem ser eliminados. Não é possível que os nossos oficiais superiores completem a sua formação profissional estudando em escolas do Panamá, por exemplo, para se especializarem em guerras repressivas. Acreditamos que devem ser modificadas as doutrinas das forças armadas. Em particular, a doutrina da Segurança Nacional deve ser abandonada, já que se transformou em instrumento de repressão. Segundo essa doutrina, o inimigo é "interno", quando, pela sua natureza específica, as forças armadas têm de estar preparadas para combater um inimigo externo. Deve ainda ser afastada a doutrina das "fronteiras ideológicas", sendo adoptada uma teoria que responda exclusivamente ao conceito de defesa da soberania. E essa soberania deve ser entendida não só no que diz respeito ao âmbito territorial, mas no seu sentido integral: defesa do património económico e cultu-

ral da Nação.

Em suma: deve-se dar um fim à situação nestes últimos 50 anos em que as forças armadas assumiram paulatinamente o carácter de um Estado dentro do Estado, com finalidades próprias, ditando a sua própria política, estratégia e doutrina. Devem ficar subordinados definitivamente ao poder civil.

*Acha que uma modificação tão profunda seria absorvida, sem reacção, pelas forças armadas?*

— Acho que, caso o governo constitucional, que vai assumir funções com um amplo apoio popular, venha a tomar essas medidas no primeiro dia — ou nos primeiros dias — não haverá perigo de que se produza um golpe de Estado, ou uma reacção do género. Mas creio que será difícil, senão impossível, se se deixar passar essa oportunidade.

Nessas condições actuariam dois factores contrários: por um lado, os interesses que impulsionaram as forças armadas em direcção a objectivos que não são de sua atribuição, poderiam começar a recompor-se. Por outro lado, o governo constitucional, sem dúvida alguma, sofrerá um desgaste natural uma vez que não poderá oferecer soluções imediatas para a gravíssima situação social que o país



General Bignone: finalmente o render dos militares?

está a viver. Surgirão todo o tipo de reclamações, reivindicações insatisfeitas durante todos estes anos que se vão expressar com força quando existir um governo constitucional. Então, esse tipo de medida deverá ser adoptada de imediato. Nós já falámos nisso, na Argentina, publicamente.

O meu partido tem poucas possibilidades de se manifestar através dos meios de comunicação social. Grande parte desses meios está nas mãos do Estado, como a televisão, a maioria das rádios e a imprensa. Mas quando temos acesso a qualquer tribuna, defendemos essas medidas e, ao mesmo tempo, assinalamos que elas não implicam uma posição antimilitarista. Pelo contrário, achamos que é uma contribuição construtiva para resgatar as forças armadas do papel que tiveram de cumprir durante décadas e fazê-las regressar ao caminho que nunca deveriam ter abandonado.

A Constituição dá-lhes o mandato. Ao restringirem-se às suas funções constitucionais, as forças armadas recuperariam o prestígio diante do povo e até o seu carinho. Actualmente, a situação é inversa: os militares não se atrevem a sair à rua de uniforme, porque são repudiados pelo povo. Por isso, afirmamos claramente que aquilo que estamos a propor, longe de ser um ataque às forças armadas, é

uma contribuição para lhes restituir o lugar que lhes corresponde junto do povo.

### A Multipartidária

*Voltando ao plano político, sabe-se que há diferentes interpretações sobre o papel que a Multipartidária deveria cumprir. Um sector atribuiu-lhe uma função bastante transitória, algo como um instrumento para derrubar o regime militar. Outros sectores acham que a Multipartidária pode sobreviver à queda da ditadura e cumprir um papel nas etapas posteriores. Qual seria esse papel? Haveria a possibilidade de um candidato único à presidência da República?*

— A diferença entre essas duas concepções é profunda. Não se trata de uma visão a curto prazo e outra a médio prazo. Ambas dizem respeito ao papel que a Multipartidária deve cumprir. Algumas pessoas consideram que ela é um simples instrumento para negociar uma saída eleitoral com o regime militar. A segunda concepção é a de que a Multipartidária deve contribuir para a mobilização e a luta do povo, visando acabar definitivamente com a impossibilidade de se expressar, apenas, sem ser por acaso, veio acompanhada por uma situação de retrocesso. É esse o posicionamento que a Multipartidária se reclamou desde a origem, e tem a ver com a atitude das forças políticas a partir do golpe de 1976.

Nós denunciámos, desde o primeiro dia, a natureza antidemocrática, reaccionária e antinacional desse regime e enfrentámos, conseqüentemente, outros sectores políticos que agiram de outra maneira. Eles pensaram que era necessário esperar, que não convinha um confronto total porque isso conduziria a um enfraquecimento dos sectores supostamente moderados do regime militar, favorecendo os mais reaccionários.

Os factos demonstraram que essa estratégia estava totalmente errada. Só a crescente mobilização e o espírito de luta do povo abriram as brechas que estão agora a possibilitar o retorno a um regime constitucional.

Quanto à possibilidade de a

Multipartidária ser, ou poder vir a transformar-se em opção eleitoral, pensamos que não. E isso foi esclarecido oportunamente: que não se tratava de uma frente eleitoral, que os partidos que a integram mantêm o seu individualismo, o seu próprio perfil político e ideológico. Alguns integrantes da Multipartidária insinuaram uma proposta nesse sentido, mas não sempre a considerámos inviável.

Além disso, a única coincidência entre nós e muitos grupos que a integram, é a necessidade de um regresso à democracia. Mas não concordamos nem com um programa de governo, nem com algo mais profundo: o modelo que aspiramos para o país.

### Integração latino-americana

*Qual é o tipo de política externa que vocês defendem?*

— Defendemos, — e isso não é de agora, mas de há muito tempo atrás — a integração latino-americana e a inserção da Argentina no contexto do Terceiro Mundo. Entendemos que a Argentina deve continuar no Movimento dos Países Não-Alinhados.

Já em 1975, numa convenção nacional do nosso partido, encaminhamos uma proposta defendendo a unidade latino-americana e promovendo a criação de um organismo regional exclusivamente latino-americano, excluindo os Estados Unidos. Depois da guerra das Malvinas rectificámos essa posição.

*Como emcaminhariam a problemática, em relação às Malvinas?*

— Defendemos a necessidade de continuar a lutar pela recuperação das ilhas, que histórica, geográfica e politicamente pertencem ao nosso país. E agora torna-se mais necessário do que nunca, denuncia que, através de uma base naval, o imperialismo norte-americano, com a ajuda dos ingleses, procura apropriar-se do controlo do Atlântico Sul. Acreditamos que, neste momento, o nosso país não está em condições de recuperar as ilhas pela força. Devemos, portanto, continuar a lutar no terreno diplomático, contando com o apoio que temos recebido dos povos irmãos da América Latina e do Terceiro Mundo em geral. □

## Acção Democrática prepara-se para regressar ao poder

*Para o ex-presidente Carlos Andrés Pérez, a crise exige dos seus compatriotas uma união nacional e dos países latino-americanos uma renegociação conjunta da dívida externa*

Paulo Cannabrava Filho



Carlos Andrés Pérez

Económico, Latino-Americano (SELA), participando activamente na luta por uma Nova Ordem Económica Internacional.

### Mudanças na política externa

Nessa época, a Venezuela assumiu uma posição solidária com os povos em luta contra as ditaduras, ajudando, inclusive materialmente, a Frente Sandinista de Libertação Nacional da Nicarágua na luta contra a ditadura de Somoza. Igualmente importante foi o apoio do governo venezuelano ao Panamá, sob a liderança do general Omar Torrijos. Quando das negociações para o novo tratado sobre a chamada Zona do Canal.

O governo social-cristão de Herrera Campíns, que chega agora ao final de seu mandato, não só abandonou a política desenvolvi-

mentista do seu antecessor, como mudou substancialmente a política externa do país, alinhando-a à dos Estados Unidos, como ficou suficientemente claro no apoio venezuelano à junta militar de El Salvador. No plano económico, a dívida externa venezuelana atingiu, em 30 de Junho de 1982 a importância de 150 milhões de bolívares<sup>1</sup>, o que leva o país a uma situação social extremamente grave, com uma taxa de desemprego que ronda entre os 16 a 20%.

Em 1979, o COPEI chegou à presidência da República com uma diferença de meio por cento mais do que a votação do seu adversário principal, a AD. Actualmente, na Venezuela, ninguém parece duvidar da derrota do COPEI e do retorno dos "adecos" ao poder. As sondagens de opinião pública revelam, actualmente, uma diferença de mais de 11 pontos a favor do candidato da AD, facto inédito na história das disputas entre as duas principais organizações políticas da Venezuela.

Em plena campanha de Jaime Lusinchi para a presidência da República, o ex-presidente Carlos Andrés Pérez concedeu uma entrevista à nossa revista, avaliando a conjuntura política do seu país e a crise económica gerada, em parte, pela queda dos preços do petróleo. Eis as suas principais declarações:

*Ao que tudo indica, a AD vai ganhar as eleições de Dezembro,*

**N**O próximo mês de Dezembro serão realizadas eleições gerais na Venezuela, para renovação das duas Câmaras do Congresso Nacional e da presidência da República. Apesar de se ter institucionalizado o sistema pluripartidário, as eleições serão decididas no âmbito de dois partidos maioritários: o Partido Acção Democrática (AD), do ex-presidente Carlos Andrés Pérez, e o Partido Social Cristão (COPEI), do actual presidente Luis Herrera Capíns. A esquerda, dividida em cinco partidos, participará no processo eleitoral sem ter grandes hipóteses. Nas eleições anteriores, a esquerda elegeu nove deputados contra 172 dos dois grandes partidos.

Desde a restauração da democracia, com o derrube da ditadura de Pérez Liménez, em 1958, que o Partido Acção Democrática constituiu a maior força política eleitoral da Venezuela. Em 1979, a AD perdeu as eleições, por estreita margem, para o COPEI.

No período anterior, entre 1973 e 1978, o governo "adeco" de Carlos Andrés Pérez realizou uma política desenvolvimentista e nacionalista, enfrentando as transnacionais ao nacionalizar o ferro e o petróleo, principal recurso natural do país. Consequente com a política interna, Carlos Andrés Pérez, no âmbito externo, estimulou a estruturação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e também do Sistema

Foto: B. Bissio

mas terá que administrar o país numa situação econômica difícil e no seio de uma crise internacional que em nada favorece os planos de desenvolvimento do Terceiro Mundo. Qual é a proposta política da AD para enfrentar a crise?

— Actualmente, o candidato Jaime Lusinchi e o partido estudam algumas alianças políticas, não tanto pela necessidade de votos mas pela imperiosa obrigação de mostrar aos cidadãos que percebemos a grave situação da economia nacional e que esta exige um governo amplo, com a cooperação de vários sectores, para deste modo se conseguir fazer sair o país do desastre em que actualmente se encontra.

*Isso significa que para sair da crise, é necessário um governo de ampla frente nacional?*

— É assim que pensa a AD. Jaime Lusinchi, em discurso dirigido aos meios de comunicação social, colocou a necessidade de uma união nacional e pediu ao actual presidente da República que tomasse a iniciativa de convocar os principais partidos, os representantes dos empresários e dos trabalhadores para conjuntamente, estudar as medidas a serem tomadas num momento em que a nossa economia apresenta sintomas significativamente graves de debilidade. A nossa moeda foi-se muito abaixo. O país necessita renegociar a dívida. São centenas de milhares de venezuelanos que se encontram desempregados com todas as pressões sociais que isso significa.

#### Conquistar a confiança

*Que medidas económicas concretas o Partido Acção Democrática e o seu candidato apresentam como solução de emergência para superar a crise?*

— A crise internacional do petróleo gera um processo psicológico muito grave na Venezuela. As indefinições do governo nos últimos anos trouxeram como consequência uma fuga de divisas que chegou a uma média de mais de 100 milhões de dólares diários. A primeira coisa que é preciso fazer na Venezuela é conquistar a confiança, por meio de um grande consenso nacional e da divulgação de uma série de medidas, entre as



A prosperidade económica trazida pelo "boom" petrolífero (em cima, uma vista de Caracas), não foi suficiente...

quais uma drástica proibição de importações, que nos levará a economizar de sete a dez mil milhões de dólares por ano. É preciso abrir novamente as possibilidades de crédito por parte do Estado aos sectores industriais, agrícola e de serviços, que estão parcialmente paralisados. Requer-se uma política de redesconto do Banco Central que reabra a liquidez, porque a fuga de divisas obrigou o governo a restringi-la de tal forma que paralisou todas as possibilidades de reactivação da maquinaria produtiva. Outro aspecto importante é o de o Banco Central poder retomar a condição legal de controlo dos juros para que também estes possam ser um factor de estímulo à reinversão em todo o país. As taxas de juro na Venezuela mantêm-se nos níveis de 17 a 18% enquanto nos Estados Unidos já estão a 9 e 10%. Este é um programa de emergência que pode ser adoptado e que já foi anunciado pelo nosso candidato Jaime Lusinchi.

#### Moratória: solução ou desastre

*O senhor teve uma activa militância internacional, particularmente no âmbito do diálogo Norte/Sul. Em relação à dívida externa dos países em desenvolvimento, particularmente os países da América Latina, crê que uma*

*renegociação colectiva, ou seja, a formação de uma frente de países endividados, seria uma alternativa?*

— Em relação à Venezuela, a questão da dívida é grave. A renegociação da dívida é imperiosa. O país tem que pagar, a título de amortização e juros, uma quantia superior à quantidade de dólares que ingressará pela venda do petróleo. Por outro lado, é uma oportunidade que se oferece ao Terceiro Mundo, neste caso concreto à América Latina, para obrigar as nações industrializadas a iniciarem, sinceramente, o aspirado diálogo Norte/Sul, a estabelecer as primeiras bases sólidas para novas relações de intercâmbio entre o Norte industrializado e o Sul subdesenvolvido. A actual dívida de 300 mil milhões de dólares, só da América Latina, significa para o sistema bancário internacional a solução ou o desastre. Solução caso se chegue a um acordo sobre o pagamento; desastre se chegar a uma moratória geral.

*Se chegarmos a essa moratória o sistema bancário internacional pode entrar em ruptura...?*

— Seria a quebra da economia mundial, não somente do sistema bancário. Em Cartagena, os países latino-americanos já estabeleceram as bases de uma renegociação conjunta. A situação é muito difícil, mas é preciso superar os medos individuais.

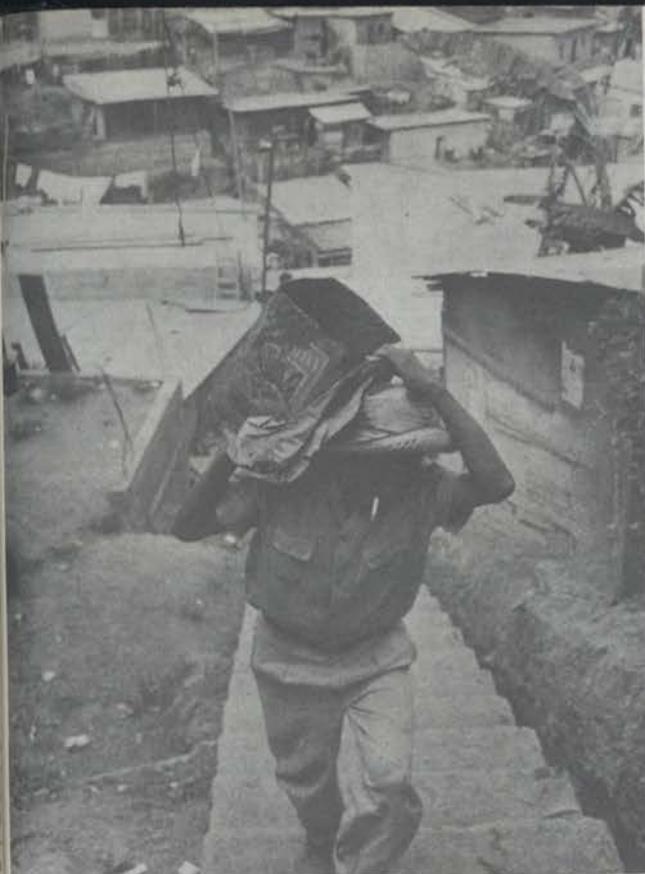
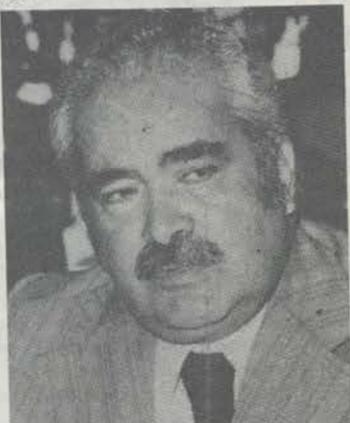


Foto: ONU

... para tirar o país da difícil situação financeira deixada...

OPEP definiu os seus princípios na reunião de Argel. Nessa ocasião, os chefes de Estado e os soberanos dos países membros da organização definiram-na como um instrumento do Terceiro Mundo para lutar por uma Nova Ordem Económica Internacional; ao mesmo tempo definimos a OPEP como uma organização dedicada a lutar pela conservação deste recurso natural não-renovável, que é o petróleo.



... pelo governo de Campins

Todos estes princípios — de lutar por uma Nova Ordem Internacional e de conservar as reservas de petróleo, o que implicava uma descida no consumo mundial — foram esquecidos pela OPEP, que passou a preocupar-se apenas com a defesa dos preços, e com o aumento dos preços. Creio que por ocasião da crise no Irão (a queda do Xá) e posteriormente com o confronto bélico entre este país e o Iraque, o aumento violento das cotações do petróleo causou um prejuízo enorme para a Organização dos países Exportadores de Petróleo, uma vez que apenas se pensou numa maior especulação com os preços. Os países da OPEP não foram capazes de perceber que, na medida em que o preço do petróleo alcançava níveis que entravam em concorrência com os seus substitutos, se produziria uma crise que por sua vez, significaria a crise da organização. Por outro lado, ocorreram uma série de fenómenos que escapam à responsabilidade da OPEP como tal, e que chegaram mesmo a surpreendê-la. A conquista do poder pela

verificada na produção do ano passado (que significou outros 500 milhões de dólares a menos) houve um descalabro muito grande sobre o orçamento, sobretudo se tivermos em conta que a Venezuela, durante os quatro anos da actual administração, sofreu uma paralisação total da economia. E o mais grave neste momento consiste no facto de a crise petrolífera surpreender o país numa recessão tremenda, uma vez que, de Março de 1979 a Março de 1983, não houve crescimento económico algum. A Venezuela está empobrecida e a economia está paralisada.

#### Sobre a OPEP

*A que se atribui essa queda nos preços do petróleo?*

— Eu tenho que ser um pouco crítico relativamente à forma como a OPEP tem orientado, ultimamente, a sua política. Em 1974, a

#### A questão do petróleo

*A queda de seis dólares no preço do petróleo terá consequências graves para a economia da Venezuela, que se sustenta através da exportação desse produto. Qual é a sua opinião sobre o assunto?*

— A situação do mercado mundial de petróleo é, efectivamente, muito grave. Não apenas para os membros da Organização de Países Exportadores de Petróleo e para os produtores que não fazem parte da OPEP, como também para a economia mundial em geral. Para os países produtores isto significa uma diminuição substancialmente grave nos ingressos de divisas. Para a Venezuela, por exemplo, a queda de seis dólares no preço do petróleo significa 12 mil milhões de bolívares a menos nas nossas entradas equivalentes a 2500 milhões de dólares. Com a redução de 100 mil barris



Andrés Pérez (em cima, numa reunião no Médio Oriente) critica a política da OPEP.

## Sociais-democratas encabeçam sondagens

O candidato presidencial do partido social democrata Acção Democrática (AD), Jaime Lusinchí, continuava a encabeçar, no passado mês de Maio, as sondagens de opinião com uma margem de 36% dos votos, segundo um estudo elaborado pela Gallup.

Lusinchí levava uma vantagem de 11 pontos sobre o seu principal adversário, o líder democrata cristão Rafael Caldera, que obteve 25% dos votos (Caldera já foi presidente durante o período de 1968-73).

Na área da esquerda, o candidato do Movimento para o Socialismo (MAS), Teodoro Petkoff, teve 12% dos votos, colocando-se à frente do candidato da coligação Avança para a Unidade do Povo (AUP), José Vicente Rangel (4%).

Muito distanciado dos partidos que disputam a hegemonia na esquerda, o candidato à presidência do pequeno partido Causa R, Jorge Olavarría, obteve apenas 1,1 dos votos.

Apesar de faltarem apenas cinco meses para as eleições presidenciais de 4 de Novembro próximo, uma alta percentagem dos entrevistados ainda não definiu o seu voto. Enquanto 12,2% se mantêm indecisos, outros 8,4 responderam "nenhum" à pergunta em qual dos candidatos votariam se as eleições fossem agora.

Os resultados da sondagem reflectem o solido bipartidarismo democrata cristão-social democrata, que tem governado a Venezuela nos últimos 25 anos de ciclo democrático.

organização fundamentalista, no Irão, na guerra entre este e o Iraque e em seguida o aumento dos preços do petróleo, tornaram possível a exploração de áreas petrolíferas que antes não eram tidas em consideração pelo seu elevado custo de operação, como por exemplo, os jazigos do mar do Norte.

*Com o petróleo do mar do Norte, atendendo às necessidades de um mercado consumidor enorme, começa a verificar-se uma oferta maior que a procura...*

— Isso foi fatal para a Organização dos países Exportadores de Petróleo. Porém, não creio que os preços do petróleo continuem a baixar em demasia. Isto porque as próprias nações industrializadas, que conspiraram permanentemente contra a OPEP, veem agora ameaçadas as suas pesquisas e

projectos para conseguir a independência energética. E também pelo facto de que, se a economia mundial está ameaçada pelo problema da dívida dos países em desenvolvimento, ela ver-se-ia definitivamente confrontada com uma catástrofe se os petrodólares comessem a regressar aos seus países de origem, esvaziando os cofres dos bancos dos Estados Unidos e dos países europeus.

*Quantia essa que segundo se julga, se eleva a mais de 600 mil milhões de dólares?...*

— Uma cifra astronómica e que está a servir de equilíbrio e de factor de estabilidade do sistema financeiro internacional.

*A sua estimativa, é, portanto, a de que o preço do petróleo se estabilize nesse patamar em que se*

*encontra?*

— Eu creio que o preço pode estabilizar-se em torno dos 25 dólares. Isso para nós, para a Venezuela, constitui uma situação muito grave. Além disso, na época do boom petrolífero venezuelano, entre 1979 e 1982, nos três anos em que, historicamente, o petróleo alcançou os mais altos preços, exploravam-se um petróleo convencional, a um preço operacional muito mais baixo que o dos petróleos superpesados que teremos de explorar daqui para a frente. Teremos, pois, que extrair um petróleo mais caro, em menor quantidade, e vamos vendê-lo a um preço mais baixo.

Um dólar = 5 bolívares

## Pompeyo Márquez: "Fortalecer o sector agrícola"

**A** PESAR de nas sondagens de opinião pública o MAS estar longe dos índices da Acção Democrática e do COPEI este grupo tem um peso específico próprio na política venezuelana, que provém mais da sua actuação pública e do prestígio pessoal de alguns dos seus dirigentes que da sua força eleitoral.

Publicamos aqui as declarações do senador Pompeyo Márquez, destacada figura do movimento (muito conhecido no país desde a época em que o MAS se encontrava na luta armada e ele passou longos anos na clandestinidade), a *cadernos do terceiro mundo*, colocando os pontos de vista do seu partido neste ano eleitoral.

"A Venezuela vive um momento muito particular: o fim duma situação de crescimento económico e social. O insólito consiste no facto de, com o enorme volume de receitas fiscais que o país recebeu nestes anos, se tenha chegado a uma dívida pública de mais de 30 mil milhões de dólares e agora

todo o sector fiscal e monetário esteja arruinado.

Os traços mais evidentes da crise são a falência de empresas, o aumento do desemprego e a deterioração do quadro social. Bastam alguns dados para ilustrá-lo: mais de três milhões de venezuelanos estão abaixo do mínimo vital, numa população de 15 milhões de pessoas. O desenvolvimento implementado pelo actual governo fracassou, principalmente, porque nunca teve em conta o povo venezuelano.

A América Latina vive o fenómeno da "ruralização" da cidade. Amplas camadas urbanas estão a viver abaixo das condições mínimas calculadas pelos organismos complementares, para manter a vida humana.

### A queda do preço do petróleo

Mas o mais significativo é o de a esse fracasso se ter acrescentado agora outro factor de aprofundamento da crise venezuelana: a queda dos preços do petróleo. A

guerra de preços desencadeada pela falta de acordo no seio da OPEP pode trazer consequências imprevisíveis e catastróficas.

Por tudo isto, entendemos que este ano eleitoral será marcado, na Venezuela, por grandes tensões e enormes dificuldades para os sectores populares.

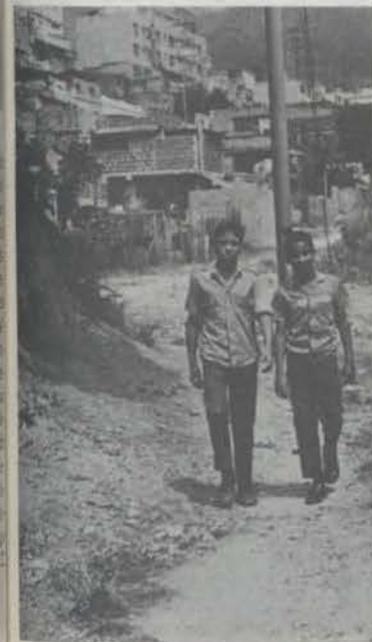
Estão a surgir no país duas grandes exigências, que o MAS apoia: uma é a democratização da economia e a reorientação da despesa pública, com sentido social. A outra é a democratização dos poderes públicos, na procura de canais de participação das maiorias nacionais, para fazê-las participar nas grandes decisões.

O governo democrata-cristão está a caminhar para o fracasso. Mas no caso da Acção Democrática ganhar, o seu desgaste também será rápido.

Nós lançámos a candidatura de Teodoro Petkoff e em torno dele reunimos importantes personalidades de esquerda. A candidatura do MAS conta com mais de 70% dos votos da esquerda e é a proposta política que apresenta um projecto para depois de 1983. Este aspecto é fundamental: se as nossas previsões forem correctas, 1984 será um ano muito difícil para a Venezuela e por isso se tem que formular hoje um projecto coerente para depois de Janeiro de 1984. É isto que nos diferencia da Acção Democrática e do COPEI. Eles não têm propostas a médio prazo para sair da crise.

As mobilizações do MAS tem como objectivo orientar a economia e a política para as camadas populares, aos sectores mais pobres, que se transformam em sujeitos das nossas propostas para o país. A força que o MAS vier a ganhar estará em proporção directa com a sua capacidade de interpretar a actual conjuntura e de fazer as propostas que o país espera.

O COPEI e a Acção Democrática procuram manter e fortalecer o bipartidarismo. Nós procuramos criar, inventar, construir propostas novas, que possam dar origem a um amplo movimento social. Somos exigentes com nós mesmos: por isso é-nos fundamental ter credibilidade. Noutras palavras, que exista a convicção de que as



Pompeyo Márquez: "A Venezuela, como toda a América Latina, vive o fenómeno da ruralização das cidades com o crescimento dos bairros-de-lata"

nossas propostas são viáveis e que se o poder de decisão estiver nas nossas mãos, nós as levaremos avante.

### Realce para a agricultura

A nossa plataforma básica é realçar o sector agrícola. Não só reorientando-o no sentido de investimentos, como colocando-o numa posição preponderante na economia. Incluímos na nossa análise o peso da emigração rural. Por outro lado, o facto de a Venezuela importar actualmente 60% dos alimentos que consome. Tem que se recuperar a agricultura para criar fontes de emprego e para alimentar a nossa população.

Mudanças como as que o MAS promove, levariam a um desenvolvimento paralelo no campo industrial e agroindustrial. E aqui incluímos a pequena e média indústria, o cooperativismo, a cons-

trução de moradias populares, o sector artesanal. Todos os sectores nos quais se pode melhorar a produção e a produtividade, elevando a oferta de emprego.

Eu, pessoalmente sou o presidente da Comissão de Economia do Senado venezuelano. Através do trabalho que realizámos no Congresso, iniciámos uma série de estudos. Actualmente, na Venezuela, 62% dos gastos públicos são consumidos pela burocracia do Estado e outros 25%, pelos serviços da dívida externa. Esta é a origem da catástrofe que estamos a viver.

Nós lançámos a palavra-de ordem de proibição absoluta de importar bens não-essenciais e promovemos a reforma da legislação bancária (64% dos bancos já estão nacionalizados).

Temos bauxite e temos petróleo. O petróleo gera 94% das nossas divisas, mas achamos que não nos devemos conformar em ser uma

economia baseada na mineração e no petróleo, porque assim continuamos a ser vulneráveis aos vapores da economia internacional. Devemos diversificar a nossa economia; a indústria venezuelana está prostrada, mas somos o primeiro importador de uísque do mundo e o quarto país em viagens aos Estados Unidos. A Venezuela está em crise, mas mantém-se o consumo mesmo desenfreado. O governo tem que ser o primeiro a dar o exemplo. Propomos uma reforma institucional-administrativa que caminha em direcção à eleição directos dos governadores; que outorgue um papel mais destacado aos municípios; que supere esse excessivo poder centralizado no presidente; deve existir um poder legislativo forte, capaz de exercer a sua função de controlo, como a Constituição exige. E impõe-se uma reforma da Justiça, que actualmente se encontra sob controlo partidário". (B. Bissio)

## A crise no sector petrolífero

**A** crise económica que a Venezuela enfrenta atingiu o projecto de desenvolvimento petrolífero mais ambicioso do país — a faixa do rio Orinoco — ao reduzir a metade as metas de capacidade de produção, calculadas originalmente num milhão de barris diários no fim deste século.

O director da empresa estatal Petróleos da Venezuela (PDVSA), Julio César Arreaza, afirmou que não estavam suspensos os programas de desenvolvimento da faixa — considerada a maior reserva mundial de óleo cru — mas admitiu o redimensionamento do projecto.

Os ajustamentos obedecem ao enfraquecimento do mercado mundial de hidrocarbonetos que provocou um impacto duplo na estratégia petrolífera da Venezuela, ao reduzir a sua receita e obrigar a PDVSA a rever os seus projectos de produção, e venda de óleos crus pesados, que constituem 50% do pacote de exportações.

A diminuição da receita originária do petróleo foi calculada, para este ano, em 2 500 milhões de dólares, o que obrigou a reduzir os investimentos da PDVSA, de 4 400 para 3 700 milhões de dólares. Por outro lado, persistem os rumores de um provável défice. Na caixa da PDVSA superior a 1800 milhões

de dólares, que poderia levar a empresa estatal a ter de recorrer, pela primeira vez, desde a nacionalização da indústria petrolífera em 1976, ao endividamento externo.

Localizada na parte sul da bacia oriental da Venezuela, ao norte do rio Orinoco (a 900 quilómetros de Caracas), a faixa petrolífera do Orinoco possui reservas de óleo cru pesado e extrapesado calculadas entre 1 e 3 mil milhões de barris.

Apesar dessas grandes acumulações de óleo cru serem conhecidas desde 1930, só durante o governo democrata-cristão de Luis Herrera Campins se resolveu transformar a faixa — de um projecto de avaliação a outro de desenvolvimento dando início à fase operacional da exploração.

Os objectivos originais previam que o potencial de produção estaria situado em 200 mil barris diários em 1988, aumentando para 1 milhão no ano 2 000.

A revisão dos programas da faixa do Orinoco reflecte com maior clareza — como nenhum outro caso da actividade económica — a etapa de austeridade que vive a Venezuela após o esgotamento do modelo faraónico de desenvolvimento impulsionado pela prosperidade petrolífera, e que agora pertence ao passado. (Susana Pezzano)

## Guatemala

# O Verbo fez-se presidente

*As seitas fundamentalistas prosperam com o apoio norte-americano, opondo-se ao catolicismo pós-conciliar e aos protestantes que optaram por se colocar ao lado dos pobres\**

O general reformado Efraim Ríos Montt, nas suas mensagens dominicais emitidas pela rádio e pela televisão aos pobres guatemaltecos, exorta constantemente a uma mudança espiritual dos indivíduos, a uma reconciliação com Deus e a uma revitalização da convivência familiar, já que, segundo ele, a origem de todos os males que assolam a Guatemala se encontra nos desvios individuais e familiares. "Nós estamos a ter o privilégio de estar a recuperar a paz, cuja fonte perfeita é o próprio coração", disse em Outubro de 1982. Ríos Montt manifestou diversas vezes que ocupa a presidência segundo a vontade de Deus.

Na manhã de 23 de Março de 1982, o general dirigia na capital do país uma reunião de pais de família, da Igreja Verbo, à qual pertence desde 1979. Os oficiais que naquele momento executavam o golpe de Estado contra outro general, Fernando Romeo Lucas García, chamaram José Efraim Ríos Montt pelo rádio. Este, que ocupa na sua igreja a categoria de "ancião", solicitou a ajuda dos demais anciãos para orarem e pedirem pela orientação divina. Depois de 20 minutos, os anciãos expressaram ao general a sua convicção de que a vontade divina era de que ele acudisse ao encontro.

Durante a tarde daquele mesmo dia, ao dirigir a sua primeira mensagem ao país como governante, Ríos Montt mostrou-se um homem muito piedoso, mencionando várias vezes o nome de Deus e expressando conceitos cristãos: "Quero dizer-lhes, em primeiro lugar, que estou confiante em Deus, Meu Senhor e Meu Rei, para que me ilumine, porque só Ele dá e toma a autoridade... Espero



Foto: Sara Facio

Semana Santa: religiosidade popular dirigida pela igreja católica

que Deus Nosso Senhor estenda o seu Manto de Misericórdia e Graça sobre a Guatemala".

Dias depois, foi divulgada a sua integração na Igreja Verbo, até então muito pouco conhecida no país. Era o primeiro mandatário evangélico na história da Guatemala e isso coincidia com as comemorações do primeiro centenário das igrejas protestantes guatemaltecas. A religião em geral, e particularmente a Igreja Verbo, foram notícia permanente ao longo de um ano de governo.

### Rockefeller contra João XXIII

Em 1871, a Reforma Liberal, encabeçada pelo general Justo Rufino Barrios, decretava a liberdade de cultos, com a qual se abriam as portas do país a missio-

nários não católicos. O ano de 1882 é a data em que as igrejas evangélicas e protestantes foram formalmente instaladas na Guatemala, embora tenha havido, durante o período colonial, diversas tentativas de penetração protestante.

Em 1964, eram 346 mil os evangélicos na Guatemala. Em Dezembro de 1982 chegavam a 1650 mil, o que representa aproximadamente 22% do total da população do país. O aumento é de 477% em 16 anos. As causas deste crescimento são, sem dúvida, comple-

\*O artigo é da *Enfoprensa*, especial para "cadernos do terceiro mundo". A *Enfoprensa* é uma agência de notícias que elabora, processa e transmite informação dos diferentes factos económicos, sociais e políticos da Guatemala dentro do contexto da realidade centro-americana e mundial.



Nelson Rockefeller: o "perigo" da igreja pós-conciliar

xas, mas a maioria dos estudiosos imparciais do assunto consideram que existe um fundo político.

Na segunda metade dos anos 60, Rockefeller, depois de visitar diversos países da América Latina com carácter de enviado especial do presidente Richard Nixon, assinalou no seu relatório que uma das causas da efervescência político-social na região era a nova atitude de sectores católicos, o que precisava ser contrabalançado.

De facto, desde que o papa João XXIII resolvera "abrir as janelas da Igreja" e convocara o Concílio Vaticano II (1962), numerosos católicos começaram a participar mais activamente nas "tarefas temporais". Na América Latina, essas novas posições receberam apoio da hierarquia católica na Assembleia Episcopal de Medellín, Colômbia (1968), onde a luta pela justiça e pela libertação dos povos foi homologada como um compromisso para os católicos.

Apesar dos sectores hierárquicos mais conservadores não terem aceite a nova linha, numerosos grupos de sacerdotes e freiras católicos iniciaram em todo o continente, especialmente na área rural e nas zonas marginalizadas das cidades, trabalhos de promoção social no seio das comunidades. Além disso, começaram a consciencializar os seus paroquianos sobre os seus direitos humanos e

sociais, orientando-os para o compromisso político pela justiça. Esta linha também foi posta em prática por alguns sectores das igrejas protestantes tradicionais.

#### Cem anos ou vinte séculos?

É dentro deste contexto que ocorre a invasão de novas seitas evangélicas na América Latina, particularmente América Central, providas de grandes recursos económicos e técnicos. Diante das correntes progressistas já mencionadas, seitas fundamentalistas apregoam um cristianismo individualista, que nada tem a ver com as realidades deste mundo. Dão à Bíblia uma interpretação espiritualista e literal, em oposição à interpretação histórica e existencial dos estudos progressistas.

A sua argumentação doutrinária é geralmente muito fraca, e caracteriza-se por um forte sectarismo, ao extremo de considerar condenados ao inferno aqueles que não compartilham das suas crenças.

No início de Março, quando o papa João Paulo II visitou o país, altos funcionários pertencentes a essas seitas assumiram uma atitude pouco delicada para com ele, o que foi amplamente criticado pelos meios de comunicação social e por outros funcionários.

Muitos pensam que o governo norte-americano apoia directa-

mente as seitas fundamentalistas. Dessa forma, o bispo católico guatemalteco Gerardo Flores declarou recentemente que a sua penetração na Guatemala é uma campanha organizada do exterior, e que se trata de "uma resposta do Departamento de Estado norte-americano à opção tomada pela igreja católica". Segundo o bispo Flores, a acção dessas seitas conta com "um apoio organizado muito forte e com muitos meios económicos" e visa tentar quebrar a unidade religiosa da população.

Chegou-se a falar no risco de uma guerra religiosa, possibilidade negada pelos altos escalões católicos e evangélicos. Não obstante é evidente a existência de uma tensão entre ambos os grupos. No fim de 1982, quando se comemorava o primeiro centenário do evangelismo na Guatemala, vários oradores atacaram a igreja católica. O grupo católico "Companhia Secular de Soldados de Cristo", por sua vez, desafiou os evangélicos para um debate público a fim de discutir a autenticidade das suas bases doutrinárias.

Os cartazes que anunciavam a comemoração evangélica falaram do "primeiro centenário do Evangelho na Guatemala", dando a entender que a igreja católica não seguia o Evangelho de Cristo. Por ocasião da visita do papa, outros cartazes diziam: "Vinte séculos de Catolicismo", destacando a continuidade dos ensinamentos de Jesus Cristo na igreja católica...

#### Deus providenciará... "trailers"

Existem actualmente na Guatemala mais de 100 seitas no género com mais de 6 mil templos e vários institutos bíblicos, seminários, colégios, clínicas. Nos últimos anos, as suas actividades foram favorecidas pelos governos, enquanto vários sacerdotes e numerosos catequistas católicos foram assassinados. A atitude do governo é de receio — e às vezes de perseguição — à igreja católica, e fez com que muitos guatemaltecos se tenham "convertido" ao evangelismo.

A Igreja Verbo foi fundada em Eureka, Califórnia, Estados Unidos, pelo senhor Jim Durkin, e instalou-se na Guatemala em 1976.

quando um grupo de voluntários ingressou no país para ajudar as vítimas do terramoto. Segundo relatos de membros da seita, o "anceião" Carlos H. Ramírez recebeu um apelo de Deus para ir à Guatemala, e o próprio Deus, "de maneira maravilhosa", providenciou dinheiro e trailers para ele viajar.

Até 23 de Março de 1982 eram muito poucos os guatemaltecos que tinham ouvido falar na Igreja Verbo. Contudo, a partir dessa data, muitos entre eles decidiram baptizar-se, procurando segurança e oportunidades de trabalho na administração pública. O dirigente político Álvaro Arzú disse em Setembro passado: "Na Guatemala, já ninguém quer ser político, mas membro da Igreja Verbo".

As práticas da Igreja do Verbo representam um claro exemplo do modelo de cristianismo sustentado pelas seitas fundamentalistas. O "anceião" James Degoyler assim explicou o comportamento da seita quando, em 1981, Ríos Montt foi convidado para participar como candidato às eleições de 1982: "O



Para Ríos Montt, a origem de todos os males que assolam a Guatemala encontra-se nos desvios individuais e familiares

general Ríos Montt faz parte do conselho de anciãos da Igreja Cristã Verbo, e ao ser solicitada a sua participação nas eleições de 7 de Março, nós jejuámos e orámos durante três dias, no fim dos quais tivemos visões e chegámos à conclusão que seria melhor ele não participar como candidato".

"Um de nós, continuou Degoyler, avistou um muro de pedra, em cujo centro havia um buraco, com uma jóia grande, vermelha, que tentava entrar nesse espaço, mas não cabia. Outros consideraram que ela estava sujeita a forças estranhas que não se ajustavam aos ideais que ele tem como cristão, com princípios morais muito elevados e rectos. Portanto, deduzimos que a resposta era não participar nas eleições..."

Várias organizações religiosas e independentes, nacionais e internacionais, acusaram Ríos Montt de manipular os sentimentos religiosos do povo. As acusações assinalam que com o seu verbalismo religioso, o chefe do governo procura justificar a sua política, ao levantar-se como enviado de Deus diante de um povo que é profundamente religioso. No dia 9 de Março último, a Rádio Vaticano criticou-o severamente, quando, ao comentar a visita de João Paulo II à Guatemala, falou na "arrogância e na embriaguez de poder de quem pretende matar em nome de Deus". □



## sismet

SISTEMAS E METODOS DE ORGANIZAÇÃO E INFORMATICA. SARL

Com uma equipa de mais de uma centena de colaboradores, constituímos um conjunto de especialistas com elevado grau de conhecimentos, experiência e capacidade.

Somos uma organização empresarial dinâmica que trabalha em Portugal, Moçambique e Angola, para entidades do aparelho de estado, autarquias locais, sectores empresarial e cooperativo e outras instituições.

A nossa larga experiência, a crescente especialização, uma permanente criatividade e a adequação às realidades e exigências dos nossos Clientes, são componentes constantes da nossa forma de actuação e garantem o continuo reforço da capacidade SISMET.

• ADMINISTRAÇÃO, DEPARTAMENTOS ADMINISTRATIVO - FINANCIERO ORGANIZAÇÃO ESTUDOS Rua da Beneficência, 229-2.º e 3.º 1000 LISBOA Telex: 91370-9686-9124322

• DEPARTAMENTO DE INFORMATICA Av. Santos Dumont, 50 1000 LISBOA Telex: 721140

• DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS Rua Sanches Coelho, 1-9.º 1000 LISBOA Telex: 781791

• ESTABILIMENTO NA REPUBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE Av. Sámoreira Machel - Povoação Fonte Azul - 4.º andar C. P. 7004 MAPUTO Telex: 22412

• CORPO TECNICO PERMANENTE NA REPUBLICA POPULAR DE ANGOLA C. P. 91789 LUANDA Telex: 36213

## Áreas de Actuação

### ORGANIZAÇÃO E GESTÃO

- Modelos de estrutura
- Organização de sistemas: — gestão de pessoal, património, expediente e arquivo, aprovisionamentos, contabilidade, controlo de custos
- Sistemas de informação para gestão

### FORMAÇÃO

- Planeamento e implementação de acções de formação
- Cursos de organização, planeamento e gestão
- Cursos de análise de sistemas
- Cursos de aperfeiçoamento profissional

### ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO

- Planeamento e gestão urbana
- Estudos de desenvolvimento integrado
- Estudos socioeconómicos

### RECRUTAMENTO E SELECÇÃO

- Elaboração de perfis funcionais
- Aplicação de provas técnicas e de aplicação
- Classificação profissional

### ESTUDOS DE VIABILIDADE TECNICO-ECONOMICA

- Estudos de viabilidade e ou oportunidade: — projectos industriais — zonas industriais — criação de empresas
- Estudos de investimentos
- Estudos tarifários

### COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

- Concepção de meios audiovisuais
- Concepção e implementação de exposições

### INFORMATICA

- Concepção de sistemas
- Análise funcional e orgânica
- Programação
- Gravação de dados
- Processamentos: — Consumos de água, vencimentos, gestão de pessoal, contabilidade, stocks, controlo de projectos

### GERENCIAMENTO E COORDENAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS

- Estudo de optimização de empreendimentos
- Estudo e acompanhamento de financiamentos
- Análise e elaboração de propostas, cadernos de encargos, programas de consultas e contratos
- Coordenação geral de empreendimentos
- Assessoria à gestão de empreendimentos

# Como foi desbaratado o plano da CIA

Uma jovem, agente dupla ao serviço do governo sandinista, frustra a tentativa de assassinato do ministro dos Negócios Estrangeiros, Miguel D'Escoto

Roberto Bardini

**M**ANÁGUA, sábado, 4 de Junho, às sete horas da manhã: uma mulher jovem para num prédio desabitado e pega num pacote que estava dentro de uma lata vazia. Num poste de madeira situado junto ao recipiente, desenha uma linha com giz à altura da sua cintura. O volume não continua — como parecia à primeira vista — lixo, mas uma garrafa intacta de licor francês *Benedictine* e uma nota escrita à máquina:

"Proteja a garrafa em lugar seguro, repito, lugar seguro. Espere uma ocasião oportuna. Não desespere, embora não deva demorar muito para a entregar. Não tenha medo. Tenha confiança, isto não deixará qualquer pista. Lembre-se do que lhe foi explicado na última viagem. Não apresentará efeito imediato e não é mortal. Garanto-lhe que não corre risco. Deve avisar imediatamente quando a entregar. Saudações, (assinado) Linda."

*Linda* era o pseudónimo de Ermila Loretta Rodríguez, de 43 anos, originária da Califórnia, que trabalhava como segunda secretária da embaixada dos Estados Unidos na Nicarágua, embora a sua verdadeira função fosse a de agente da Agência Central de Inteligência (CIA).

A jovem que recolheu o volume era Marlene Moncada, nome de código *Mireya*, funcionária do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Nicarágua, recrutada pela CIA quando trabalhava como secretária do consulado nicaraguense em Tegucigalpa, Honduras, em Fevereiro de 1982. A garrafa de licor francês continha *tálio*. Esta



Marlene: missão cumprida

substância química produz o seu efeito dez dias depois de ingerida: câibras nas extremidades, dor abdominal, febre, queda do cabelo e, se se continua a ingeri-la, provoca a morte por insuficiência respiratória. O *Benedictine* estava destinado — como presente — ao chanceler Miguel D'Escoto.

Nesse mesmo dia, Marlene Moncada — que há já 16 meses trabalhava para a CIA — entregou a garrafa envenenada a agentes da Directoria-Geral de Segurança do Estado nicaraguense. Na realidade, durante todo esse tempo — enquanto a CIA pensava que se tinha infiltrado no Ministério dos Negócios Estrangeiros — a jovem tinha realizado uma perigosa missão de contra-espionagem ao serviço do governo sandinista que terminou, precisamente, nesse sábado, 4

de Junho, às sete horas da manhã.

## A conexão hondurenha

"Aceite e continue o jogo": esta foi a ordem que Marlene recebeu dos seus superiores na embaixada da Nicarágua em Tegucigalpa, quando os informou que Samuel Benavidez — um nicaraguense vinculado à ex-Guarda Nacional somozista, radicado na capital hondurenha — lhe tinha apresentado alguém identificado como "Luis Rodriguez", que lhe propôs trabalhar para a CIA. Marlene tinha conhecido Samuel Benavidez ao chegar às Honduras, em Outubro de 1979. A jovem começou, então a ser "assessorada" por três agentes: "Martita", Roberto Sacasa e David Johnson, todos funcionários da embaixada norte-americana em Tegucigalpa. Marlene comunicava-se com eles através dos telefones 32-2120 ao 9; nos ramais 231 e 264, que correspondem à representação diplomática norte-americana. Os contactos iniciaram-se no hotel *Honduras Maya* e continuaram numa casa da colónia residencial *Los Almendros*. Daí em diante — disseram-lhe — o seu nome de código seria *Mireya*.

Segundo ela mesma relatou posteriormente, "eles queriam conhecer o número das nossas forças armadas, dos cubanos assessores do Exército Popular Sandinista, a vida privada dos nossos funcionários, a sua origem social, os seus hábitos... inclusive o número de chávenas de café que tomavam por dia e a marca de cigarros que fumavam".



### Contacto em Manágua

Em Setembro de 1982, a Chancelaria nicaraguense decidiu transferir Marlene Moncada para Manágua. Os seus responsáveis da CIA deram-lhe então instruções para se ligar aos seus futuros contactos na capital nicaraguense: "Billy", "Jimmy" e "Linda", que afinal era Ermila Loretta Rodríguez.

A jovem começou a receber treino e materiais para as suas tarefas de espionagem: um rádio de ondas curtas marca "Sony", que recebia mensagens cifradas às 11 da noite às terças e quintas-feiras, nas frequências 9.074 e 14.421; dois seguradores-de-livros de madeira com figuras maias (um deles guardava secretamente no interior, o código para decifrar as mensagens radiofónicas); uma pequena caderneta de notas, cujas folhas se transformavam em goma de mascar ao serem introduzidas na boca e entrarem em contacto com a saliva; pastilhas que ao serem esfregadas sobre papel revelavam escrita invisível.

Os seus responsáveis interessavam-se particularmente pela vida particular do ministro dos Negócios Estrangeiros Miguel D'Escoto: hábitos, nomes de pessoas próximas e os seus endereços, percurso



Um oficial nicaraguense assinala Ermila Rodríguez, agente da CIA na Nicarágua (também ela na foto) e mostra Benedictine envenenado

diário do ministro de casa para o escritório e horas de trabalho. Ao mesmo tempo, recomendaram a Marlene que se tornasse "imprescindível no trabalho, participasse em todas as actividades políticas e se relacionasse com o ministro".

### "Somos especialistas, não falhamos"

A 30 de Março de 1983, Marlene viajou para Tegucigalpa e nesse mesmo dia comunicou com o seu antigo "responsável", David Johnson, que lhe disse que em breve seria dado "um passo importante para a libertação da Nicarágua" e que ela teria um "papel preponderante". Depois, viram-se na casa da colónia *Los Almendros* e Johnson apresentou-a ao doutor Stevenson,

que lhe fez uma prova com o detector de mentiras. A jovem saiu-se muito bem.

A 2 de Abril, a jovem tornou a reunir-se com os dois homens. Johnson falou-lhe do "fortalecimento do comunismo na Nicarágua" e do "desrespeito pelos direitos humanos", indicando que a prova tinha sido "o ataque ao papa João Paulo II". Um dos principais culpados — afirmou Johnson — era o ministro dos Negócios Estrangeiros Miguel D'Escoto, que "usa a batina para introduzir o comunismo". Portanto — concluiu o agente da CIA —, o ministro tinha que ser eliminado.

Johnson e Stevenson explica-

ram-lhe que não se tratava de matar D'Escoto, mas apenas dar-lhe a beber "algo" para diminuir a sua capacidade mental. Perguntaram que possibilidades ela teria de dar uma garrafa de licor ao ministro e garantiram-lhe: "Nós somos especialistas nisto, não falhamos". Para compensar a sua participação, ofereceram-lhe uma conta de cinco mil dólares em seu nome num banco do exterior.

#### Fracasso e estupidez

Na terça-feira, 31 de Maio, Marlene recebeu por meio de uma mensagem radiofónica a incumbência de apanhar a garrafa de *Benedictine* — colocada numa lata

velha junto a um poste num prédio indicado. A 4 de Junho, a jovem executou a ordem. Dois dias depois, a operação criminosa da CIA foi desbaratada e levada a público numa conferência de imprensa, onde o comandante Lenín Cerna, chefe da Directoria Geral de Segurança do Estado, mostrou filmes de fotografos do Ministério do Interior, com todos os passos dados pelos espões.

Um jornalista lembrou ao comandante Cerna as declarações de um funcionário diplomático norte-americano, que tinha dito que as acusações eram "absurdas". O chefe da polícia secreta respondeu: "Convidamos esse senhor a demonstrar que isto não é verdade,

bebendo o conteúdo da garrafa de *Benedictine*".

Por sua vez, o jornal *Barricada* — órgão oficial da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) — assinalou num editorial: "A ideia de que o desaparecimento físico dos dirigentes conduz a uma vitória contra uma Revolução é parte da concepção reaccionária burguesa sobre as causas das lutas de libertação e sobre o papel que nelas têm as massas e os indivíduos. Mas, na prática, na hora de valorizar e escolher os métodos para a acção política que pretende chegar à comprovação das ideias, os imperialistas colhem fracassos e revelam a sua estupidez". □

## Persona non grata

David Noble Greig: chefe da CIA na Nicarágua



Foto: "Barricada"

A 6 de Junho deste ano, a editora alemã Lamur apresentou em Bona o livro "A CIA na América Central", dos jornalistas Guenter Neuberger e Michael Opperskalski. A obra é o último volume de uma trilogia ("A CIA no Irão" e "A CIA na Europa Ocidental") e contém uma lista de 400 agentes que na última década e meia estiveram adjuvados em embaixadas dos Estados Unidos em 13 países centro-americanos e das Caraíbas.

Os autores afirmam que pelo menos 100 dos espões mencionados no seu livro continuam as suas acções e mencionam como chefes de delegação da CIA entre outros, Michael Dubbs nas Honduras, David McDonnell na Costa Rica e David Noble Greig na Nicarágua, que conta com uma equipa de 17 agentes.

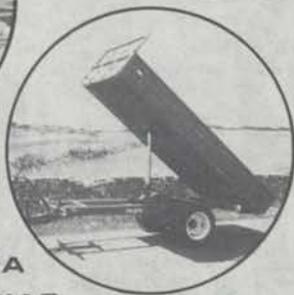
Nesse mesmo dia — antes que se divulgasse a notícia sobre a apresentação do livro de Neuberger e Opperskalski — o senhor David Noble Greig, que aparentemente exigia o cargo de primeiro-secretário da embaixada norte-americana em Manágua, era declarado "persona non grata" pelo governo sandinista e expulso do país juntamente com Linda Pfeifel, chefe da Secção Política e Ermila Loretta Rodriguez, segunda-secretária da representação diplomática.

Dois dias mais tarde, o comandante Tomás Borge, ministro do Interior da Nicarágua, promoveu Marlene Moncada à patente de tenente, "por heroísmo na sua tarefa nas fileiras do inimigo".



# GALUCHO

ALFAIAS AGRÍCOLAS, REBOQUES,  
CARROÇARIAS E BASCULANTES



UMA GAMA COMPLETA  
DE ALFAIAS, TÉCNICA-  
MENTE ESTUDADAS PARA  
SATISFAZER AS EXIGÊNCIAS  
DE UMA AGRICULTURA MO-  
DERNA, NO NOSSO PAÍS  
E NO ESTRANGEIRO

**JOSE FRANCISCO JUSTINO (HERD.), LDA.**

APARTADO 3 - S. JOAO DAS LAMPAS - 2711 SINTRA CODEX - PORTUGAL  
TELEFS 9277105/6/7/8/9 - ENO. TELEG. GALUCHO - TELEX 13858 GALUXO P.

## Os riscos de um confronto entre a Síria e Israel

*A frustração que causou a assinatura do acordo israelo-libanês cria no mundo árabe temores de um novo conflito, enquanto no seio da OLP se configuram duas opções estratégicas*

Mohamed Salem

A assinatura do acordo destinado a pôr fim ao estado de guerra entre o Líbano e Israel está longe de trazer perspectivas de paz à região. O tratado não só criou sérias divergências nos meios políticos libaneses, como originou polémicas no mundo árabe sobre os seus objectivos últimos e a eficácia que poderia ter, na hipótese optimista de que chegue a ser implementado.

As principais cláusulas do acordo (ver caixa) representam um passo atrás nas aspirações árabes de conseguir conter Israel na sua fronteira norte e de ceder-lhe direitos em relação à zona sul do Líbano, gerando tensões e apreensões relativamente à possibilidade de um conflito, principalmente envolvendo a Síria.

Damasco foi totalmente contra

o tratado, criando-se uma tensão indissolúvel entre os governos de Amin Gemayel e Hafez Assad, que nem sequer a visita de altos dirigentes libaneses à capital síria pôde superar.

Como a posição síria é chave em toda a questão do Líbano, em meios políticos árabes transpirou que os norte-americanos estariam interessados em promover uma reunião tripartida entre o rei Fahd da Arábia Saudita e os presidentes Gemayel e Assad. Segundo um comentário do periódico libanês *An Nahar*, os Estados Unidos teriam solicitado a mediação saudita para minimizar as divergências entre Beirute e Damasco.

No entanto, não se trata apenas de uma crise mais entre tantas que sacodem o mundo árabe. Desta vez as divergências não são anedóticas



O rei Fahd: uma mediação difícil nem têm conotações pessoais. A Síria analisa a questão na perspectiva da sua segurança nacional.

Neste sentido, é importante destacar que o seu ponto de vista é compartilhado até nos meios árabes mais conservadores. Ao referir-se às tensões criadas pela assinatura do acordo e pelos preparativos israelitas para uma eventual guerra com a Síria, o periódico *Al Itihad*, de Abu Dhabi — de posições moderadas — adverte os árabes que se a Síria for arrastada para uma guerra no Vale de Bekaa, "se verá obrigada a transferir a batalha para uma frente mais ampla". E acrescenta: "A (eventual) batalha contra a Síria requer uma posição árabe unificada, com um mínimo de apoio político e militar. Esse apoio é que ajudará a deter o ataque à Síria, forçará Israel a retirar-se do Líbano e restaurará os direitos legítimos do povo palestino".

Os sírios (na foto com cartazes de Assad) contam com apoio árabe



## Preparativos de guerra

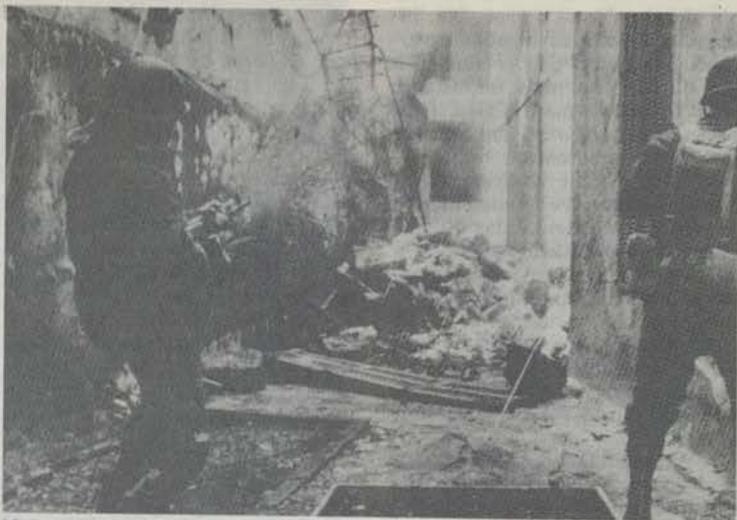
Essa necessária unidade árabe frente ao perigo de uma nova guerra com Israel tem sido objecto de análises reiteradas e exortações de inúmeros porta-vozes políticos. Porém, essa unidade faltou sempre nos momentos críticos. Mas as coisas mudaram muito desde a invasão israelita ao Líbano o que se poderá reflectir a médio prazo. Agarrar-se a esquemas e análises anteriores à invasão — um verdadeiro divisor de águas na geopolítica do Médio Oriente — não é conveniente nem prudente.

A guerra entre a Síria e Israel está já nas hipóteses de trabalho dos principais exércitos envolvidos na crise da região. De facto, as movimentações militares tanto da parte de um país como de outro, têm sido notórias e transpiraram para os meios de comunicação social.

A imprensa síria, por exemplo, tem efectuado reiteradas denúncias dos preparativos de Telavive. "Israel já adoptou medidas militares concretas para desfechar a sua agressão contra a Síria", escreve o jornal oficialista. Por seu turno, a rádio Damasco aludiu "às provocatórias manobras militares israelitas no Golan", advertindo a opinião pública: "Se Washington resolveu superar a sua derrota estratégica (ao fracassar a missão de paz do secretário de Estado George Shultz), dando luz verde a Israel para agredir a Síria, qualquer aventura dessa natureza terá graves consequências. A Síria não se curvará diante de ameaças nem de chantagens".

Em Israel, as informações da imprensa têm alertado que as forças militares estacionadas no Líbano foram colocadas em estado de alerta, "o que pode ter sido interpretado por Damasco como preparativos para atacar a Síria". A imprensa israelita tem feito, além disso, referências insistentes ao "maciço rearmamento proporcionado a Damasco pela União Soviética".

Por seu lado, um comunicado oficial sírio feito em consequência de um confronto com tropas israelitas no Líbano, afirma: "Com o seu povo forte e as suas relações amistosas com as potências pro-



Muitos observadores consideram que a guerra não é inevitável

gressistas do mundo, principalmente a União Soviética, a Síria não permitirá que os conspiradores tenham êxito nos seus planos (contra Damasco), não importa o preço que custe ou as consequências que tenha".

Esta "guerra" de comunicados e declarações serve como termómetro da situação e mostra até que ponto as tensões se intensificaram.

No entanto, apesar da conjuntura instável, muitos analistas conhecedores da política regional consideram que a guerra não é inevitável e interrogam-se sobre quem beneficiaria com um confronto neste momento. "Sabe-se onde começa uma guerra, mas nunca onde vai terminar", lembra um velho dirigente árabe. "Nem as duas superpotências, nem nenhum dos protagonistas locais deseja embarcar numa aventura que poderá ter consequências imprevisíveis", acrescentava.

Existem opções intermédias entre o conflito generalizado e uma paz justa — que não interessa nem aos Estados Unidos nem a Israel, porque obrigaria os governantes de Telavive a voltar às fronteiras históricas e a negociar o estatuto dos palestinianos, entre outras coisas. A alternativa é aquela que estamos a presenciar: uma difícil diplomacia norte-americana — que é bem mais, a arte de negociar sem nada conceder (como pretende o "plano de paz" do presidente Reagan) —,

que vai adiando a situação de *nem paz, nem guerra*, vai debilitando as economias dos estados árabes —, que têm que voltar prioritariamente a fortalecer as forças armadas diante da eventualidade de um confronto militar com Israel —, e que permite que, dentro de Israel, avancem os campos de colonatos em terras árabes e se reforce o projecto de povoar de judeus os territórios árabes ocupados. Tudo isto, no contexto de confrontos localizados, que vão enfraquecendo os combatentes da linha da frente, que neste momento está localizado no Vale de Bekaa. Ali estão, principalmente, as tropas sírias e algumas unidades palestinas. E nos planos sionistas continua a ser uma meta prioritária destruir a OLP.

### Agora põem em causa a liderança de Arafat

Um dos objectivos da invasão israelita ao Líbano era destruir a infra-estrutura política e militar da OLP. Como é notório, esse objectivo não só não foi alcançado, como os massacres de Sabra e Shatila e a invasão em si mesma, geraram uma nova compreensão a respeito da questão palestina a nível da opinião pública internacional.

Por isso, a OLP está agora novamente na mira de Washington e Telavive. Como não foi possível destruí-la de fora, tenta-se miná-la

por dentro. Nessa perspectiva, inserem-se as tão divulgadas divergências no seio da *Al Fatah*, o grupo palestino mais importante entre os que formam a OLP (calcula-se que *Al Fatah* tem mais de 80% dos combatentes e militantes palestinos). Se analisarmos as primeiras páginas e os comentários da imprensa ocidental das últimas semanas — verificaremos que a liderança de Yasser Arafat está no seu ponto mais baixo, numa queda irreversível, esgotada.

As divergências existem e não podem ser minimizadas. Mas estão inseridas numa conjuntura e num contexto muito especiais da luta palestina.

A eventualidade de uma guerra sírio-israelita, a assinatura do acordo libano-israelita, a transferência da sede da OLP de Beirute para Túnis, são factores que colocam aos palestinos o desafio de readaptar rapidamente a sua análise, tácticas e estratégias de combate e trabalho internacional. Tudo isto em menos de um ano da evacuação da capital libanesa e do início de uma etapa diferente na vida da organização.

Longe de ser algo de estranho,

o aparecimento de tendências diferentes no seio da OLP e da própria *Al Fatah* é uma consequência lógica desse "terramoto" sofrido no último ano pela Organização de Libertação da Palestina. Análises válidas em Junho de 1982 estão totalmente caducas em Junho de 1983. E perspectivas de luta que estão a ser elaboradas este mês, talvez se encontrem ultrapassadas no mês seguinte. Arafat tem agora que percorrer consideráveis distâncias para discutir politicamente com os seus comandantes, seguidores e assessores, disseminados em diferentes países do mundo árabe e da Europa. E a urgência da tomada de decisões nem sempre permite consultas a plenários.

Assim, foi-se confrontando de diferente modo a opção diplomática e a opção militar entre Arafat, a direcção da *Al Fatah* e alguns comandantes das tropas estacionadas no Vale de Bekaa, que permaneceram no cenário da guerra depois da evacuação palestina de Beirute. E a essa perspectiva por vezes divergente, de todo alheia a proximidade geográfica da Síria em relação ao Vale de Bekaa, é o estreito contacto entre as tropas

sírias e palestinas, além da ingerência de dirigentes árabes que sempre aspiraram a exercer um certo controlo sobre a OLP.

O comandante Abu Moussa, um dos dissidentes, dá prioridade à opção militar, e entende que só se pode enfrentar Israel com eficácia, no campo de batalha. Nesse sentido põe em causa a possibilidade de se chegar a uma solução negociada. Arafat tem uma visão de estadista, que revelou em mais de uma oportunidade crítica. Sem negar a opção militar, entende que os palestinos têm que aproveitar o terreno conquistado entre a opinião pública mundial ao longo de uma luta de muitos anos e, mais recentemente, com o alto preço do massacre dos seus compatriotas indefesos dos campos de refugiados de Beirute. A opção dos palestinos — pensa Arafat — não pode ser a mesma que se apresenta à Síria, que é um Estado independente e com fronteiras definidas. A OLP é um movimento de libertação que não pode jogar todo o seu destino numa guerra de posições.

Um dirigente palestino próximo aos acontecimentos, conhecedor de Arafat e de Abu Moussa, comen-

## O acordo israelo-libanês

**N**O preâmbulo do acordo, Israel e o Líbano expressam o desejo de ambas as nações em "viverem em paz (...), em fronteiras seguras e reconhecidas" e proclamam "o fim do estado de guerra" entre eles.

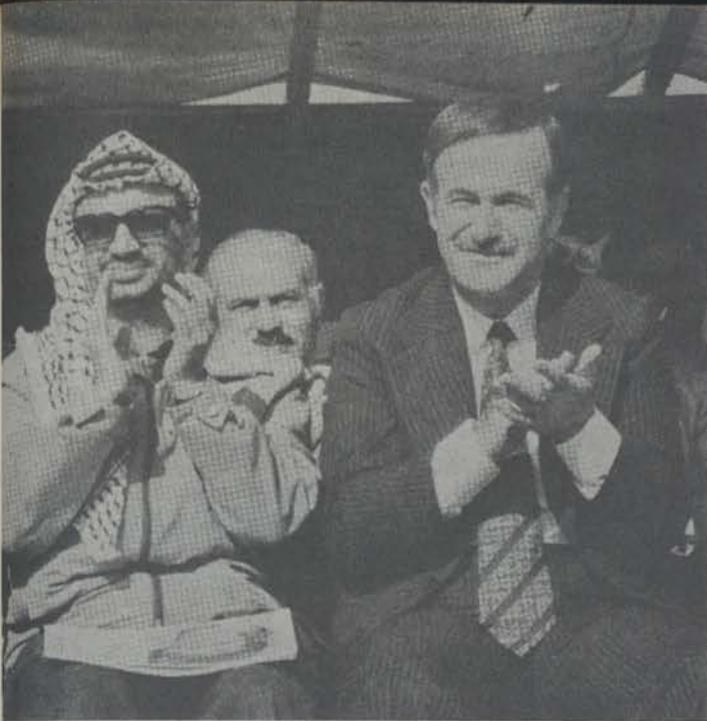
Seguem outros artigos, nos quais — a partir do compromisso de cada um "respeitar a soberania do outro" — se afirma que "as fronteiras entre o Líbano e Israel são invioláveis". Israel "compromete-se a retirar todas as suas forças armadas do Líbano", especificando que o fará dentro de um prazo de "oito semanas", a partir da entrada em vigor do acordo, "no contexto do objectivo do Líbano em obter a retirada de todas as forças estrangeiras".

No artigo 4.º estipula-se que "os territórios das duas partes não serão utilizados como base para actividades inimigas ou terroristas contra a outra parte ou o seu povo", enquanto que tanto Israel como o Líbano se comprometem a opor-se "à presença ou instalação de grupos armados de organizações, bases, escritórios ou estruturas cujos objectivos sejam realizar raids contra os territórios da outra parte, ou toda a acção terrorista no interior desses territórios, e mais ainda, toda a actividade

que tenha por objectivo ameaçar a segurança da outra parte... ou dos seus habitantes".

No artigo 8.º estipula-se que o Líbano e Israel instalarão um "comité comum de ligação", no qual os Estados Unidos tomarão parte como "associados". Um alto funcionário governamental dirigirá a delegação de cada país nesse comité, que se reunirá periodicamente no Líbano e em Israel e tomará as suas decisões por unanimidade. Este comité é encarregado de "supervisionar a execução do acordo em todos os seus aspectos".

Estes são alguns breves trechos do acordo. Nas entrelinhas, observa-se que Israel em cada artigo obriga o Líbano a não desenvolver qualquer tipo de actividade contra o regime sionista, o que, na realidade, significa neutralizá-lo, como Camp David fez com o Egipto. Outro ponto delicado é o que condiciona a retirada israelita à saída de "outras forças estrangeiras", colocando em pé de igualdade as forças de ocupação israelitas com as forças sírias e palestinas, que chegaram ao Líbano num contexto completamente diferente, com a aquiescência do governo de Beirute e como consequência de decisões interárabes.



Arafat e Assad: uma aliança cada vez mais distante

tava que poderá levar mais de um ano até o impasse ser superado. isto, porque as duas figuras representam, na verdade, opções mais profundas e só o tempo poderá ir confirmando a validade de cada um dos enfoques.

Mas, do ponto de vista da acção global da OLP — inclusive caso a decisão final chegar a ser militar — a história não perdoaria Arafat se não aproveitasse todas as oportunidades para encontrar uma fórmula pacífica que conduza à vitória da causa palestina.

O que estes episódios ensinam é que ao adiar as negociações, ao acenar com a guerra e ao continuar no seu empenho de desintegrar a OLP (de fora ou de dentro), a administração Reagan e o governo Begin insistem em espezinhar os justos direitos árabes, ficando por isso cada vez mais isolados no cenário mundial, ao qual impõem, com a sua intransigência, a ameaça de um conflito generalizado no Médio Oriente. Nenhum observador da situação regional desconhece que a União Soviética não se omitiria se a Síria se visse envolvida na eventualidade de uma guerra. □

## CÂMARAS FRIGORÍFICAS DESMONTÁVEIS E EQUIPAMENTO PARA SUPERMERCADOS

Gama completa de mobiliário para AUTOSERVIÇOS, SUPERMERCADOS, HIPERMERCADOS, posta ao serviço por:



**IRAL**

Sede e Complexo Industrial  
3401 OLIVEIRA DO HOSPITAL CODEX • TELS 52460-52161-52193 • TELX 18761 IRAL OP  
Serviço de Exportação  
AV. SANTOS DUMOND, 47 R/C - 1000 LISBOA • TELS 779115-764652 • TELEX 14356 IRAL L



# Uma leve esperança

*O enviado especial de "cadernos" chega à linha da frente desta interminável guerra entre os dois países do golfo Árabe*

Agustín Castaño

**O** Irão e o Iraque defrontam-se desde Setembro de 1980 numa guerra sangrenta que a imprensa começou a esquecer. Enquanto se aguardava uma nova ofensiva iraniana, o presidente do Iraque Saddam Hussein afirmava que as forças armadas do seu país repelirão todos os ataques do inimigo, segundo declarações recolhidas por "cadernos" em Bagdade.

A razão da pouca ressonância reside provavelmente no facto do conflito ter adoptado há vários meses as características de uma guerra de posições. Em Junho de 1982, as tropas do Iraque que ocupavam parte do território inimigo retiraram-se para dentro das suas fronteiras. Nessa altura, a sorte das armas parecia inclinar-se a favor do Irão. Os iraquianos, porém, repeliram as sucessivas investidas do seu inimigo — com grandes perdas humanas e, segundo os observadores, com maior número de perdas iranianas — e nos últimos meses não houve modificações nas posições dos adversários. Há quem pense que existe um equilíbrio entre as forças, na medida em que nenhum dos exércitos está em condições de ocupar o território do adversário e infligir-lhe uma derrota e que esta guerra poderia prosseguir por muito tempo se não intervierem factores políticos que a façam parar.

Em 13 de Junho passado um grupo de jornalistas estrangeiros, entre os quais se encontrava um enviado de "cadernos", foi recebido na frente iraquiana, nas imediações de *Shait el Arab*, o disputado acesso fluvial que é o epicentro bélico.



Quando há possibilidades de pagar, as armas aparecem

## No "front": tensa quietude

Os militares acompanharam os jornalistas até à linha de frente, compostas por uma dupla fileira de artilharias defendidas por inúmeras baterias.

Desde as trincheiras, que se pôde avistar a linha inimiga tão imóvel quanto a iraniana, em tensa quietude.

Porém, na sede do comando, o general Sadi Tumoh, comandante do Terceiro Corpo de Exército com sede em Basora, disse aos jornalistas que se percebiam preparativos semelhantes aos de outros ataques e que parecia "imminente uma ofensiva".

Na manhã seguinte o presidente Hussein recebeu o grupo de en-

viados especiais e confirmou: "As nossas informações assinalam que eles (os iranianos) tiveram ultimamente uma série de reuniões, a uma escala mais ou menos ampla, e que estudaram a possibilidade de repetir a sua ofensiva, em lugares escolhidos, contra objectivos menos importantes que os anteriores. Estudam igualmente a possibilidade de atacar diversos sectores com o fim de dissipar as manobras do Iraque e de esgotar as suas forças".

"Estamos a observar atentamente estes preparativos. As nossas informações a esse respeito são seguras e infalíveis. A nossa força fundamental baseia-se em que a nossa causa é justa. No entanto, a superioridade está do nosso lado".

"Entre estes factores contam a precisão das nossas informações e a nossa margem de manobra de um sector a outro no campo de operações militares e no interior desses sectores. Deve-se também mencionar a presença de reservas auto-suficientes em cada sector, e além disso reservas na aviação militar que incluem helicópteros armados". "Portanto, toda a ofensiva iraniana só provocará decepção e amargura". Nas alusões do presidente Hussein à precisão informativa, alguns jornalistas interpretaram que se trata de dados facilitados pelos aliados árabes.

#### Presságios de uma nova ofensiva

Depois de obtidas estas declarações, tratava-se de compará-las com outras informações disponíveis e com a opinião de observadores neutros. O nosso enviado teve acesso às avaliações de fontes diplomáticas da Europa Ocidental. Os pontos principais dessa análise indicam que:

1) As forças armadas iranianas não dispõem virtualmente de aviação e sofreram por isso muitas perdas humanas para um objectivo que não parecem em condições de alcançar. Os iranianos têm superioridade numérica, mas isso não parece, no entanto, suficiente para inclinar o fiel da balança.

2) Tudo sugere que, efectivamente, os iraquianos contam com uma informação rápida e correcta sobre os movimentos do adversário, com as vantagens que isso supõe.

3) No plano material, comprovou-se uma vez mais que quando há capacidade de pagar, as armas aparecem. Apesar do seu relativo isolamento, pois, os iranianos conseguem substituir o seu armamento bem como o Iraque. No aspecto económico, conta a favor do Iraque a solidariedade de vários países árabes e em particular o potencial económico da Árabia Saudita.

4) Mais difícil de verificar pela sua natureza é a afirmação de Hussein de que devido ao prolongamento do conflito e da resistência iraquiana, o descontentamento se alastra nas forças armadas do Irão. O presidente iraquiano, que recebeu os jornalistas no palácio



Khomeiny: "Nós defendemo-nos"

presidencial em uniforme de campanha com as insígnias de comandante-em-chefe, afirmou o seguinte: "Há quatro dias (o aiatola) Khomeiny pronunciou um discurso convidando os iranianos a prosseguirem a guerra. Disse-lhes: "Não devem parar a guerra, pois nesse caso os iraquianos entrarão no seu país e violarão a sua honra". E acrescentou Khomeiny: "Porque razão alguns (iranianos) exortam a que se pare a guerra? Nós defendemo-nos".

"Nós podemos imaginar — continuou Hussein — em que abismo terá caído (o ayatolah Khomeiny quando comparamos estas palavras com o seu discurso de Fevereiro, no qual pediu abertamente que se penetre no interior do território do Iraque e que o seu regime seja derrubado, ou com o seu discurso de Junho no qual se dirigiu aos iranianos e lhes disse que é obrigado a continuar a guerra porque está numa posição de defesa.

"Deduzimos, então, que a decepção se acumula nos corações dos dirigentes de Teerão, já que não podem ter visões expansionistas à custa do Iraque. Quando comprovarem que não podem realizar os seus objectivos agressivos, pedirão a paz.

"Estamos convencidos de que Khomeiny optará, apesar de si mesmo, pela paz, pois caso contrário, o povo e o exército iraniano se sublevarão contra Khomeiny e os seus seguidores".

Noutro momento da conferência



Saddam Hussein: "A nossa força fundamental baseia-se em que a nossa causa é justa"

de imprensa, o presidente iraquiano afirmou: "A continuidade da guerra está a criar uma corrente muito forte que deseja que cessem as hostilidades tanto a nível dos dirigentes como a nível popular".

"O exército iraniano, em geral, não quer que a guerra continue, por causa das últimas batalhas. Também há políticos e religiosos que compreenderam que a guerra não serve a ninguém e não desejam continuá-la".

Segundo as fontes diplomáticas, é visível no Irão o cansaço da guerra e persistem as dificuldades entre o comando político-religioso e o comando militar. Quanto à existência de partidários de que se detenha o curso bélico e se emprenda negociações, estas fontes calculam que existam, embora não seja ainda possível precisar a sua importância.

A soma destes sintomas e o aparente facto de que nenhuma das partes estaria em condições de infligir à outra uma derrota decisiva, traz uma leve esperança. Diante da evidência da esterilidade desta longa guerra que tanto estrago e sofrimento custa a ambos os povos, é possível que o fragor bélico cesse e se comece a discutir a paz.

"Nenhuma guerra, na história, durou infinitamente", declarou Hussein. No entanto, em *Shatt el Arab* os exércitos adversários encontraram-se a um quilómetro de distância e pairava o presságio de uma nova ofensiva. □

## Pausa no combate?

Acreditar que o cessar-fogo assinado entre as forças de ocupação indonésias e a Fretilin nas negociações de Março último poderia significar o termo do conflito, eis uma expectativa que só uma grande ingenuidade permitiria conceber. Tratou-se de um contrato viciado do qual cada uma das partes procura recolher os dividendos

Alberto Costa Alves \*

**N**O n.º 51 de Fev./Mar. 83 de "Cadernos", tinhamos caracterizado 1982 como ano de viragem no conflito que opõe o povo de Timor Leste ao exército indonésio de ocupação. Os dados disponíveis até então e a revelação de duas mensagens enviadas à ONU pelo líder da Fretilin, Xanana Gusmão, forneciam matéria suficiente para entender até que ponto se processava, desde 1980, a reconstituição da organização política e militar da resistência. Desconhecíamos ainda a "Operação Trovão" desencadeada em finais de Dezembro pelas Falintil (braço armado da Fretilin) e, obviamente, não se tinha realizado a grande ofensiva de Fevereiro deste ano quando se reunia, em Nova Deli, a Cimeira dos Países Não Alinhados. Não estávamos, pois, em condições de prever uma viragem tão brusca da situação assinalada pela abertura de conversações preliminares, entre 21 e 23 de Março, envolvendo o comandante militar indonésio Purwanto e o comandante-em-chefe das Falintil. Em finais de Junho os novos dados são publicamente documentados com material fotográfico, gravado e escrito pela Delegação da Fretilin no exterior e acordámos, não sem alguma surpresa, para uma validade que, afinal, vinha impressa na lógica do processo de reactivação da luta de resistência.

### Profusão de símbolos da soberania Maubere

Peguemos em algumas das mais de uma centena de fotografias a que tivemos acesso. Estamos em Lariguto, região de Ossu, centro-leste. Um helicóptero faz-se a uma clareira cavada entre os prolongamentos montanhosos do "Mundo Perdido". Em primeiro plano, à esquerda, uma fila de guerrilheiros aguarda, de armas empunhadas. Outra fotografia aproximamos dos visitantes. Mesa de campo improvisada sobre estacas; do tecto caem folhas da palapeira. Não é propriamente o ambiente a que os visitantes estão habituados nos gabinetes de Dili ocupada. O cenário é inequivocamente outro e não passam despercebidas 4 maiúsculas destacando-se do improvisado local de

reunião: RDTL, ou seja, República Democrática de Timor Leste. Também não nos escapa a sua bandeira presidindo ao que se passa. Isto é, conversações preliminares, em território libertado, entre responsáveis da Fretilin e do exército indonésio. Purwanto tinha proposto a cidade ocupada de Baucau mas o comandante guerrilheiro contrapusera inegociavelmente este ponto da sua Região Militar Nacroma. Terá, pois, muita dificuldade em fazer vingar a tese que, em 2 de Julho, o semanário "Expresso" de Lisboa veiculava: "a rendição dos guerrilheiros". A profusão de símbolos da identidade do poder maubere salta à vista. As velhas G-3 de origem portuguesa e as M-16 capturadas aos indonésios podem ser vistas enfileiradas, a um canto do palco do encontro, ou nas mãos dos guerrilheiros em redor. Nalgumas fotografias do leque, pode-se detectar uma ou outra Mauser, relíquia acarinhadíssima por apontadores de mira certa que não querem outro instrumento para abater helicópteros.

O coronel Purwanto, chefe das forças de ocupação indonésias e Xanana Gusmão, comandante das Falintil, durante as conversações de Março último



\* Membro da Comissão para os Direitos do Povo Maubere e colaborador permanente de "cadernos do terceiro mundo"

Das conversações nascerá um cessar-fogo destinado a permitir a concretização de dois efectivos: comunicação formal pelo governo indonésio à ONU sobre a realização do encontro e resposta de Suharto às seguintes exigências:

1 — Retirada total e incondicional das tropas indonésias;

2 — Constituição de uma força multinacional a ser colocada em Timor Leste para supervisionar a retirada das forças indonésias e garantir uma Administração Transitória;

3 — Colocação das Falintil nas zonas onde não haja concentração de população a fim de permitir a organização de consultas livres e democráticas ao Povo de Timor Leste”.

O essencial destas exigências é retomado em carta, datada de 11 de Abril, dirigida por Xanana Gusmão

ao Secretário-Geral da ONU onde solicita a entrada de delegados da Organização “para intervirem neste processo, dentro do espírito da última resolução da Assembleia Geral”. Cartas de teor não divulgado são também enviadas ao presidente e primeiro-ministro portugueses.

### A contra-informação indonésia

Quando estas notícias começam a circular o alvo-roço é evidente. A rapidez com que a guerrilha atinge o poder ocupante deixa no ar muita incredulidade entre altos responsáveis políticos portugueses e, como se referiu, em alguma Imprensa. Ao mesmo tempo, o trabalho da contra-informação indonésia insinua-se activamente por onde pode com o objectivo evidente de paralisar qualquer resposta portuguesa. Despachos de Maria Gabriela Carrascalão, correspondente do “Expresso” em Melbourne, e irmã do Governador fantoche Mário Carrascalão, semeiam dúvidas e

## Um acordo viciado

N O momento em que encerramos esta edição chegam-nos notícias de combates em Timor Leste. Os combates — confirmados por refugiados entretanto chegados a Portugal — teriam tido início na região leste, durante a primeira semana de Julho, estendendo-se posteriormente à região centro e ao resto do território.

Segundo Mari Alkatiri, membro do comité central da Fretilin no exterior, “a acção militar dos combatentes nacionalistas teve como objectivo responder a provocações lançadas pelas forças inimigas indonésias”.

Ainda que oficialmente não denunciado por qualquer das partes, o acordo de cessar-fogo negociado entre 21 e 23 de Março último parece, na prática, pertencer já ao passado, tal a proliferação dos confrontos armados, considerando a Fretilin que “as autoridades indonésias não respeitaram as condições” consagradas no documento de 23 de Março.

Instado a pronunciar-se sobre o termo da tregua, Mari Alkatiri afirmou-nos-ia que, de futuro, “a haver negociações, aos dois interlocutores terão que se reunir representantes da ONU”, demonstrando desse modo o dirigente timorense a sua suspeição sobre a má-fé manifestada pelos indonésios, mas para a qual a Fretilin se encontraria avisada e precavida. (Ver artigo “Que cessar-fogo?”, onde se fala das estratégias que motivariam os dois interlocutores).

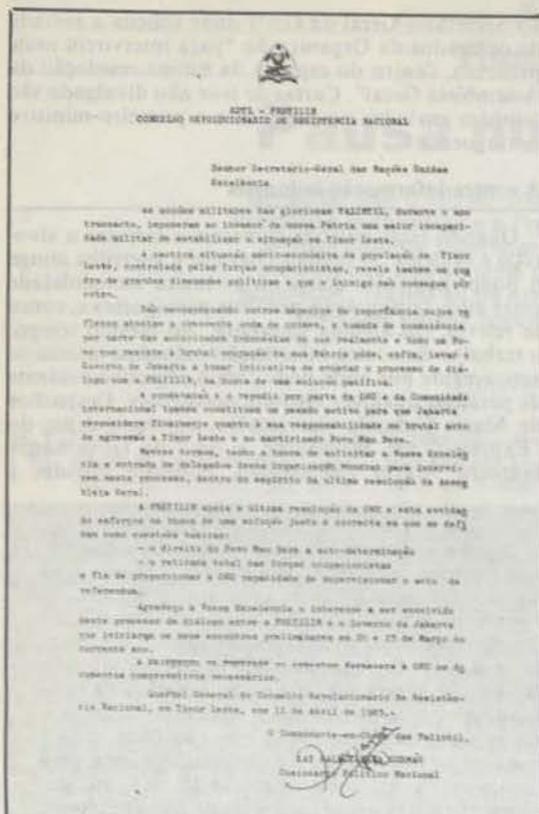
Mais do que as condições então negociadas, o tempo que se vive parece ser já o de balanço sobre quem, política e diplomaticamente, mais ganhou ou perdeu com as conversações de Março passado. Trata-se de saber a quem melhor serviu esse contrato viciado.

O apelo veemente do comandante-chefe das forças armadas indonésias, em Baocao, durante uma visita relâmpago a Timor, para que a Fretilin “se rendesse”, parece provar que, por esse lado, a estratégia indonésia falhou rotundamente. Os combates que têm tido lugar parecem querer confirmá-lo. De um ponto de vista de ganhos e perdas na cena internacional, é ainda cedo a avaliação, aguardando-se a próxima Assembleia Geral da ONU, onde a questão de Timor será uma vez mais discutida, para se inventariar até que ponto o “bluff” das autoridades de Djacarta conseguiu arrastar os hesitantes à condenação da sua política anexionista e de genocídio em Timor-Leste.

De facto, a maratona diplomática que antecede normalmente a AG da ONU teve já o seu início. As autoridades indonésias parecem apostadas em bloquear definitivamente, durante a próxima sessão, a discussão do caso de Timor a nível da instância máxima das Nações Unidas, contando, para isso, com fortíssimos apoios. A viagem do ministro dos Negócios Estrangeiros indonésios, Mochtar, por alguns dos países da zona constitui um seguro indício do que representa a ofensiva do regime de Suharto.

Também deste lado, porém, os indonésios não poderão esperar só rosas.

A Conferência para um “Oceano Pacífico desnu-clearizado e independente” foi disso prova. Representantes de 26 países do Pacífico Sul aprovaram por unanimidade uma resolução onde “se saúda a corajosa luta do povo de Timor-Leste sob a direcção da Fretilin” e se reconhece “o seu direito à autodeterminação”. Para além de se congratularem pelas conversações havidas, os delegados presentes em Vanuatu — local onde decorreu a Conferência — reconheceram que a paz só poderá ser alcançada “quando os direitos e as aspirações do povo de Timor-Leste forem respeitados”. De salientar que as representações na Conferência de Vanuatu eram de âmbito governamental.



Fac-simile da mensagem enviada por Xanana Gusmão ao secretário-geral das Nações Unidas

confusão. Uma semana depois, o semanário "Tempo" alinha no mesmo diapasão com a publicação de um despacho de idêntico teor assinado por Cristóvão Santos, um português, casado com uma natural de Timor, com conhecidas ligações ao regime indonésio. Na Austrália, onde vivem, é o silêncio absoluto sobre as suas ficções acerca do "paradeiro do líder guerrilheiro".

Entretanto a voz insuspeita e autorizada de Mons. Martinho Lopes (ver entrevista nesta edição), contrariava estes enredos. Estava em Timor na altura e sabia o que todo o Timor sabia e ainda mais, dada a posição especial que detinha como responsável religioso altamente respeitado. Isto é: o povo quer a independência; a Fretilin domina a situação e está prevenida contra todas as manobras; não há mentira que possa vencer a verdade. É um momento especial que pode gerar uma dinâmica de paz visando a independência.

Mas, ao contrário de outros períodos, os militares de Djakarta não falam. Apenas 3 meses após as conversações preliminares o fazem, mas utilizando fórmulas consabidamente evasivas e ambíguas: "o termo cessar-fogo é usado somente em conflitos entre países. Se os membros da Fretilin quiserem render-se, isso aceitaremos", asseverava o porta-voz do Ministério

da Segurança em 27 de Junho. Finalmente em 8 de Julho a Embaixada da Indonésia na ONU emite um comunicado onde assinala que "nenhuma espécie de acordo se registou ou está a ser contemplado pelo Governo Provincial em Timor Leste com a chamada Fretilin". Sobre as conversações, afirma que "um certo número de encontros informais tiveram lugar entre o governador e o seu pessoal de gabinete e representantes da chamada Fretilin com vista a reunir mais informação acerca das condições sob as quais a amnistia lhes seria concedida". Apesar disso, concede a embaixada indonésia: "é verdade que no princípio os representantes da chamada Fretilin puseram um certo número de exigências políticas". A lógica do comunicado visa, toda ela, a Conferência de Imprensa dada em Lisboa em 29 de Junho pela Delegação da Fretilin no Exterior e a figura de Mons. Martinho Lopes "que se tornou conhecido no passado por ter disseminado toda a espécie de histórias sobre as condições em Timor Leste".

Enfim, nada de novo em relação aos despachos já publicados na imprensa portuguesa. Apenas com uma ressalva: em nenhum passo do comunicado se regista a ocorrência de qualquer acto, sequer individual, de rendição.

#### Mudança na relação de forças entre clãs militares

Acreditar que o cessar-fogo decidido nas conversações de Março signifique de algum modo o termo do conflito, eis uma expectativa que só uma grande ingenuidade permitiria conceber. Mas algo mudou, temporariamente, na política indonésia em Timor Leste. De facto, em Março deste ano ocorria uma mudança nas relações de força entre os clãs que disputam o poder na Indonésia, emergindo como Chefe de Estado Maior-General das Forças Armadas o general Murdani, peça importante na decisão e comando da invasão de Timor Leste em 1975 mas caído em desgraça quando em 1977 manifestou divergências sobre a forma de conduzir a guerra. A subida de Murdani corresponde a depuração dos generais Yusuf de Ministro da Defesa e de Murtopo da Informação e Segurança. Murdani passa, desde Março, a concentrar, igualmente, o comando da polícia política, Kopkamtib. Isto é, os defensores da guerra a todo o custo até ao extermínio total em Timor Leste, cedem o lugar a posições mais maleáveis incorporando nuances e estratégias que possibilitassem a obtenção de uma margem de manobra que vinha perdendo progressivamente no terreno militar e lhe dificultava a acção diplomática. A ofensiva da Fretilin, a mudança de governo na Austrália e as posições sistemáticas de oposição de grande número de senadores e congressistas dos EUA terão ditado esta ocupação de cosmética com vista a não perder a tendência que lhe tem sido constantemente favorável na ONU.

Com Murdani (único católico na alta hierarquia militar) é a continuação da guerra sob novas formas. De momento, privilegiando o terreno diplomático na tentativa de apagar os focos de preocupação que ameaçam alastrar pelo mundo devido à inegável pujança que a resistência veio a ganhar durante 1982. Isolar uma guerrilha que, desde Outubro de 82, envia



Grupo de guerrilheiros mauberes nas zonas sob controlo da Fretilin

cartas à ONU e orientações para o exterior, o que não ocorria desde 1978, é peça essencial de uma estratégia que visa atingir, no plano diplomático, o domínio de uma situação que lhe escapa no terreno militar. Com um bloqueio solidamente montado em termo de uma resistência cuja força real não tem, obviamente, correspondência em meios informativos, poderá instituir no mundo a ficção da "participação" do "fraco número de membros sobreviventes da chamada Fretilin". Nesta teia falta atingir um objectivo extremamente importante e que vêm perseguindo há muito: calar Mons. Martinho Lopes. Deixemos, por agora, o motivo que permitiu à Indonésia arrancar do Vaticano a decisão de substituir um homem que tanto representa para o povo maubere. "Foi-me aconselhada a resignação — e eu pedia-a", afirmou D. Martinho a "cadernos do terceiro mundo". Na verdade, a voz incómoda, respeitada e corajosa do Bispo é abatida e substituída pela de um novo Administrador Apostólico, padre há 3 anos, detentor de um passaporte indonésio e a cuja posse não compareceram "em sinal de protesto" os padres de Timor Leste.

Substituído o responsável por uma Igreja "fiel ao seu povo", o plano tem pernas para andar. Apenas a divulgação pela Delegação da Fretilin no Exterior de materiais inequívocos sobre as conversações e as afirmações de Mons. Martinho Lopes vieram contrariar temporariamente a estratégia em marcha.

### Objectivos da Fretilin

Vejamos o que está em jogo por parte da Fretilin. Ao aceitar a proposta indonésia de conversações, sabe o que está em jogo. Prova-o recebendo a delegação indonésia com os seus símbolos e instrumentos políticos-militares de luta e soberania bem visíveis. Fá-lo, tudo o indica, com pleno conhecimento da estratégia inimiga mas de acordo com a sua própria estratégia. Se, para Murdam, a guerra continua sob outras formas, para a Fretilin também. Do ponto de vista militar, o seu domínio não pode ser beliscado antes poderá consolidar-se devido à maior flexibilidade e diversificação das suas movimentações no terreno, estimulando muito mais fácil e cuidadosamente as diversas organizações clandestinas (algumas unidades guerrilheiras estão estacionadas já a 5 km da capital); por outro lado, a população aprende um factor adicional a juntar ao capital de aceitação e representatividade de que a Fretilin disfruta. Os guerrilheiros que sofreram com o povo a guerra de genocídio têm poder político-militar para impor ao inimigo um período de tréguas. E como reagirá o soldado indonésio forçado a uma guerra que não é a sua? Quando o tempo das espingardas voltar, que motivações o levarão a seguir caminho diferente daquele que já trilharam as companhias que desertaram para o mato ou foram expedidas disciplinarmente para Djacarta?

De entrevistas que efectuámos a refugiados, so-



No local das conversações entre Purwanto e Xanana Gusmão são bem visíveis os símbolos da soberania maubere. No alto da foto pode-se ler: RDTL — República Democrática de Timor-Leste

bressai com nitidez a noção de facilidade com que "os rapazes que estão no mato" se movimentam no terreno. "Sem aviação, os indonésios já não fazem nada. Os tanques quando podem meter-se pelas estradas vão facilmente pelos ares. Antigamente era a Fretilin que se esquivava; agora são os indonésios que se esquivam da Fretilin. Se conseguíssemos obter uns mísseis terra-ar, fazíamos uns estragos valentes na sua máquina militar toda concentrada em alguns redutos".

Um outro objectivo decorrente das conversações preliminares parece não ter sido atingido por enquanto. Uma bateria de diplomatas indonésios faz intenso jogo de bastidores e, como vimos com o comunicado da sua Embaixada em Nova Iorque, os seus arsenais contra-informativos estão bem apetrechados. Não podemos, naturalmente, prever a resposta que o Conselho Revolucionário de Resistência Nacional irá desencadear no terreno de modo a influenciar decisivamente o trabalho diplomático até à próxima AG da ONU.

Poderá perguntar-se: no meio de tudo isto, que faz Portugal? Praticamente nada. Informa-se pouco e espera. Como sempre, não é protagonista de uma estratégia que imponha o cumprimento dos imperativos ditados pela Constituição portuguesa sobre Timor Leste. Não dispõe as suas forças diplomáticas no quente da batalha, não interfere, não condiciona, não corre, não aproveita oportunidades. No mínimo, seria de supor que aproveitasse o momento para saber efectivamente o que se passa ligando a ONU a essa

indagação. Seria minimamente exigível que fomentasse por todo o lado a ida de jornalistas, parlamentares, observadores isentos a Timor Leste e não andasse à deriva entre os telefonemas de correspondentes sem idoneidade de dois semanários portugueses e a voz autorizada de Mons. Martinho Lopes. Até ao momento, e com pretextos de pura casuística, o Estado Português ainda não recebeu os dirigentes da Fretilin.

Os dados estão lançados. A Indonésia quer conseguir inadiavelmente no exterior o que não tem conseguido em Timor Leste. Com objectivos obviamente opostos, resistência e forças ocupantes convergem temporariamente num ponto: vencer uma batalha importante da guerra através de um cessar-fogo. Muitos nascer do sol serão recolhidos pelo Tata Mai Lau<sup>(1)</sup> até que a paz seja definitiva através do respeito pela independência do país. O dize-tu-direi-eu, em torno da qualificação formal do que se passa, manter-se-á. Mais helicópteros voltarão a ser certamente decapitados pelas velhinhas Mauser e, algures, mais uma aldeia será riscada do mapa pela fúria genocida do invasor. Quem sabe se, a esta hora, o comandante Mauk Moruk, guerrilheiro de todo o tamanho, especialista em golpes de mão temerários, inventor do salto mortal mais desconcertante, não estará a atingir o objectivo mais inesperado? □

(1) Monte mais alto de Timor Leste com cerca de 3000 metros, situado na cordilheira do Ramelou. Na língua mambai, significa avô mais velho.

# A batalha diplomática

**Segundo Ramos Horta, membro do Comité Central da Fretilin e embaixador junto das Nações Unidas, o governo indonésio irá dar tudo por tudo para apagar a questão de Timor Leste da agenda da próxima A.G. da ONU**

*De 21 a 23 de Março realizaram-se conversações entre a Direcção da Fretilin e responsáveis militares indonésios. Qual a evolução? Há mesmo cessar-fogo?*

Temos conhecimento de que há, de facto, um cessar-fogo. Tem havido, inclusive, trocas de informações e, mesmo livre trânsito entre as áreas controladas por ambas as partes. Os guerrilheiros da Fretilin têm-se movimentado muito.

*A Indonésia deu algumas garantias quanto à retirada das suas tropas de Timor Leste?*

O Coronel Purwanto fez seguir para o presidente Suharto da Indonésia as exigências do Conselho Revolucionário de Resistência Nacional. Estamos à espera de sinais do governo indonésio quanto à exigência da Fretilin de ser formalmente avisado o secretário-geral da ONU acerca da existência de conversações.

*De qualquer maneira estamos em presença de informações contraditórias. Recentemente os indonésios negavam qualquer espécie de conversações. Agora acabam de as confirmar na ONU.*

Ainda não podemos chegar a conclusões definitivas. As declarações e contra-declarações vão continuar. Na certeza de que o cessar-fogo visa atingir determinados objectivos a prazo. Teremos paciência.

*Não receia a Fretilin estar-se na presença de uma manobra concebida pela Indonésia para aliviar a vossa pressão e tentar virar os acontecimentos a seu favor, aproveitando o cessar-fogo?*

## Preparados para o pior

Não. Nós encarámos as conversações preliminares com uma grande abertura. Temos um grande empenho no sentido de que essas conversações tenham resultados frutíferos. É claro que os comba-

tes estão bem avisados. Desejamos o melhor, mas estamos preparados para o pior.

*Timor Leste na ONU, aí está uma questão que não vai ser abordada da mesma maneira na próxima Assembleia Geral...*

Devemos continuar a preocupar-nos com a questão de Timor

no Comité Geral em evitar que a questão entre na agenda definitiva da 39.ª Sessão.

*Mas não é um pouco contraditório com o que se passa em Timor Leste decorrente do processo aberto com as conversações de Março?*

Em todos os processos diplomáticos há muitos truques, usa-se muito o dar-se uma no cravo e outra na ferradura. Bombardeiam num sítio para obterem margem de manobra. São contradicções normais em processos de negociação. Ao mesmo tempo que iniciam conversações, intensificam o seu reforço diplomático para possuírem triunfos nas negociações com a Fretilin. É muito complexo e es-



Na foto acima, conferência de imprensa da Fretilin, em Lisboa, 29 de Junho último. Ramos Horta é o primeiro a contar da direita. Na foto em baixo, armamento apreendido às tropas indonésias



Leste na ONU. Há novos dados, é certo, vamos estudar as suas implicações mas continuaremos o trabalho pela obtenção dos melhores resultados possíveis na próxima A.G.

Não esqueça que a diplomacia indonésia continua a dar tudo por tudo para eliminar a questão das agendas da ONU. Por exemplo, no momento actual está empenhada

tamos cientes disso.

*Não se vislumbra muito bem como é que os últimos acontecimentos permitam que a Indonésia derrote a moção que a tem sistematicamente condenado...*

Bom, nós já tínhamos iniciado o estudo das várias alternativas em função dos resultados da última A.G., inclusive o recurso ao Tribunal Internacional de Haia.

Aquando da minha visita à Suécia e Finlândia, fiz várias sondagens nesse sentido abarcando, também, as perspectivas que se abrem com a posse do governo trabalhista na Austrália. Vimos, por exemplo, que se adoptássemos outro ângulo de acção poderiam votar conosco.

E esse novo ângulo poderia ser precisamente o recurso a um órgão judiciário internacional ao qual os países podem recorrer quando há posições contenciosas. Seria difícil a Indonésia fugir às consequências políticas geradas por uma resposta inequívoca a uma consulta ao Tribunal Internacional de Haia.

No entanto, o facto de a Indonésia ter iniciado os contactos com a Fretilin implica em primeiro lugar reconhecimento da Fretilin, o que tem vindo sempre a negar. Tudo isso é encorajador. Toda a documentação, as fotografias sobre os encontros e a vida nas zonas libertadas vão dar-nos imensa força na ONU.

*E acções para sensibilizar o mundo?*

Claro. Desenvolvemos esforços nesse sentido. Por exemplo, o interesse continua no Congresso dos EUA. No ano passado quando Suharto visitou Washington houve duas cartas de apoio à causa do nosso povo por parte de 84 membros do Congresso e de 23 do Senado. Durante a recente visita do primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, 72 membros do Congresso, tanto republicanos como democratas, escreveram-lhe uma carta bastante forte que reflectia as posições que temos defendido.

Neste momento está-se em fase de constituição de uma comissão



O novo governo português não tomou ainda qualquer iniciativa de vulto no que respeita a Timor-Leste. Tal como os seus antecessores, continuará a reboque dos acontecimentos? Na foto o primeiro-ministro Mário Soares e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama

internacional composta por personalidades dos meios artísticos e literários, incluindo alguns Prémio Nobel, que vão emprestar a sua força moral à causa do povo maubere. Entre eles figura, por exemplo, D. Helder da Câmara, bispo do Recife.

Temos também em perspectiva uma grande Conferência a realizar em Boston na Universidade de Harvard com a colaboração do

MIT e Jale. Durará uma semana e haverá exposições, de poesia e literatura timor.

*Como encaram o papel de Portugal?*

Precisamos que Portugal secunde todos estes esforços e se associe, como parte interessada, às duas partes beligerantes que efectuaram as conversações preliminares que resultaram num cessar-fogo. (Alberto Costa Alves)

cadernos do  
**terceiro  
mundo**

**Assinaturas**

**Portugal e Espanha**

anual (12 números) ..... 650\$00  
semestral (6 números) ..... 400\$00

**Estrangeiro — Anual (12 números)**

*por via aérea*

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe  
23 dólares USA.

Restantes Países ..... 28 dólares USA

## O direito do povo maubere

"As nações europeias e os Estados Unidos da América sabem muito bem o que são direitos humanos violados em Timor. Mas como que hipnotizados por toda a riqueza da Indonésia e pelo seu vasto mercado, relegam para segundo plano os direitos legítimos do povo maubere" — denuncia ao longo da extensa entrevista que nos concedeu monsenhor Martinho Lopes, até ao passado mês de Maio administrador apostólico de Dili, cargo a que teve de resignar, a "conselho do Vaticano".

Baptista da Silva/Carlos Pinto Santos



Monsenhor Martinho Lopes

**M**ONSENHOR Martinho Lopes é, inegavelmente, uma das testemunhas mais bem informadas e melhor colocadas para falar sobre a situação vivida em Timor Leste desde que aquela antiga colónia portuguesa foi invadida pela Indonésia, em 7 de Dezembro de 1975. Vigário-geral na altura, monsenhor Martinho Lopes é nomeado administrador apostólico da Diocese, em 1977, após a resignação do seu antecessor, D. José Joaquim Ribeiro, de nacionalidade portuguesa, que regressou ao seu país.

De então para cá, D. Martinho Lopes torna-se porta-voz de uma igreja que vive e sofre com o seu povo, que não se submete às pressões e desígnios dos invasores. Pelo contrário, denuncia as suas barbaridades e injustiças, e, corajosamente, rompe o bloqueio a que a ilha está sujeita, fazendo chegar ao exterior o ideal de independência pelo qual os mauberes aspiram, lutam e morrem.

Em princípios do corrente ano monsenhor Martinho Lopes pede a resignação ao cargo que exercia — a "conselho do Vaticano", como nos diz —, acto

que foi encarado com preocupação por todos aqueles, católicos ou não católicos, que acompanham atentemente a esquecida resistência em Timor Leste. Preocupação acrescida pelo facto do seu sucessor — monsenhor Ximenes —, embora de nacionalidade timor, se encontrar há longos anos ausente do território, desde antes da invasão pelas tropas do regime de Suharto.

O que a seguir se reproduz são extractos de uma longa conversa gravada com o até há pouco administrador apostólico de Dili. Com sessenta e poucos anos, de baixa estatura, Monsenhor Martinho Lopes mostra-se um homem simples e de grande humanidade. O seu relato não é o de um comentador distante das situações e dos intervenientes, antes o testemunho sincero de quem lá esteve, viu, ouviu e falou, emprestando a sua voz tanto ao indonésio como ao timor, contando um interminável rol de episódios, muitas vezes atravessados por uma certa ironia.

A entrevista teve lugar em Lisboa (na redacção de *cadernos do terceiro mundo*), capital do exílio a partir de agora para D. Martinho Lopes e para tantos timorenses que aí residem.

### "O conselho veio lá do alto..."

#### *Quando saiu de Dili?*

A 17 de Maio passado. De lá segui para Jacarta, onde estive 9 dias, após o que parti para Roma, onde me avistei com o Santo Padre, com monsenhor Casaroli e outros altos dignitários da Igreja.

A minha ida a Roma, para além de constituir um pretexto, tinha por objectivo avistar-me com o Santo Padre a fim de esclarecê-lo acerca da situação eclesial em Timor Leste.

#### *Porque razão afirma ter sido um "pretexto"?*

Se eu dissesse que ia directamente para Portugal não me deixariam vir, ficaria indefinidamente em Jacarta. Ora como o objectivo da minha saída era ir a Roma para me entrevistar com o Santo Padre, pude abandonar a Indonésia a coberto de uma certa imunidade diplomática. As minhas malas não foram revistadas, e, em geral, as revistas são muito rigorosas, pois têm medo que saia algum documento ou qualquer coisa parecida.

Aliás, o senhor nuncio apostólico em Jacarta, monsenhor Pablo Fuente, teve a amabilidade de me acompanhar ao aeroporto, só se retirando após a partida do avião em que viajava.

*Quais os motivos da sua resignação à frente da Diocese de Dili?*

A resignação foi-me aconselhada. E como o conselho veio lá do alto — da Cúria Romana — achei oportuno segui-lo. Um conselho nessas condições passa a ser uma ordem.

*Como interpreta esse conselho?*

Talvez porque nessa altura corriam rumores de que os indonésios pretendiam liquidar-me. Eu não me importava de continuar, pois se morresse, morria no meu posto.

*Para além de lhe salvaguardar a vida, pensa que o Vaticano poderá ter sido levado a tomar essa atitude como reflexo de pressões exercidas pela Indonésia?*

Talvez ambas as coisas. Ao mesmo tempo, talvez quisessem poupar a minha saúde, abalada por 8 anos de permanente tensão nervosa.

*Recuemos um pouco no tempo. Como analisa a actuação das autoridades portuguesas pouco antes da invasão indonésia?*

A situação era confusa. Os oficiais portugueses estavam divididos. A polícia que era chefiada por Magiullo ajudava a UDT, enquanto que a maioria dos oficiais da tropa ajudavam a Fretilin.

O timorense quando não tem armas é um homem que parece que não vale nada, mas quando as tem é muito perigoso. É preciso ter cuidado e falar-lhe com delicadeza, senão...

*Parece-lhe, pois, que os responsáveis locais portugueses não tomaram as medidas mais adequadas para a complexa situação que então se vivia...?*

Como sabem, as autoridades portuguesas locais, pouco tempo antes da invasão, retiraram-se para a ilha de Ataúro. Pareceu-me que não foi um passo muito acertado...

Na minha opinião, eles deveriam ter continuado em Dili. Ora com a retirada das autoridades para a Ataúro, claro, a Fretilin, a UDT e a Apodeti andavam à bulha e não havia ninguém que pusesse cobro àquilo!

*Certamente que a saída para Ataúro teria sido uma directiva do governo central...*

Não sei se receberam ordens do governo central, sei que é no próprio local que se avalia a melhor forma de actuar. O governador deveria estar no meio do seu povo, como aliás o outro — Carvalho —, durante a guerra com os japoneses, ficou. Ficou com o povo, sofreu com o povo até ao fim da guerra.

No dia em que abandonaram Dili para Ataúro, muitos timores sentiram uma grande angústia, uma espécie de orfandade. Porque se têm lá continuado, seguramente que haveríamos de sofrer, mas sofreríamos todos juntos. Poderiam sofrer represálias dos indonésios, mas continuavam lá. Eram um símbolo de resistência.

*Ao longo destes anos, monsenhor foi acompanhando as posições de Portugal quanto à questão de Timor Leste?*

Não nos chegavam notícias da actuação de Portugal. Só no ano passado, com o discurso de Pinto



Monsenhor Martinho Lopes a "cadernos": "Eu estava lá e sei que não houve rendição nenhuma..."

Balsemão, é que soubemos que Portugal estava a levar a questão a sério, tomando posições na ONU. Recebemos clandestinamente recortes do discurso do então primeiro-ministro português. De resto não sabíamos nada. Até era proibido ouvir as emissoras portuguesas!

#### "Um direito transcendental"

*Como encara a posição que a comunidade internacional tem tido em relação ao drama vivido pelo povo de Timor Leste durante estes 8 anos de guerra?*

Tenho reflectido muito sobre esse assunto. Penso que tanto as nações europeias como os Estados Unidos da América não estão a ser muito coerentes com as posições que defendem ou dizem defender.

As nações europeias, cristianizadas há séculos, sabem muito bem o que são direitos humanos violados em Timor. Mas essas nações olham para a Indonésia e ficam hipnotizadas por aquela riqueza toda, todo aquele poderio económico, todo aquele vasto mercado. E, em virtude desses interesses económicos, põem então em segundo lugar os direitos legítimos do povo de Timor Leste. Ora isso não pode ser!

*Mas é isso que, de facto, se passa...*

O direito do povo maubere é um direito transcendental. Não há aqui um respeito por uma hierarquia de valores!

Se se tratasse de países do Terceiro Mundo, poderiam argumentar: não têm ainda maturidade...

Mas países da Europa, há muito cristianizados, não!

Todos eles dizem defender os direitos humanos — os EUA igualmente —, mas quando chega o caso de Timor parece que se esquecem desses princípios...

*Veladamente, porém, essas nações, como que se desculpendo das suas posições, invocam o facto de a Fretilin "ser comunista"...?*

Ao longo destes oito anos de guerra o que eu constatei é a ânsia dessa gente ser independente. O povo, o povo católico, não pensava em comunismo ou não comunismo.

Pouco tempo antes de eu me vir embora, os dois mato — os próprios guerrilheiros — pediram à Igreja dois padres a fim de receber assistência religiosa. Eu

pensei e autorizei, pois também eles são filhos de Deus.

## "Queriam a independência"

*Antes da invasão indonésia, que ideia tinha da Fretilin?*

Após a guerra civil a Fretilin dominou todos os restantes partidos políticos. O movimento tomava conta de praticamente todo o Timor Leste. Evidentemente que os homens são sempre homens, com as suas qualidades e os seus defeitos. De início houve alguns excessos, massacres e prisões indiscriminadas que suscitaram o temor e a apreensão de muita gente. Mas era o início, e eles próprios não estavam preparados para o que se avizinhava. Naquela altura já sabíamos que a Indonésia ia atacar Timor. O que não sabíamos era o dia e a hora em que iriam desencadear esse ataque. A Fretilin também o sabia, pois transportava todo o armamento para a montanha.

*A Fretilin contava com uma grande adesão popular...*

Sim, sim. Como movimento político eles queriam a independência e nesse sentido procuravam organizar a vida.

Eu pessoalmente não tinha nada contra eles. A maior parte dos seus dirigentes tinham sido meus alunos no Seminário, conhecia-os bem.

*Após a invasão dos indonésios foi o terror, a guerra e a fome...*

Foi terrível. No princípio a maior parte da população fugiu para o mato e os que ficaram na cidade estavam em situações muito precárias.

*A ajuda humanitária internacional não chegava a Timor Leste?*

Sabem, muitos países e organizações mandavam para lá comida, vestuário e medicamentos — isto não é para falar mal, mas é a realidade — mas só 10 ou 20 por cento é que era dado à população; 80 ou 90 por cento ficava nos bolsos dos indonésios. Os indonésios querem ser eles próprios a distribuir essa ajuda. Criaram mesmo uma organização sua para o efeito. Dão a quem eles querem, e o resto trocam por dinheiro...

*É a Cruz Vermelha Internacional?*

As organizações humanitárias não podiam fazer mais porque não podiam. Se comessem a exigir muito os indonésios logo lhes diriam: "menino... vái-se embora!" Eram expulsas.

Só para dar um exemplo: o milho que foi da Austrália, em vez de ser distribuído, não senhor, foi armazenado. Só quando estava verdadeiramente intragável é que o distribuíram. Havia gente que pensava que aquilo fazia parte de um plano para matar toda a gente.

*Internacionalmente afirma-se que, nestes últimos 8 anos, terão morrido 200 mil timorenses?*

É muito difícil contar os mortos. Ninguém os contou. São os indonésios que não querem que eles sejam contados. Mas terão morrido entre 150 a 200 mil em virtude da guerra e das suas consequências. A fome é uma consequência da guerra.

*O timorense nutre um sentimento de rejeição pelo indonésio invasor do seu território?*

Os timorenses cada vez mais sentem uma certa reticência pelos indonésios.

— "Vocês dizem que são nossos irmãos, que vêm para nos ajudar. Então não percebemos. Se são nossos irmãos, porque nos roubam? Porque razão violam as nossas mulheres e as nossas filhas? Que raio de fraternidade é essa?"

Antigamente, aí do que se metesse com a mulher de um timorense. Hoje em dia ele tem medo de protestar, mas a ferida está lá dentro e não sarará. Quando ele se sentir com força, aí do indonésio!

*A sua casa também era revistada?*

Sim, muitas vezes. Mas eu já conhecia a manha deles. Tinha as portas sempre fechadas à chave. Abria uma porta e depois de fechada é que mostrava outro compartimento...

*Segundo se depreende das suas palavras, os indonésios pretendiam demonstrar aos timorenses — pelos vistos sem qualquer êxito — uma pretensa "igualdade" realmente inexistente...?*

Os "bapas" (é assim que os timores tratam os indonésios) sempre nos diziam: "nós, sama-sama (o que em 'baassa' indonésio quer dizer 'iguais'). Nossa pele sama-sama..."

Ao que os timores quase sempre respondem:

"Sim, sama-sama, sama-sama" — (o que em 'tetum', a nossa língua, significa pisa-pisa!)

*A Indonésia, na sua propaganda para o exterior, afirmava que a Fretilin mais não era do que um pequeno bando insurrecto que ainda não se submettera. Das informações que lhe chegavam a Dili ou dos contactos que mantinha no interior, pôde chegar a alguma ideia definitiva quanto a esta questão? Constituem os guerrilheiros um pequeno grupo como os indonésios pretendem fazer crer?*

Isso é que não me parece.

Uma vez, um comandante indonésio em conversa comigo afirmava-me: "A Fretilin não passa de uns cento e tantos..."

Como não tinha dados para o rebater nada lhe respondi.

Em 1981, porém, a Fretilin começava a reorganizar-se e a reestruturar-se, tendo a própria BBC afirmado que eles seriam uns 6800 homens armados. Eu ouvi.

Num dos dias seguintes à transmissão alguns comandantes indonésios vieram a minha casa para falar um bocadinho — eu falava um pouco de *baassa* — e aproveitei a ocasião para lhes perguntar: "Ouviram a BBC?"

— Não, não — responderam-me.

— "Pois vejam lá, segundo a BBC de Londres os fretilin são uns 6800. Eu não sei, foi o que eles disseram... parece que tiveram acesso a um relatório do dirigente da Fretilin Xanana enviado às Nações Unidas.

Eles limitaram-se a dizer: "Oh, oh..."

**"Xanana tem tudo na mão!"**

*Sabemos que monsenhor teve um encontro secreto com Xanana Gusmão, o dirigente máximo da Fretilin. Pode-nos contar alguns pormenores desse encontro?*

Foi, evidentemente, um encontro secreto. Se os "bapas" soubessem podíamos ir muito bem para o maneta. Ele enviou-me um contacto pedindo-me esse encontro e eu não disse nada a ninguém. Queria encontrar-se comigo na própria sede do concelho...

*O quê, em Dili?*

Não, em Lospalos, na ponta leste da ilha. Eu disse que não, pois os indonésios tinham aí muitos vigias, muitos polícias secretos, não fosse ele ser apanhado, ficando eu também em maus lençóis e com a consciência pouco tranquila.

*Que impressão lhe ficou desse homem, internacionalmente um desconhecido?*

Ele é o motor e o impulsionador da resistência. Por acaso esse rapaz é da minha terra, conheço-o bem. Teve muito tempo no Seminário, é um autodidacta. É um rapaz bastante moderado. Os que passaram pelo Seminário são geralmente mais moderados. Como o Nicolau Lobato, que foi de facto um grande herói.

Agora, o Xanana tem tudo na mão. As Falintil que são as forças da guerrilha, constituídas na sua maioria pelos timores que serviram o exército português, os sargentos, etc., obedecem-lhe cegamente!

*Segundo afirma a Fretilin — o que é indesmentível dada a enorme documentação fotográfica que conseguiu chegar ao exterior desse acontecimento — travaram-se conversações com os indonésios, em Março último. Monsenhor estava ao corrente dessas conversações?*

Soubes logo em Março. As conversações tiveram lugar entre 21 e 23 de Março.

*Conhece pois os seus dois principais intervenientes?*

Sim, sim. O coronel Purwanto, comandante supremo das forças indonésias estacionadas em Timor, e Xanana.

*Apesar de inicialmente terem confirmado as conversações — e implicitamente o cessar-fogo — os indonésios viriam posteriormente a negar a assinatura de qualquer acordo com a Fretilin. Numa aparente manobra de contra-informação, o regime de Suharto põe a circular uma versão segundo a qual mais não se terá dado do que a rendição das forças da guerrilha...*

Isso é inteiramente falso. Eu estava lá e sei que não houve rendição nenhuma. Eu próprio cheguei a falar com o mensageiro da Fretilin que trazia os recados de Xanana e levava para o mato os recadinhos dos indonésios. Ele mesmo me disse:

*"Rendição? Não, não. Estamos dispostos a lutar até à morte, até ao último homem até à última bala."*

*Sobretudo agora que a Fretilin se mostra melhor organizada após a reestruturação de 1981. Pareceria, no mínimo, contraditório...?*

Exactamente. Dizia que eram uns cento e tal, mas em 80 os indonésios mobilizaram mais de 30 batalhões, arrastando velhos, crianças e mulheres timores, naquilo que chamaram operação de "Cercos e Aniquilamento" e mesmo assim não conseguiram dar cabo deles.

O próprio ministro da Defesa indonésio me mandou chamar a Baocao e eu disse-lhe que não havia o direito de arrastarem a pobre população para essa operação. E até crianças. Foi um traumatismo

enorme.

**"Só quem não conhece os indonésios..."**

*Mas como interpretar então essas afirmações e desmentidos por parte dos indonésios?*

Só quem não conhece os indonésios se poderá admirar. Eu conheço-os há muito tempo e sei que são assim: hão-de mentir, mentir, mentir. Há mesmo um ditado que circula em Timor e que diz assim:

*"Quem não mente nem rouba não é indonésio!"*

*Há muita gente que pensa: "como é que a Indonésia, sendo um país poderoso e muito rico, tendo uma população enorme e um exército gigantesco e bem armado, gozando do apoio declarado dos Estados Unidos da América, é levado a assinar um acordo com um movimento de guerrilha que conta com 7 mil homens armados. O que levará esse gigante a negociar com um pigmeu?"*

Não sei se, de facto, o acordo foi assinado. Sei, isso sim, que esse papel que Xanana mostra ao coronel Purwanto são as condições postas pela Fretilin. As fotografias mostram-no, mas não sei se houve assinatura.

Os indonésios, porém, podem ter sido levados a fazê-lo por muitas razões. A primeira das quais reside no facto de os indonésios deverem estar cansados da guerra. Têm baixas e depois há muitos deles que não concordam com a guerra em Timor. E haverá muitos que estarão do lado da Fretilin. Em 1981, em Bazartete, isso foi comprovado. Um batalhão inteiro entregou as armas à Fretilin e veio-se embora. Eu não estava presente, mas sei que foi levantado um tribunal militar em Jacarta que condenou os soldados todos.

*Um batalhão tem 700 homens...*

Sim, sim, terá isso.

Além disso, um pigmeu tem um ideal, e por isso sente o moral muito alto, ao passo que os indonésios vão porque são obrigados a ir.

*A Fretilin afirma que já morreram em Timor 40 mil indonésios, isso sem contar com os feridos e os estropiados. Poderá confirmar a veracidade desse número?*

Não, não tenho qualquer número. E, evidentemente, os indonésios também não o dão. Pretendem a todo o custo que isso não cause alarme entre a tropa. Alguns são enterrados em Dili mas depois de exumados são enviados para Jacarta.

Mesmo no cemitério chegam a trocar os nomes. Em vez de um nome indonésio põem um nome católico...

*Não acha que, a não haver um referendo de auto-determinação ao povo, sob a supervisão da ONU, a guerra irá prosseguir?*

O primeiro passo foi dado e penso que foi positivo. Agora o segundo e o terceiro é um ponto de interrogação. Se chegarem a acordo quanto aos passos que se deverão seguir, muito bem. Senão, estou convencido que a guerra irá continuar, pois a Fretilin não está disposta a transigir.

*Acha que será possível à Indonésia exterminar a Fretilin?*

Possível pode ser, mas será muito difícil. Sabem, quando um povo está determinado — e eles têm já 8



"É muito difícil contar os mortos..."

anos de guerra — é muito difícil.

Eles têm táticas que os europeus certamente não conhecem. Estes oito anos deram-lhes uma experiência tática enorme, o que é reconhecido pelos indonésios. O timorense tem de facto um sexto sentido para a guerra.

*Qual era o moral da população de Dili quando o senhor se veio embora?*

Lá ficaram. Já recebi cartas depois disso — e o Santo Padre também — em que me pediam que eu para lá voltasse. O mesmo disseram ao senhor Núncio.

Eu por mim tinha lá ficado, mas a ordem veio de cima...

*Gostaria de voltar?*

Sim, mas eu obedeco à Santa Sé.

*Pensa que, apesar da sua vinda, a Igreja continuará a desempenhar o papel de testemunho de verdade como até aqui?*

Estou certo que sim, muito embora, talvez, com menos intensidade. Mas penso que sim, pois os padres estão prontos a dar esse testemunho. Com a vida, se for necessário.

*Chegaram a ser assassinados padres?*

Não, felizmente nunca.

*Os indonésios não devem ver com bons olhos a acção desempenhada pela Igreja em Timor?*

É natural. Tem-se medo de ouvir a verdade.

*Não receia que algumas forças de opinião, ou mesmo sectores da Igreja, o possam acusar, a si, de ser um simpatizante da Fretilin?*

Se sou simpatizante da Fretilin é na medida que eles defendem a independência e eu sou timor.

A missão que me pus a mim próprio é tentar sensibilizar as nações europeias e os Estados Unidos da América que se afirmam empenhados em defender os direitos humanos. Se estão empenhados, então que sejam coerentes.

*Falou nisso ao Papa?*

Sim, disse-lhe que o povo timorense está determinado a lutar até ao fim. O mesmo disse a monsenhor Casaroli.

A Igreja está ao corrente do que lá se passa, não pode invocar ignorância.

*Que é feito da gente que era da Apodeti e da UDT? Como evoluíram ao longo destes anos?*

Os que sobreviveram. Os da Apodeti identificaram-se com a Indonésia, uns estão satisfeitos, pois foram-lhes atribuídos cargos importantes; outros estão-o muito menos, pois não lhes foram dados lugares de tanto relevo. Da UDT, se os houver, estão no anonimato, se seguem alguma liderança é a da Fretilin, pois não há outra. □

# GRUFER

Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Fabricante de Máquinas  
para a Construção Civil



- Betoneiras Rotativas Eléctricas e Diesel/Hidráulicas de 350 e 500 litros com e sem Pá de Arrasto
- Betoneiras Basculantes com e sem Guincho de 160, 250 e 280 litros
- Gruas de Torre e Profundidade
- Gruetas de 500 kg e Guinchos Pórticos
- Carros de Mão Basculantes
- Baldes Basculantes c/descarga lateral e pelo fundo de várias capacidades
- Silos para cimento (várias capacidades)
- Monta Cargas vários tipos
- Mesas de Corte e Serras de Fita
- Pressas enfardadeiras

BARREIRA ALVA - 2350 TORRES NOVAS

TELEFONE 22367

## As transnacionais preferem guardar segredo

*Artuando até hoje à margem do controlo dos países em que se instalaram, as transnacionais vêm-se agora às voltas com um projecto no Parlamento Europeu, que tenta corrigir os abusos*

Agustín Castaño

No seio da Comunidade Económica Europeia (CEE) está um projecto que, segundo os observadores, determinará a imposição de controlos e eventuais sanções às empresas transnacionais, abrindo um precedente de singular valor para o Terceiro Mundo.

A origem desta iniciativa encontra-se na "Directriz Vredeling" (apelido do parlamentar holandês que a apresentou há três anos) que se encontra actualmente nos trâmites finais. De facto, os observadores de Bruxelas calculam que em poucos meses o Conselho de Ministros da CEE poderá emitir uma directriz que imporá às empresas transnacionais uma série de obrigações de informação e de consultas aos trabalhadores empregados nas suas filiais do velho continente.

Segundo os parlamentares que defendem a "Directriz Vredeling", o problema não consiste na aprovação desta, mas sim no conteúdo das disposições. A maioria de centro-direita do Parlamento Europeu procura atenuar algumas proposições radicais introduzidas pelos grupos progressistas que dão impulso à directiva. Em todo o caso, tratar-se-ia de controlos até hoje inéditos.

Um precedente desta iniciativa fora impulsionado pelos países do Terceiro Mundo, onde as empresas transnacionais exercem um domínio notório, frequentemente em detrimento das soberanias nacionais. É por isso que no seio das Nações Unidas se discute há anos um projecto de "Código de Conduta" das transnacionais, tendente



Parlamento Europeu: controlar as transnacionais

a corrigir os abusos mais flagrantes.

O único antecedente com êxito é o código de conduta para as transnacionais que operam no ramo dos substitutos do leite materno, aprovado pela Assembleia Mundial de Saúde da ONU.

Mas este, consiste em códigos não-obrigatórios, e por não implicarem pressões, podem, em última instância, não serem acatados pelas grandes empresas. Em compensação, as directrizes da CEE foram concebidas como obrigatórias e passíveis de sanções, provocando o alarme e a mobilização nas empresas.

### Circuito fechado

Nas últimas décadas presenciou-se a uma extraordinária expansão das empresas transnacionais, cujos sistemas integrados verticalmente em numerosas nações, lhes permitem actuar à margem do controlo de cada um desses países. Podem fixar preços, transferir capitais e lucros, investimentos e tecnologia, levando em consideração exclusivamente os seus interesses. Podem, ao mesmo tempo, impôr aos países subdesenvolvidos um tipo de produção contrário aos seus interesses nacionais e têm fomentado padrões de consumo

deformatórios.

Tudo isto foi possível graças a um sistema de comunicações, informações e decisões que se realiza num circuito fechado e secreto, entre matrizes e filiais. É precisamente este segredo que as directrizes em questão se propõem quebrar.

Em síntese, são as seguintes as proposições que o projecto contém no seu estágio actual:

A empresa matriz deverá fornecer (através de cada uma das suas filiais), de seis em seis meses, um quadro exacto das actividades desenvolvidas por essas filiais: da estrutura internacional até à política pessoal, da situação financeira aos programas de produção e investimentos, dos métodos de fabrico até aos projectos de racionalização.

Qualquer medida susceptível de ter repercussões nos interesses dos trabalhadores deverá ser comunicada, 40 dias antes de ser adoptada e eventualmente será submetida a consultas.

No caso das filiais não cumprirem com o seu dever de informar e consultar os sindicatos, que assumiram assim funções inovadoras, tais obrigações são impostas às matrizes.

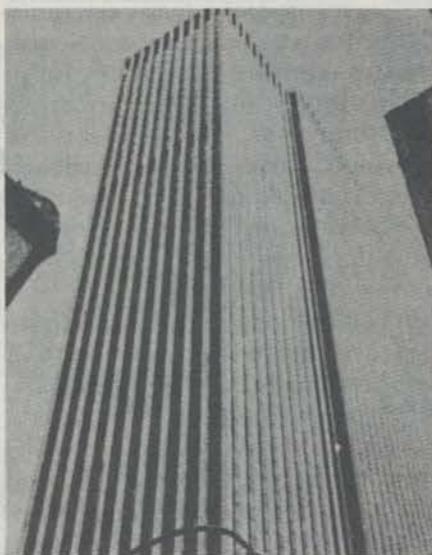
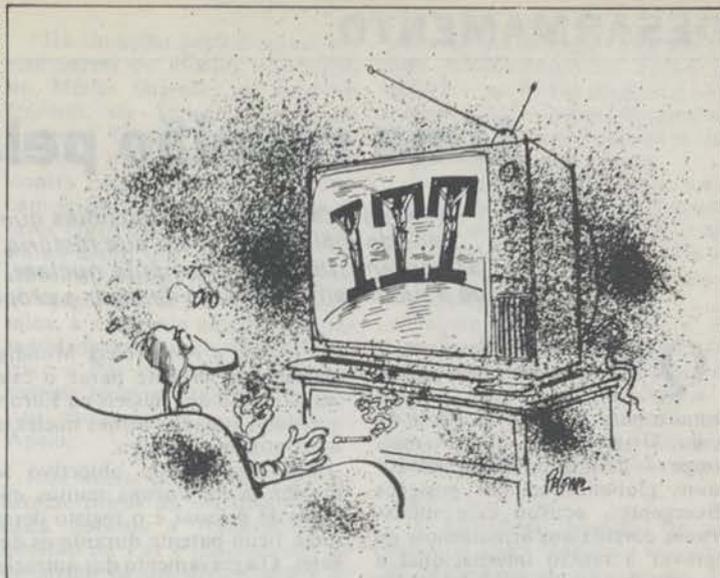
### Alarme e pressões

As transnacionais norte-americanas são as mais alarmadas, o que não quer dizer que as europeias estejam serenas. As empresas dos Estados Unidos, favorecidas pelo "Plano Marshall" de reconstrução, no pós-guerra, realizaram uma verdadeira invasão do velho continente, onde contam com uma considerável massa de capitais (eurodivisas).

Foi precisamente esta expansão acelerada na Europa que multiplicou o campo de actuação das transnacionais (norte-americanas, seguidas das europeias), que sucessivamente se foram estabelecendo virtualmente em todo o mundo, modificando, em seu proveito, o panorama económico do planeta.

As empresas norte-americanas estão a pressionar governos e parlamentares europeus, o Congresso e o governo dos Estados Unidos. Pretendem que o Congresso norte-americano aprove um conjunto

Ilust. Palomo



As transnacionais, como a ITT e a General Motors (ao lado, a sede da GM em Nova Iorque), continuam a actuar sem restrições

de leis que as libertem das obrigações da "Directriz Vredeling". Essas leis não teriam vigência em território europeu, mas poderiam criar complicações jurídicas e provavelmente políticas. Simultaneamente, as transnacionais norte-americanas ameaçam retirar os seus capitais do velho continente.

Mas a ideia de estabelecer algumas formas de controlo tem amadurecido na CEE e é favorecida por uma circunstância: com a mudança da presidência das insti-

tuições comunitárias europeias, entre 1 de Julho e 31 de Dezembro deste ano, para o governo francês, e no semestre seguinte, para o grego, começa um "ano socialista" para a comunidade. Embora a presidência não seja decisiva, influi sobre as decisões do Conselho de Ministros e, naturalmente, os governantes socialistas de Paris e Atenas simpatizam com a ideia de que se comece a controlar as actividades das transnacionais, que até agora eram irrestritas. □

## Uma reunião pela vida

*A humanidade atravessa nos dias que correm o período mais perigoso da sua história: a corrida armamentista, nomeadamente nuclear, e os planos que a justificam ameaçam destruir a própria existência*

**Q**UEM o definiu, foi o maior fórum internacional jamais realizado em todo o mundo para a defesa da Paz e da Vida. Uma reunião que foi mais longe — definiu os objectivos comuns globalizantes das posições divergentes, acusou essa monstruosa corrida aos armamentos de agravar a tensão internacional e responsabilizou-a por delapidar enormes bens da humanidade.

Com efeito, na Assembleia Mundial dos Povos pela Paz e a Vida, contra a Guerra Nuclear, participaram cerca de 3 mil pessoas, de 132 países, gente das mais diversas raças e nacionalidades, diferentes pontos de vista filosóficos, religiosos e políticos. Estiveram ali representadas 1843 organizações nacionais, sindicais, movimentos da Paz, de mulheres, de jovens, de estudantes, partidos políticos e igrejas e 108 organizações internacionais não governamentais. Presentes ainda 11 organizações intergovernamentais.

A questão central da discussão de cinco dias foi a ameaça da instalação dos mísseis norte-americanos na Europa, programada para o fim deste ano, e a denúncia de tais planos como conducentes a um agravamento ainda mais desenfreado da corrida aos armamentos.

O Apelo final afirma concretamente que "os planos de estacionamento que novos mísseis nucleares de primeiro golpe na Europa Ocidental representam um perigo especialmente grave".

A realização de tais planos — assinala o documento final — incrementará drasticamente o perigo de um conflito nuclear. Um tal conflito não se limitará apenas ao continente europeu mas poderia desembocar num holocausto global.

Por isso a Assembleia Mundial considerou urgente parar o estacionamento dos mísseis na Europa e reduzir todas as armas nucleares no continente europeu.

Em torno deste objectivo se movem já na Europa muitos milhões de pessoas e o registo dessa força ficou patente durante os debates. O agravamento das ameaças e o reforço do alargamento dos movimentos e forças que partici-

pam na luta pela Paz deixa, entretanto, antever para os últimos meses deste ano as maiores movimentações de sempre.

A convicção de que o movimento da opinião pública mundial pela Paz constitui uma enorme força e factor determinante da situação internacional, capaz de influir na política dos governos a favor da Paz, resultou evidente nesta Assembleia Mundial.



Reduzir o número de armas nucleares no velho continente, um movimento que alastra por toda a Europa

## "Situações explosivas"

Mas, a discussão profunda de todas as questões que envolviam o tema central da Assembleia — pela Paz e a Vida, contra a Guerra Nuclear — justificou um debate que envolveu assuntos tão concretos como a segurança europeia, a natureza da corrida armamentista, a troca de experiências dos movimentos da Paz, o papel da ONU, os aspectos económicos da corrida armamentista, o desenvolvimento, a cooperação económica internacional, os aspectos sociais, sociológicos e éticos da corrida armamentista, o papel do Movimento dos Não Alinhados na luta pela Paz, o perigo da Guerra e os problemas do Médio Oriente, Ásia, África e América Latina.

Toda a dimensão do agravamento da tensão internacional foi largamente debatida e, no próprio documento-síntese aprovado no final em forma de Apelo aos povos de todo o mundo, se faz uma referência aos diversos pontos de conflito.

"Há situações explosivas em várias partes do mundo, sobretudo no Médio Oriente, na América Central, na África Austral, no Sudeste Asiático e no Extremo Oriente. São cometidas agressões contra Estados soberanos. Provocam-se do exterior conflitos militares entre diversos países, impedindo assim que os povos vejam realizadas as suas justas aspirações à independência política e económica, à soberania nacional e à integridade territorial, e pondo em risco a Paz mundial. Aumenta a rede de bases militares em territórios estrangeiros" — afirma o Apelo.

Esta síntese define bem uma das características da discussão realizada durante a Assembleia: a questão da Paz é indissociada da discussão de questões como a liberdade, a soberania e o progresso dos povos. Ou seja, os debates tiveram como ponto central a discussão de uma questão que se apresenta como exigindo medidas particularmente urgentes (a insta-

lação de novos mísseis na Europa), mas não descuraram o debate de questões que dizem respeito a toda a humanidade e estão intimamente ligadas à corrida belicista e aos objectivos que a justificam.

Dirigentes revolucionários e nacionalistas de países do Terceiro Mundo estiveram ali desde o início, impuseram os seus pontos de vista, defenderam o seu direito à Paz e ao progresso.

Talvez pela importância da questão, o diálogo designado "O perigo da guerra e os problemas do Médio Oriente, Ásia, África e América Latina" foi um dos mais participados (cerca de 1100 delegados participaram nos debates das

cinco sub-seccções).

A Assembleia Mundial foi, em suma, o maior ponto de encontro de representantes da opinião pública internacional para o debate de questões que, embora muitas vezes pareçam diversas, surgem como o grande denominador comum a todos os povos — a Paz e a Vida. □

# BJ

## SOCIEDADE DE APARELHOS DE PRECISÃO BRUNO JANZ (HERDEIROS), SARL

INDÚSTRIA NACIONAL DE CONTADORES PARA ÁGUA E ELECTRICIDADE  
AV. INFANTE D. HENRIQUE, LOTE A - (CABO RUIVO) - 1900 LISBOA - PORTUGAL  
TEL.: 854335 (9 linhas) - TELEG.: ELCO - TELEX: 18506 JANZ P

FUNDADA EM 1915  
FONDÉE EN 1915  
FOUNDED IN 1915

- CONTADORES DE ÁGUA VOLUMÉTRICOS E DE TURBINA
- VOLUMETRIC AND TURBINE WATER-METERS
- COMPTEURS À EAU VOLUMÉTRIQUES ET À TURBINE

- CONTADORES ELÉCTRICOS MONOFÁSICOS E TRIFÁSICOS
- ELECTRICAL SINGLE-PHASE AND THREE-PHASE METERS
- COMPTEURS ÉLECTRIQUES MONOPHÁSÉS ET TRIPHÁSÉS



### Jornalismo: profissão perigosa na América Latina

Cinquenta e cinco jornalistas foram assassinados na América do Sul e outros 95 desapareceram entre 1976 e 1981, tornando-se esta profissão uma das mais perigosas do mundo, informou recentemente a Federação Latino-Americana de Jornalistas (FELAP). Segundo este organismo, o número, possivelmente, aumentará quando se obtiverem as cifras correspondentes aos últimos dois anos.

Baseado em relatórios da Amnistia Internacional, o estudo da FELAP assinala que em 25 países da América Latina foram presos 104 correspondentes estrangeiros em 1977, enquanto 24 morreram de forma violenta no exercício da sua profissão. Outros 57 jornalistas foram submetidos a torturas neste mesmo ano, acrescenta a investigação.

Fontes do Instituto Internacional da Imprensa, citadas pela FELAP, sustentam que nos 15 meses compreendidos entre 1976 e 1978, novamente 24 jornalistas foram assassinados em vários países do mundo, não especificados.

A FELAP — que reúne a maioria das organizações jornalísticas da América Latina e Caraíbas — informou que está a preparar um projecto de "Código de Protecção aos Jornalistas", que será apresentado brevemente à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

### Comunicação Social: em discussão o uso de novas tecnologias

A introdução de computadores e novos sistemas de comunicação, particularmente em nações do Terceiro Mundo, deve ser feita mediante o planeamento social e económico, mais do que sob a pressão de forças de mercado que actualmente dominam as tecnologias. Esta é a tese defendida por Sean MacBride — ex-presidente da Comissão para o Estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, de Problemas da Comunicação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) — durante uma reunião de pesquisadores internacionais de comunicação social, realizada recentemente em Ottawa, Canadá.

A convergência de tecnologias de computação e comunicação imporá "uma transformação fundamental na sociedade", mas "as nações em desenvolvimento, especialmente, devem tratar de adaptar a nova tecnologia às suas respectivas necessidades e situações", indicou MacBride no seu discurso.

A acelerada disposição de instruir novas técnicas de comunicação deve ser controlada e vinculada a uma análise objectiva da "caótica desordem que parece dominar o 'progresso' da nossa civilização actual", salientou MacBride.

Participaram na reunião de Ottawa cientistas e encarregados da elaboração de políticos do Canadá, Estados Unidos e vários países africanos e asiáticos.

O encontro, patrocinado pelo Instituto para o Desenvolvimento e a Cooperação Internacionais desta universidade, tinha como objectivo deliberar sobre tecnologia de comunicações e desenvolvimento internacional.

### Acordo ANOP-Sociedade de Língua Portuguesa

A ANOP (Agência Noticiosa Portuguesa) estabeleceu com a Sociedade de Língua Portuguesa (SLP) um acordo de cooperação relativo a linguagem e estilo da agência.

A exemplo da prática de outras agências com respectivos órgãos nacionais especializados, a ANOP passará a dispor de pareceres e sugestões da SLP sobre a grafia correcta de topónimos e pronomes estrangeiros de discutida transposição para português.

A mesma assistência incidirá sobre a tradução correcta de vocábulos estrangeiros utilizados correntemente em notícias sobre actividades políticas, económicas e militares. Outro objectivo visado é a cooperação de palavras utilizadas fora do significado próprio, estrangeirismo e mais expressões correntes nos órgãos de Comunicação Social, já que a ANOP é destes o principal fornecedor de serviços noticiosos.

Na celebração do acordo, a SLP considerou o facto de a ANOP transmitir diariamente cerca de 90 mil palavras para os referidos órgãos e para os países de expressão oficial portuguesa e agências estrangeiras, além de serviços oficiais e empresas públicas e privadas de Portugal.

### PANA: um sonho tornado real

O presidente da Organização da Unidade Africana (OUA), Daniel Arap Moi, em mensagem enviada ao director da Agência de Notícias Panafricana (PANA) afirma que a recente inauguração dessa agência é um "sonho que se tornou realidade".

A PANA é um *pool* de agências nacionais de imprensa dos Estados africanos e visa fornecer informações objectivas sobre a realidade do continente.

Diversos organismos contribuíram para que o projecto fosse levado adiante: a Unesco — 600 milhões de dólares — ajudou também na obtenção de equipamentos e na formação de jornalistas; o Fundo Árabe para as Nações Unidas (AGFUN) comprometeu-se a contribuir com dois milhões de dólares e o governo da Alemanha Federal já investiu 2,5 milhões de dólares.

A agência deverá divulgar uma selecção diária de notícias a partir da sua sede (Dacar) e das suas cinco delegações regionais (Cartum, Kinshasa, Lagos, Lusaca e, posteriormente, Trípoli).

O material será distribuído — em francês, inglês e árabe — através de uma estrutura de comunicações comum aos estados membros da OUA, dando-se preferência à informação sobre o contexto africano.

## Inter Press Service: mais informação sobre o Terceiro Mundo

A agência *Inter Press Service* (IPS) assinou em Nova Iorque, nos princípios de Junho, um acordo com o Grupo dos 77 (G-77) para difundir informações deste grupo representante do Terceiro Mundo a quatro centros das Nações Unidas: Viena, Segundo Paris, Roma e Genebra segundo o acordo, a IPS transmitirá, através dos seus sistemas de comunicações, o boletim do G-77, emitido mensalmente. Um porta-voz do G-77 afirmou que o grupo manifestou satisfação pelo acordo. "Isto ajuda a coordenação do cumprimento do programa de acção sobre cooperação económica entre os países em desenvolvimento aprovado em Caracas", acrescentou o porta-voz.

## Quênia: governo compra editora

O governo do Quênia assumiu, recentemente, o controlo da editora *Stallscope*, empresa proprietária do jornal *Nairobi Times* e da editora *Press Trust Printing House*. O jornal, que começou a circular há seis meses, tornar-se-á o órgão oficial do partido governamental, União Nacional Africana do Quênia (KANU), e passará a chamar-se *Kenya Times*. Além dele, assim que o governo assuma completamente o controlo da empresa, será editado um periódico em *swahili* (língua nacional), que se denominará *Kenya Leo* ("Quênia Hoje"), segundo informações oficiais.

O fundador de *Stallscope* e editor-chefe do *Nairobi Times*, Hilaru Ny'Weno, informou que as negociações começaram há pouco mais de um mês, e mencionou "limitações financeiras" como uma das principais razões que impediram a manutenção da viabilidade do jornal.

## Chile: reabertura da revista Apsi

Com uma matéria dedicada à Nicarágua, começou a circular novamente a revista independente *Apsi*, cuja publicação havia sido suspensa pelo Ministério do Interior chileno em Setembro do ano passado.

De início, a revista tinha como objectivo a divulgação de temas internacionais, tendo ampliado a sua cobertura a temas nacionais, o que provocou o seu encerramento.

Os editores da revista assinalaram, que "para nós representa uma grave limitação não poder divulgar informações e opiniões sobre os acontecimentos nacionais, mas assumiremos transitoriamente este obstáculo porque cumprimos um papel necessário (...)".

O director, Marcelo Contreras, manifestou que continuarão a lutar para que seja levantada a interdição e que já apresentou um requerimento "para recuperar a nossa secção nacional".

# SOGUIPAL

(ex-ACTIMESA)

Sociedade Comercial  
Luso-Guineense, SARL

**IMPORTAÇÃO:**  
Amendoim, coconote, cera,  
couros, borracha, bagaço, etc.

**EXPORTAÇÃO:**  
Produtos alimentares, têxteis,  
materiais de construção e bens de  
equipamento

**ASSISTÊNCIA TÉCNICA:**  
Áreas administrativa e financeira

**ÁREA GEOGRÁFICA DE  
ACTUAÇÃO:**  
Larga experiência dos mercados  
africanos e europeus

## SOGUIPAL

LISBOA — Tel. 54 83 16/54 83 47/54 82 69  
TELEX 14238 ACTIME/P  
R. Tomás Ribeiro, 50-4.º  
1000 LISBOA/PORTUGAL

ARMAZEM — R. Vale de Formoso de Cima,  
125-B e C Tel. 38 62 85

## A língua portuguesa em que estamos

# Um congresso discutível

Em princípio, todos os intervenientes no Congresso estão de acordo em respeitar a liberdade e diversidade de expressões da língua portuguesa no seu contacto com outras línguas e povos de países que foram colónias de Portugal. Mas até que ponto na proclamação destas intenções não subjazem inconscientemente motivações linguísticas de protecção ou mesmo de neo-colonialismo cultural?

Orlando Loureiro



Foto ANOP

Sessão inaugural do Congresso da Língua Portuguesa

**R**ealizou-se, recentemente, em Lisboa, mais concretamente, entre 28 de junho e 3 de Julho, um Congresso Internacional subordinado ao tema: "A situação actual da língua portuguesa no mundo". Patrocinado pela Unesco e pelas autoridades governamentais portuguesas, o Congresso, que teve como impulsionadores, basicamente, professores universitários foi, do ponto de vista de presenças e intervenções, um êxito: 850 congressistas, representantes de vários pontos do globo onde se fala a língua portuguesa. Pretendia-se, como se depreende dos objectivos, questionar o Português falado por 150 milhões de seres através de:

1. Levantamento das comunidades de língua portuguesa no mundo e análise dos seus problemas linguísticos e socioculturais;
2. Estudo das formas de preservação e alargamento da presença da língua e da cultura portuguesa no mundo;
3. Desenvolvimento dos modos de cooperação e intercâmbio científico, cultural e pedagógico entre todos os que se dedicam ao estudo, ensino e investigação da língua portuguesa;
4. Exame dos problemas de ordem científica e didáctica que se levantam ao ensino do Português.

como primeira língua nas comunidades de emigrantes ou como segunda língua nos países de expressão oficial portuguesa e outras comunidades ou, ainda, como língua estrangeira (leitorados portugueses, departamentos universitários, etc);

5. Estudo e valorização da língua portuguesa, como instrumento de criação literária nas modalidades da sua dinâmica actual.

Não foi pacífico o Congresso talvez porque algumas das ideias avançadas e problematizadas enfermavam de conceitos extremamente discutíveis, mesmo polémicos.

Neste artigo, obrigatoriamente curto, sem me ater a qualquer descrição cronológica ou ideológica do que se passou no Congresso procurarei apenas levantar e salientar certas teses focadas, para lhes opor eventuais dúvidas ou as quererlar.

### Língua e nacionalidade

Antes do mais entremos numa brevíssima reflexão sobre o que é a língua. Uma definição dicionarística é bastante para começo: "conjunto de palavras através do qual se expressam os pensamentos e sentimentos". E a palavra? "Som ou conjunto de sons com um sen-

tido, frequentemente expressos por uma escrita". E o objectivo das palavras? Simbolizar um significado.

Verifica-se, assim, que as palavras se apreendem e compreendem como símbolos significantes. Elas existem, portanto, para substituir qualquer coisa, para atingir uma finalidade, para procurar algo. Mas que substituem elas? Que procuram? Que apontam? Em última análise e de forma simples, elas substituem, procuram, significam-a realidade.

Como símbolos provêm de um acordo. Ou seja: um símbolo é sempre um acordo entre um grupo de homens, melhor, o resultado desse acordo. Inicialmente, o acordo pode ser entre um número restrito de indivíduos, pode ser espontâneo, pode ser deliberado e pode, posteriormente ir-se alargando até englobar, na prática, toda a humanidade. Exemplificando: a cruz é símbolo dos cristãos, a cor vermelha aviso de perigo, os sinais de trânsito regras universais de condução, etc. As palavras símbolos, isto é, tendo significado, reúnem-se conforme uma convenção entre um determinado grupo de pessoas. Formam, depois de erariem entre si normas de aglutinação inteligíveis, a língua. Esta torna-se, então, um sistema completo, um dado cosmos. Que, nem por o ser, se pode considerar um conjunto fechado. Pelo contrário, todas as línguas são sistemas abertos que se entrecruzam, se misturam, se inter-incorporam quando as intromissões são digeridas pela língua assimiladora (em caso contrário, ela rejeita-as).

A ligação entre língua e nacionalidade parece agora facilmente deduzível. Deste modo, se um agregado humano firma a língua que forjou, como um dos seus códigos de comunicação, a língua passa a ser, inevitavelmente, um factor de unidade grupal.

Como escreveu Fernando Pessoa: "A base da pátria é o idioma, porque o idioma é o pensamento em acção e o homem é um animal pensante, e a acção a essência da vida (...). O idioma por isso mesmo que é uma tradição verdadeiramente viva, concentra em si, indistinta e naturalmente, um conjunto de tradições, de maneiras de ser e de pensar, uma história e uma lembrança, um passado morto que só nele pode viver".

Ficamos, assim, perante os verdadeiros problemas: é o Português a língua forjada pelo povo português no seu *habitat* europeu e nas paragens por onde circulou e viveu; mas será o Português a autêntica língua dos grupos humanos existentes nos territórios aonde o homem português chegou e viveu?

#### Um acto colonizador

Suponho que enfrentamos um caso claro de colonização. Ao impor a língua portuguesa em África, na Ásia ou na América, o colonizador português (como o inglês, como o espanhol) realizou um acto de colonização, um acto de dominação, isto é, submeteu as línguas autóctones a um poder. Objectar-se-á com o facto dessas línguas serem, então, menos plenas como sistemas completos, como cosmos, do que a portuguesa — afirmação polémica que não destrói o sentido colonizador, impeditivo da evolução e do acesso das línguas indígenas a esses sistemas completos.



Foto ANOP

Terá o Congresso atingido os fins que se propunha, como declarou o seu presidente, professor Lindley Cintra? Na foto Lindley Cintra, o presidente da República portuguesa, Ramalho Eanes, o ministro da Educação, José Augusto Seabra e Tito de Morais, presidente da Assembleia da República

Enquanto durou a colonização nada havia a fazer por parte dos naturais. Resta saber se tantos séculos de domínio permitirão ainda aquilo que parece lógico, ou seja, o aparecimento, em cada uma das ex-colónias portuguesas, de uma língua *sua* que, naturalmente, beberá nos idiomas nativos sobreviventes e no português (como este no latim ou no árabe) a argamassa solidificante que a tornará um cosmos nacional.

O caso do Brasil não será significativo. Na verdade, a orla marítima que os portugueses ocuparam não era densamente povoada. Digamos, portanto, que o português do Brasil é, talvez, outro fenómeno de que adiante se falará.

Por isso, certa tendência generalizada de todo o Congresso para preservar e alargar a presença da língua portuguesa no mundo se me afigura, não apenas errada, mas ainda subjacentemente eivada de pendores neo-colonialistas. Nitidos, embora talvez inconscientes, nas palavras de Mário Soares no encerramento do Congresso quando afirmou que "parte do mundo perderia a palavra se a língua portuguesa se calasse" ou "temos de corresponder ao dinamismo antigo e moderno da língua portuguesa, de consolidá-lo onde ele existe. De enraizá-lo onde alastra". Ou mesmo nas palavras de Jacinto do Prado Coelho: "a partir deste Congresso se projectem reuniões periódicas, se lancem pontes para múltiplas formas de colaboração, se criem estruturas permanentes, organismos nacionais e internacionais".

#### A cada um seu português

Reconheçamos, pois, que, quando falamos de língua portuguesa, estamos a encarar três diferentes realidades com a sua própria problemática:

- O Português que se fala em Portugal e nas colónias de emigrantes;
- O Português que se fala no Brasil;
- O Português nas ex-colónias africanas.

## A língua portuguesa como factor de unidade

**D**URANTE alguns dias, congressistas vindos de várias partes do Mundo discutiram, em Lisboa, a situação actual da Língua Portuguesa.

Intervenções discutíveis umas, outras de grande qualidade cultural e de certa visão crítica, preencheram os tempos do Congresso inaugurado pelo presidente Ramalho Eanes e cujo encerramento foi presidido pelo primeiro-ministro Mário Soares, estando presentes, também, os ministros da Educação e da Cultura do actual governo português.

Focados problemas de natureza linguística e, sobretudo, questões relativas à permanência e irradiação da Língua Portuguesa no Mundo, se outro mérito não tivesse tido, o Congresso serviu para demonstrar que, um pouco por toda a parte onde o Português é falado, alguma coisa se intenta fazer no sentido da sua não adulteração, por um lado e, por outro, no sentido do respeito pela sua própria diversidade.

Havia, de resto, de ser um francês, o professor Paul Teyssier, da Sorbonne-Paris quem colocaria a problemática na sua tónica fundamental: o Português tem sido uma língua simultaneamente una e diversificada, conseguindo criar, até agora, um notável equilíbrio entre essas características, aparentemente antagónicas. No momento actual será a manutenção desse equilíbrio a verdadeira e urgente questão. Paul Teyssier defendeu que, em Portugal e nos restantes países lusófonos, se torna instante uma forte vontade política para preservar a unidade da língua acentuando, referindo-se ao caso do Português falado no Brasil: "é fundamental a unidade Portugal-Brasil para não se atingir um limite para além do qual se torne impossível a intercomunicação. Actualmente, há uma tendência para o afastamento por parte da norma brasileira".

Também o professor Celso Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, abordaria a questão. "Conservemos — disse — as nossas particularidades, as nossas diversidades, mas que sejam discretas e nítidas, discretas para não impedirem a circulação do idioma, nítidas para que se faça ouvir a voz de cada pátria".

José Augusto Seabra, o actual ministro da Educação de Portugal, na sessão de encerramento havia de, por certa maneira, vir ao encontro de todas estas preocupações quando afirmou: "o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa será a chave-mestra da nova política linguística e cultural, na sua projecção interna e externa, em cola-

oração com o Ministério da Cultura e com o Ministério dos Negócios Estrangeiros". E, mais adiante, clarificaria a função desse Instituto ao afirmar que é a ele que compete "a política patriótica de defesa e irradiação da língua que é a nossa". Porque "a língua é um património ao mesmo tempo nacional e universal, que o Estado Português deve, antes do mais, salvaguardar, em cooperação com os demais Estados que a adoptem como língua oficial (...). Impõe-se fazer um levantamento exaustivo de todas as manifestações linguísticas e literárias do Português, devendo Portugal continuar a lutar, ao lado dos outros países de expressão portuguesa, pela adopção efectiva do Português como língua de instância internacional, ao lado das línguas de maior circulação". Diria ainda o ministro Seabra que Portugal "deve respeitar a liberdade e diversidade de expressões em que se traduz o uso e a criação da Língua Portuguesa, no seu contacto com as outras línguas, enriquecendo-se sem se degradar" para o que deve ser feito "um esforço prioritário ao ensino e à difusão, oral e escrita do Português, pelo livro, pela Imprensa e pelos demais meios de comunicação próprios da nossa era planetária".

"O Congresso atingiu os fins que se propunha", na expressão do seu Presidente, o Professor Lindley Cintra, tendo, sobretudo, alcançado o objectivo exposto na sessão inaugural pelo Professor Jacinto do Prado Coelho: "chamar a atenção dos homens responsáveis pela *res publica* para a importância das virtualidades e problemas da língua portuguesa e torná-los conscientes dos esforços que urge empreender a fim de tirar partido dessas virtualidades e de resolver esses problemas".

Presente no Congresso, entre outros, esteve Pepetela, o conhecido escritor angolano, autor de *Mayombe*, agora em fase de preparação para a sua passagem a cinema. Pepetela declararia um seminário lisboeta, acerca da problemática focada no Congresso: "É importante procurar defender a língua portuguesa, património de muitos povos, mas sem exclusivismos, dado ele ser um património universal e não local, com certas variantes e diferenças mas dentro de uma unidade (...). Por muito árdua que tenha sido a luta pela aceitação do país como independente, a língua é, também, um factor importante de ligação, para a consolidação da consciência nacional de unidade com as suas diferenças. E nesse aspecto eu creio que a literatura tem uma acção importante para a unidade de uma nação e para o desenvolvimento do país". (O.L.).

Quanto à primeira situação produziram-se no Congresso afirmações de todo em todo pertinentes e justas. "Estão a assassinar o português", título de um livro de depoimentos universitários publicado quase simultaneamente pela Imprensa Nacional, resumiu claramente o problema. Na realidade, fala-se e escreve-se cada vez pior o Português (o de Portugal), mercê dos esquemas de ensino utilizados nos estabelecimentos escolares, mercê da notória impreparação dos professores da língua, mercê da fraca qualidade do jornalismo português, escrito ou falado, mercê, talvez, da preponderância dos meios de comunicação audio-visuais sobre a leitura, etc. São factos a que urge pôr termo se quisermos redar à língua de Camões a força, a pujança, a riqueza que ela continua a possuir e que poderá ser a fonte máxíma das novas línguas. Como, com certa ironia mas percucientemente, escreveu João Gaspar Simões, é preciso restituir ao povo o seu papel de criador da língua, retirando-o imediatamente aos órgãos de comunicação social que, indevida e desastrosamente, a ele se estão a substituir.

No que respeita ao Português do Brasil, ao qual o professor Lindley Cintra, da Comissão organizadora do Congresso e presidente da Comissão executiva considera estar confiado o futuro da língua portuguesa, parece-me importante deixar que ele evolua como sistema aberto que é, que se transforme e enriqueça, que se independente do europeu, que se liberte de Acordos mais ou menos jugadores, em suma, que se mude, se for caso disso, noutra língua. Restará à língua portuguesa a honra de lhe ter sido mãe e de, simultaneamente, dele recolher o que possa digerir. Porque, estou em crer, o Português do Brasil será sempre *um* Português (não se esqueça Guimarães Rosa).

Quanto aos novos países de expressão portuguesa (por enquanto) a mesma dose de liberdade lhe tem de ser dada, sem protecționismos preservadores, sem imposições regulamentares, sem dogmas vernaculares. Mas o mais provável é que, um dia, se forje nesses países uma língua *nova*, propiciadora de uma unidade nacional autêntica.

Sobretudo, recordemo-nos de uma coisa: aos universitários cabe defender o que é seu, não lhes cabe intrometer-se no que lhes está fora da alçada. Provavelmente, nem talvez lhes coubesse tomar como feudo a questão da língua portuguesa. Pelo menos um grande escritor português, José Cardoso Pires, após o Congresso e quando era perguntado por um jornal sobre que leituras aconselharia para as férias, respondeu com este delicioso texto:

"Estemos na comemoração da língua portuguesa, quer dizer, estemos munto perpelexos dela. Parece que nos festejos que já se deram se falou da nossa má língua de hoje e da outra que era doce no antanho, mas poribiram de estar presente nas ditadas seções tudo quanto fosse poeta português ou contador de estórias a fingir, por descunfiança.

Por tal motivo é justo que aproveitemos as vacan-sas, digo, as férias para nos aprefeçoarmos na segunda língua portuguesa que é a dos escritores, lendo". □

Prémio  
CARAVELA  
PORTUGUESA  
1980



COMETNA

EM ÁFRICA



#### Equipamentos para:

- caminhos de ferro
- cimenteiras
- cerâmicas (barro vermelho)
- siderurgias
- centrais hidráulicas e térmicas
- construção civil
- saneamento básico  
(carros e contentores)

#### Válvulas industriais

#### Estudos e Tecnologia

### METALOMECÂNICA E METALURGIA



COMETNA  
Companhia Metalúrgica Nacional, S.A.

Sede: R. Academia das Ciências, 5 • 1200 Lisboa  
• Te.: 320011 • Telex 12819 COMEN P

Delegação na R.P. de Moçambique:  
Av. Samora Machel, 39 - Flat 603-6.º C.P. 1402  
telefone 29461 Maputo

**SABEMOS CONJUGAR  
TRÊS VERBOS MUITO IMPORTANTES:**

**ESTAMOS PRESENTES NA  
FACIM 83**

**projectar  
construir  
exportar**



A nossa comprovada, e cada vez maior, capacidade industrial,  
permite-nos que continuemos a ser

**o primeiro fabricante nacional de autocarros**

**Salvador Caetano**

**Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**

Deve-se a Manuel Ferreira a iniciativa de organizar, dirigir e orientar uma colecção que reúne não só obras fundamentais do ponto de vista literário, como ainda constituem marcos decisivos no nascimento e na formação das literaturas africanas de expressão portuguesa.

Manuel Ferreira, dirigindo na Faculdade de Letras de Lisboa, o Curso de Mestrado e a cadeira de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e estudioso, desde longa data, desta matéria, é bem conhecedor dos problemas que enfrenta todo aquele que se interesse e deseje aprofundar os meandros de tais literaturas, dada a inacessibilidade a documentos, dispersos por muitas mãos e pela raridade das obras, de textos e de revistas nas bibliotecas públicas, esgotados ou em mau estado. Dai que se tenha empenhado na organização de uma colecção que reunirá cerca de três dezenas de obras com o objectivo, segundo as suas próprias palavras, de "arrancar ao esquecimento ou à circulação interrompida determinado objecto literário ou ensaístico que marcou um momento singular para a compreensão do nascimento das literaturas africanas".

Meritório, sem dúvida, este trabalho a avaliar pelo cuidado prestado aos dois primeiros volumes recentemente publicado pelas Edições África, com prefácios, notas, antelóquios que constituem, por si só, estudos criteriosos e elucidativos da época e da história literária e política onde se inserem as obras em reprodução fac-similada que aí constam. Cuidado que se revela ainda na qualidade e bom gosto do arranjo gráfico e da execução das capas.

**CORAÇÃO EM ÁFRICA**  
FRANCISCO JOSÉ TENREIRO



A abrir a colecção, o primeiro nome lembrado é Francisco José Tenreiro que, em 1942, publicava na colecção Novo Cancioneiro "A Ilha de Nome Santo". Em 1967, saía postumamente a sua segunda obra poética "Coração Em África", com poemas da década de cinquenta e primeiros anos de sessenta. Estas duas obras aparecem aqui compiladas no mesmo volume com um antelóquio de Manuel Ferreira, apresentando a colecção



e anunciando o plano das futuras publicações. Segue-se um prefácio de Fernando J. B. Martinho que, num encontro íntimo e inteligente com a poesia de Tenreiro, descobre a palavra e o gesto do homem situado no Mundo, cantando o negro em contraponto com "a grande sinfonia humana", parafraseando a expressão do poeta. Simultaneamente, traça o percurso do poeta desde os seus primeiros poemas de 1942 em "A Ilha de Nome Santo" até ao último poema incluído em "Coração Em África" que data de 1963, pouca antes da sua morte. Percurso trilhado sob a formação de uma cultura europeia, mas profundamente sensibilizado pelas vozes afro-americanas que se erguiam e ecoavam, impondo a sua cor como bandeira. Francisco José Tenreiro é, assim, o primeiro poeta africano de expressão portuguesa a cantar a negritude, solidarizando-se com os negros de todo o mundo.

Fernando Martinho, especialista nesta área, sintetiza numa análise notável a panorâmica da negritude dos anos cinquenta e as influências afro-americanas, primeiro, e da África francófona depois, exercidas na poesia de Tenreiro.

Com o mesmo espírito, em 1953, F. J. Tenreiro juntamente com Mário Pinto de Andrade, publicavam o caderno da Poesia Negra de Expressão Portuguesa, com uma introdução de Mário Pinto de Andrade e nota final de F. J. Tenreiro, reproduzido agora no 2.º volume desta colecção. Antologia que, segundo as palavras de Manuel Ferreira, no prefácio com que abre este volume, "corresponde a um momento específico da consciencialização africana". Deste modo, a antologia é dedicada ao



cubano Nicolás Guillén, "a voz mais alta da negritude de expressão hispano-americana". Nove poetas são incluídos nesta colectânea. A principiar, como homenagem, Nicolás Guillén, seguido de Alda Espírito Santo, Agostinho Neto, António Jacinto, Francisco José Tenreiro, Noémia de Sousa e Viriato da Cruz, representando Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe.

Manuel Ferreira no prefácio que intitula "Metamorfose e Premonição" dá-nos a evolução do pensamento político do período que antecede e sucede a publicação deste caderno (de 1947-1955) no âmbito do qual se desenvolveu toda a actividade literária e cultural africana de homens que, oriundos das nossas ex-colónias vieram para Portugal estudar e se tornaram figuras-chave da revolução e da formação cultural e política dos novos países africanos de expressão portuguesa. Nomes como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Vasco Cabral, Marcelino dos Santos que foram decisivos para o futuro das nações.

Manuel Ferreira descreve a metamorfose que se ia processando ao longo dos anos cinquenta e sessenta na Metrópole e na África então portuguesa, à medida que uma nova consciência despontava, mercê da formação cultural e política de muitos intelectuais que elevavam a sua voz aqui e acolá e de todos os movimentos de negritude e, mais tarde de libertação e de independência dos povos da África negra e branca. Consciência que se vai tornando, como diz o prefaciador, numa esperança, numa premonição de mudança.

Pelas razões apontadas e pelo interesse e importância de que se reveste esta colecção esperemos, com efeito, que ela tenha continuidade e que revistas como Mensagem (de Angola) e Mensagem (de Lisboa, Casa dos Estudantes do Império), Claridade e Certeza (de Cabo-Verde), textos do Almanach de Lembranças saiam a público, conforme o prometido. Bom seria

também que as obras de Jorge Barbosa, António Aurélio Gonçalves e de outros autores de grande relevo dos anos 40-60 fossem também contemplados para que não caíssem definitivamente no esquecimento, uma vez que as bibliotecas públicas apenas conservam, salvo raríssimas excepções, de todas as suas obras um ou outro exemplar.

Elsa Rodrigues dos Santos

#### "CORACÃO EM ÁFRICA"

*Autor:* Francisco José Tenreiro  
*Prefácio:* Fernando J. B. Martinho  
*Editor:* África  
*Colecção:* Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I, Lisboa, 1983

#### "POESIA NEGRA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA"

*Autores:* Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade  
*Prefácio:* Manuel Ferreira  
*Editor:* África  
*Colecção:* Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa II, Lisboa, 1983

### Um depoimento pessoal

"Tive a oportunidade de visitar o Afeganistão e a Polónia. Neste livro, conto o que vi e ouvi nesses países. Do relato faz parte também o meu depoimento pessoal. Um jornalista consciente que não pode ser neutro. Em qualquer parte do mundo nunca fui, como repórter, espectador distanciado das revoluções e contra-revoluções. A descoberta da vida em termos muito diferentes e o desejo de captar o significado da vida escondida reforçaram em mim a certeza de que a procura da verdade e o respeito por ela são, para o jornalista, compatíveis com a defesa do combate dos povos pela liberdade e pela transformação revolucionária da sociedade".

Estas palavras fazem parte da nota prévia com que Miguel Urbano Rodrigues abre o seu livro intitulado "Polónia e Afeganistão



— o cerco imperialista e a contra-informação".

Trata-se, como o conhecido jornalista, director de "o diário", sugere nessas palavras, de uma obra respeitante a uma visão no local dos problemas que afectam os dois países hoje no centro da discussão e polémica entre o mundo capitalista e o mundo socialista. Miguel Urbano esteve lá, auscultou, ouviu, analisou e reflectiu sobre a melindrosa situação de ambos os países normalmente mal interpretada no lado ocidental, uma vez por má fé dos que a interpretam, outras por deficiente informação, quando não, eventualmente, por uma informação inquinada de vícios e preconceitos. Da seriedade da análise de Miguel Urbano Rodrigues não é justo duvidar-se, até porque o livro carrega bastantes elementos novos para um melhor entendimento das verdadeiras forças que se digladiam na Polónia e no Afeganistão. Mas, como ele próprio deixa entender, a verdade nunca é uma e única e a sua visão pessoal, não neutra, como, de resto, é normal que seja (a neutralidade é um mito) poderá ser criticada de outros pontos de vista, não diremos antagónicas, mas com outras perspectivas igualmente sérias. Se o livro contribuir para esse debate e para um correcto esclarecimento entre nós dos problemas polacos e afegãos ele, terá como livro de um jorna-

lista, cumprido integralmente a sua finalidade. Porque será sempre no debate honesto, sério e culto de todos os problemas que se poderão encontrar os caminhos de elucidação das grandes massas, sujeitas a massacres informativos, quase sempre enganadores ou deliberadamente manipuladores.

**"POLÔNIA E AFGANISTÃO**  
— o cerco imperialista e a contra-informação"

Autor: Miguel Urbano Rodrigues  
Editor: Editorial Caminho  
Coleção: "Nosso mundo"  
Lisboa, 1983

O.L.

## Um livro fundamental

Data já de 1980 esta recolha de artigos e ensaios de Alfredo Margarido intitulada genericamente "Estudos sobre Literaturas das nações africanas de língua portuguesa".

Desde há cerca de trinta anos que Alfredo Margarido é conhecido como um dos principais (sobretudo com Manuel Ferreira) escritores portugueses que mais atenção dedicaram às literaturas africanas de uma perspectiva completamente oposta à dos ensaístas e articulistas ligados ao re-

gime ditatorial que produziam textos sobre os autores africanos de uma perspectiva europeia, colonialista, proteccionista. Alfredo Margarido, para além da sua autoridade como especialista, sempre observou e estudou essas literaturas do ponto de vista da sua autonomia das realidades europeias e liberto de quaisquer pruridos paternalistas. Por isso, eram os seus textos (os que conseguiam passar as malhas da censura) um dos elementos que, para o público português e para os intelectuais africanos, melhor e mais correctamente traziam a informação e a reflexão sobre essas literaturas sistematicamente sufocadas pelo regime. De certo modo, esta recolha dos seus estudos, que chega até à actualidade, constitui quase um esboço de uma história das literaturas africanas de expressão portuguesa ou, como o autor sugere, literaturas de expressão africana em língua portuguesa. Não será exagerado dizer que estes "Estudos" de Alfredo Margarido constituem um dos elementos bibliográficos mais importantes e exaustivos para a compreensão da realidade cultural africana de novos países saídos do 25 de Abril e é por isso, um livro fundamental para todos os que, futuramente, vierem a ocupar-se do tema. Até porque, para além de estudo literário, a obra de A. Margarido é, igualmente, um repositório de dados históricos imprescindíveis para o

entendimento dos autores focados e da realidade negra desses tempos colonialistas.

**"ESTUDOS SOBRE LITERATURAS DAS NAÇÕES AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA"**

Autor: Alfredo Margarido  
Editor: a Regra do Jogo  
Lisboa, 1980

O.L.

## AREOSA PENA

**N.R.:** Uma destas acontece a qualquer um! Então não é que no último número, ao escrever alguns comentários ao livro "O cronista" de Areosa Pena apareceu sempre no texto como sendo seu autor Areosa Feio!! Claro que Areosa Feio nos telefonou manifestando a sua surpresa. Com toda a razão. Felizmente, a reprodução da capa do livro permitia ver que o seu autor era, de facto, Areosa Pena. Mas uma gralha, desta feita dactilográfica, está sempre à espreita para cair no melhor pano. E caiu, infelizmente. Do facto devo apresentar as minhas desculpas a Areosa Feio, do Porto e aos amigos e companheiros de Areosa Pena, também do Porto mas tendo vivido e falecido em Moçambique depois de uma vida inteira dedicada ao jornalismo e à defesa da revolução e da independência de Moçambique. Seja-me relevada a falha.

O.L.

cadernos do  
**terceiro  
mundo**

## Assinaturas

### Portugal e Espanha

anual (12 números) ..... 650\$00  
semestral (6 números) ..... 400\$00

### Estrangeiro — Anual (12 números)

por via aérea

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe  
23 dólares USA.

Restantes Países ..... 28 dólares USA

## Três livros da Tricontinental Editora



Na foto acima, a mesa que apresentou o livro de Sérgio Ribeiro. Da esquerda para a direita, o nosso companheiro Carlos Pinto Santos, o embaixador Corsino Tolentino, o antigo presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, Sérgio Ribeiro e Baptista da Costa, da Central Distribuidora Livreira (CDL). Ao lado, uma das fotos que preenchem 24 páginas do livro de Carlos Gil. Na página do lado, a capa do "Guia do terceiro mundo"

**T**RÊS lançamentos marcaram a actividade editorial da equipa de Lisboa de "cadernos" durante o mês de Julho. A iniciar a nossa "Colecção Terceiro Mundo", que irá abarcar um vasto campo temático de perspectiva terceiro-mundista, publicámos, "Sobre a Unidade no Pensamento de Amílcar Cabral", de Sérgio Ribeiro, e "El Salvador. O caminho dos guerrilheiros", de Carlos Gil. O terceiro lançamento foi a edição de 1983 do "Guia do Terceiro Mundo", suplemento anual de "cadernos" cujas versões anteriores (1980 e 1981) atingiram tiragens próximas dos 40 mil exemplares.

O livro de Sérgio Ribeiro — essencialmente a intervenção do autor do Simpósio Internacional Amílcar Cabral realizado na Cidade da Praia em Janeiro deste ano — teve a sua apresentação, a 8 de Julho, enquadrada nas comemorações do oitavo aniversário da independência da República de Cabo Verde organizadas em Lisboa pela Associação de Amizade Portugal-Cabo Verde (AAPCV), Associação de Ca-

bo-verdianos e Embaixada de Cabo Verde.

O embaixador deste país em Lisboa, Corsino Tolentino, que uma prolongada estadia em Cabo Verde impossibilitou a entrega a tempo de um prefácio ao livro — que se juntaria aos prefácios de Vasco Cabral, secretário permanente do Comité Central do PAIGC, e de Alfredo Moura, estudioso das realidades cabo-verdiana e guineense —, fez na sede da AAPCV uma profunda intervenção sobre o tema que representou um valioso "prefácio oral". Corsino Tolentino, que tomou lugar na mesa dirigida pelo antigo presidente da Assembleia da República e actual presidente da Assembleia Geral da AAPCV, Vasco da Gama Fernandes, classificou o texto de Sérgio Ribeiro "um importante contributo para que cabo-verdianos e guineenses se conheçam cada vez melhor".

"El Salvador. O caminho dos guerrilheiros", do nosso colaborador Carlos Gil, foi lançado no dia 11 de Julho numa sessão que reuniu jornalistas, cantores, artistas, escritores e militares do 25 de Abril.

# Guia do terceiro mundo



1983

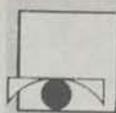
Economia  
História  
Geografia  
Política

Mapas  
Fotografias  
Dados Estatísticos  
de Todos os Países  
do Mundo

O livro — prefaciado pelo escritor José Cardoso Pires — é uma longa reportagem escrita e fotográfica, resultado de uma estadia de três semanas nas zonas controladas pela Frente Farabundo Martí em que Carlos Gil partilhou com os guerrilheiros salvadorenos o quotidiano de guerra vivido nas montanhas do "pulgarcito de América". Completam o livro uma cronologia da história de El Salvador (1932-1982), dados gerais sobre o país, mapas das regiões político-militares e uma parte final de anexos que habilitam o leitor a uma panorâmica bastante correcta da situação vivida na América Central.

Finalmente, numa sessão muito concorrida nas instalações da "Voz do Operário" foi apresentado a 26 de Julho o "Guia do Terceiro Mundo-1983". São 500 páginas com 400 mapas, 500 fotos, 200 quadros e gráficos, um mapa-mundi a cores. A edição do "Guia" deste ano inclui, pela primeira vez, fichas estatísticas e mapas dos chamados "países do norte" e novas secções onde são abordados temas como o direito do mar, breve história da Terra e do aparecimento do homem, factos da década de oitenta, história da descolonização, novas biografias de líderes do Terceiro Mundo e relato pormenorizado da Cimeira do Movimento dos Países Não Alinhados de Nova Deli.

n.º 55/Agosto 1983



# CACHAPUZ

1928 • MAIS DE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA DE FABRICO • 1983



-INTERNATIONAL TROPHY FOR QUALITY-, 1979-1980-1981-1982  
-INTERNATIONAL AWARD TO EXPORT-, 1982

O MAIOR FABRICANTE E EXPORTADOR PORTUGUÊS DE  
**EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM**

BÁSCULAS E BALANÇAS DE  
TODOS OS TIPOS PARA



- INDÚSTRIA
- AGRICULTURA
- PECUÁRIA
- PESCAS
- COMÉRCIO
- MINAS
- TRANSPORTES

EXPORTADOR PARA

- CUBA
- ANGOLA
- MOÇAMBIQUE
- MARROCOS

JOSÉ DUARTE RODRIGUES, LDA.  
TELEF. 73604/73606 - TELEX 32125 CAXPUZ P  
APARTADO 12 - 4701 BRAGA CODEX - PORTUGAL

- BENGUELA  
Livreria 10 de Fevereiro
- BIÉ  
Livreria 11 de Fevereiro
- CABINDA  
Livreria Lunda  
Quiosque Maiombé
- CALULO  
Livreria 17 de Setembro
- DONDO  
Livreria 2 de Março
- GANDA  
Livreria 1.º de Maio
- HUAMBO  
Livreria 8 de Fevereiro  
Quiosque Albano Machado
- HUILA  
Livreria 27 de Março
- K. KUBANGO  
Livreria Kilamba
- KUANZA-NORTE  
Livreria 10 de Dezembro
- KUANZA-SUL  
Livreria Anibal de Melo
- LOBITO  
Livreria 11 de Novembro
- LUANDA  
Casa da Venda  
Armazém Venda Grosso  
Quiosque 4 de Fevereiro  
Livreria Centro do Livro  
Livreria Augusto N'Gangula  
Livreria 4 de Fevereiro
- LUNDA-NORTE  
Posto de Venda
- LUNDA-SUL  
Livreria Deolinda Rodrigues
- MALANGE  
Livreria 1.º de Agosto  
Quiosque N'Dongo
- MÓXICO  
Livreria 14 de Fevereiro
- NAMIBE  
Livreria Lutuima
- NEGAGE  
Livreria Saily Mingas
- SOYO  
Livreria Lundogi
- UÍGE  
Livreria 10 de Dezembro
- ZAIRE  
Livreria Sagrada Esperança

LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO



são as tarefas da EDIL.



Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didáctico e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de cadernos do terceiro mundo para todo o território angolano.

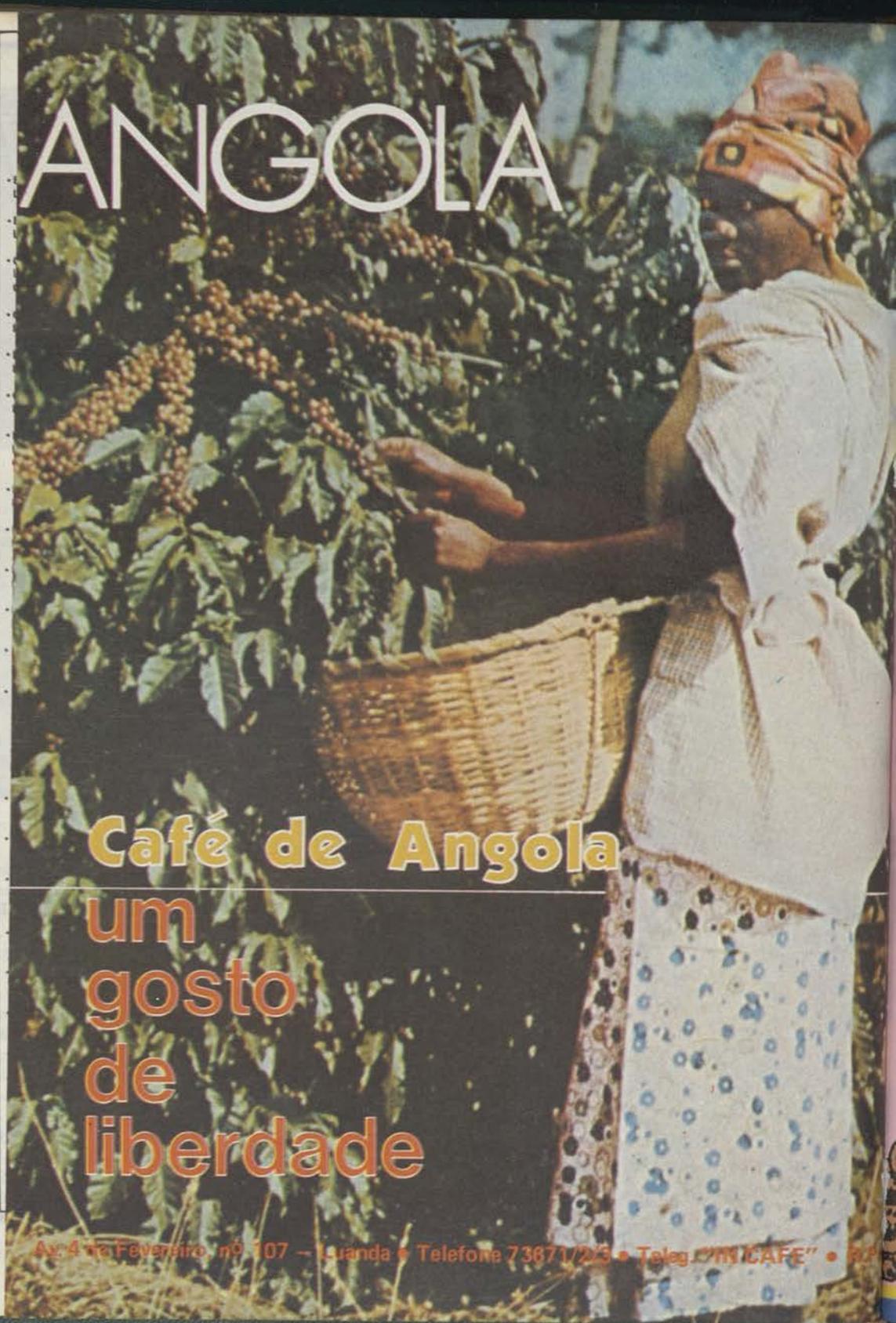
**EDIL** Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245 — Rua da Missão, n.º 107/111  
Luanda - República Popular de Angola

*Os diamantes  
de Angola  
são mais  
brilhantes*

*Estão agora a serviço do povo  
e da reconstrução nacional*

Companhia de Diamantes de Angola

# ANGOLA

A woman wearing a white headwrap and a white shawl over a patterned skirt is harvesting coffee beans in a plantation. She is holding a large woven basket. The background shows coffee trees with green leaves and clusters of brown coffee cherries.

**Café de Angola**  
um  
gosto  
de  
liberdade